

J. M. MAGEDO

O

CULTO

DO DEVER

.9332

lc

O CULTO DO DE

LIBRARIA LE
CALLE DE S. A.
- 1872 -

O CULTO DO DEVER

LIBRARIA LEIA
C. DEB. - BOGANA, 251 & 2
CA. POSTAL 7139 - TEL. 3-2217
- SÃO PAULO -

JOAQUIN

O CULTO

ROMA

Handwritten signature

Handwritten text



Ed. in Roma - 18

18

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

O CULTO DO DEVER

ROMANCE

Helio Lopes



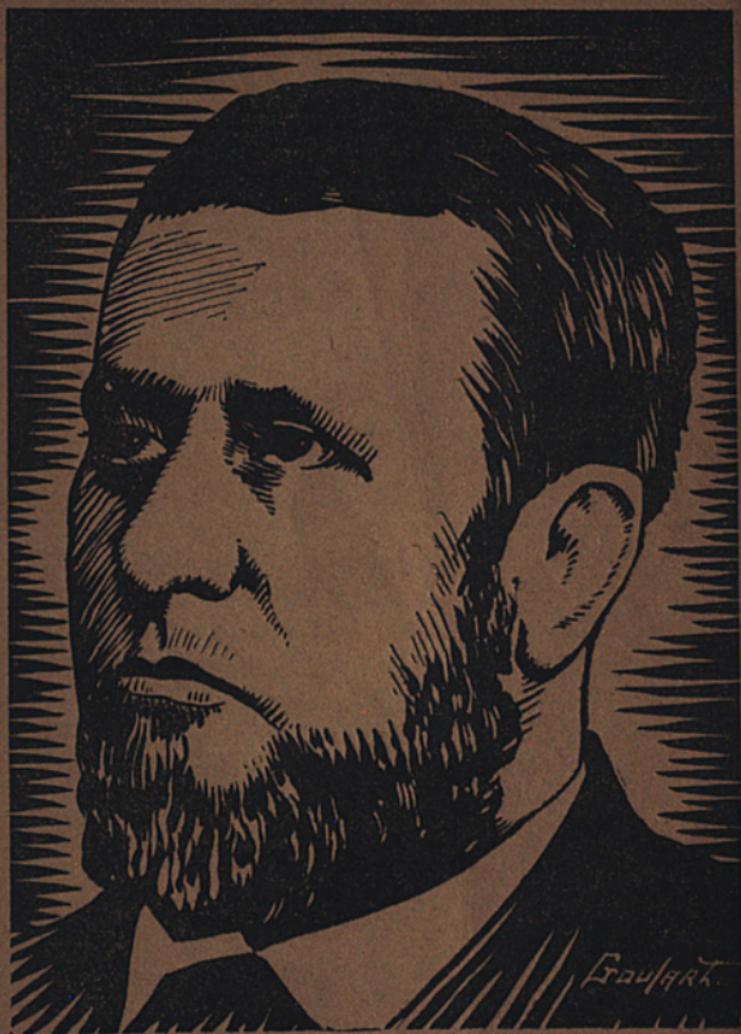
H2 608


Editora Aurora

RUA DO NUNCIO - 64
RIO

HL
869.9332
M141c





JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

Esse nome de
homem de família
cripçada não de
se em coisa mais
conhecida e não se
fazia com
se a consuetude
não vista e a
— Igneo e pa-

de-
de-

— Para impo-

o em parte e discor-

na se. São apen-

podido em bre-

nao mui-
de-

de- e o compo-

de-

de-

de- e o compo-

de-

de-

de- e o compo-

de-

de- e o compo-

de-

O CULTO DO DEVER

Há quinze dias, pouco mais ou menos, um homem de fisionomia muito agradável, apesar dos cinqüenta anos de idade que devia ter, apresentou-se em minha casa; era para mim inteiramente desconhecido e não quisera anunciar-se pelo seu nome.

Recebi-o como me cumpria, mas não pude vencer a curiosidade que me inspiravam a sua inesperada visita e o incógnito que êle guardava.

— Ignoro a quem tenho a honra de dirigir-me, disse-lhe.

— Pouco importa o meu nome, respondeu-me, é um pobre e obscuro nome que ouvira pela primeira vez. Sou apenas um seu patrício que vem pedir-lhe um favor, dando-lhe uma prova de merecida confiança.

Agradei o cumprimento e esperei ouvir o pedido.

O desconhecido tirou do bolso um manuscrito que me pareceu pouco volumoso, e entregando-mo, disse :

— Confio-lhe estes papéis; peço-lhe que os leia com atenção; não é um romance, é uma história

que escrevi sem pretensão, sem atavios, sem imaginar episódio algum para dar-lhe ou aumentar-lhe o interesse; é a mais simples, porque é a mais verdadeira das histórias.

— Mas falou-me em pedir-me um favor, e o prazer que terei lendo êste romance ou esta história, não é certamente o favor que lhe devo fazer.

— Não é, não; o favor que desejo merecer é que, se depois de lêr o que escrevi, relatando fatos de que fui testemunha, julgar que vale a pena a publicação dessa história, apadrinhe-a com o seu nome, e a entregue à luz da imprensa; se porém, não reputá-la digna do conhecimento do público, no fim de um mês eu voltarei para receber o meu manuscrito infeliz.

— Proponho a mais justa modificação a uma das condições com que me entrega o seu trabalho.

— E qual é?

— Ao invés de tomar para mim a glória ou a responsabilidade de um romance ou história, de que não sou autor, se eu a fizer imprimir, dar-lhe-ei por introdução ou prólogo a narração do que se está passando na visita com que me honra.

— Insiste na modificação que propõe?

— Positivamente.

— Nesse caso submeto-me a ela.

— Estamos de acôrdo.

O desconhecido, o autor incógnito que teimou em não confiar-me o seu nome, e que até hoje não me tornou a aparecer, apertou-me a mão e retirou-se.

Respeitando êste mistério, e nem mesmo procurando esclarecê-lo, cumpro a promessa que fiz, oferecendo aos leitores do **Jornal do Comércio** a muito simples história de **Angelina**.

Ninguém espere encontrar nela nem o delírio das paixões, nem fatos extraordinários e sucessos surpreendentes que arrebatam a imaginação ou enredam o espírito.

E', como já disse, uma história de extrema simplicidade; mas na qual encontra-se ao menos uma sublime lição:

A lição do **dever**.

I

Uma jovem tão modesta como formosa impôs-me o sacrificio de queimar as breves páginas que, há dois dias, acabei de escrever e que, a seu despeito, vou entregar ao domínio do público.

Queimá-las! essas inocentes páginas, por mim escritas, resistiram já à prova do fogo dos belos olhos daquela que as condenou.

Sou acusado de uma traição; porque não respeitei o sigilo de fatos passados no lar de uma família que me abre seio amigo, e que sôbre êles me recomendou o preceito do silêncio.

Não farei questão de palavras; seja traição o que pratiquei, o que, obstinado, vou ainda fazer, imprimindo o meu escrito.

Seja traição.

Há, porém, uma traição que não pode envergonhar o traidor descoberto ou confesso.

E' a traição daquele que revela um segredo que honra a pessoa traída, e que a nenhuma outra desabona ou prejudica.

E' a traição do admirador acertadamente indiscreto, que rompe o véu da modéstia com que se envolve e se oculta uma nobre e santa virtúde.

E' a traição das auras que denunciavam a violeta escondida, espalhando a suave fragrância que ela respira.

E' a traição do eco que repete um canto de amor puro, confiado a medo e em deshoras à solidão.

Seria a traição de um turíbulo bem merecido que incensasse um anjo que, ocultando-se em uma nuvem, não quisesse adorações e as obrigasse.

Em tais casos, tão mal chamada traição é um verdadeiro dever; a vítima traída cora acendendo-se em virginal pudor; mas perdoa o leal indiscreto que ousa traí-la e que enlevado a contempla, abençoando-a.

Perdoa e deve perdoar, porque a revelação de uma virtude é bálsamo celeste que suavisa a humanidade enregelada pela indiferença, quando não ressecada pela aridez do egoismo.

Perdoa, sim, porque a violeta não maldiz das auras, nem o cantor apaixonado maldiz do eco. nem o anjo maldiria do turíbulo, que, embora traidores, têm a escusa da traição no amor e no culto que são devidos à pureza e ao mérito.

Seja eu pois traidor, e mais do que descober-

to, um traidor confesso e contumaz; traidor que sabe que o é, e não se arrepende de o ser; que teima e se ufana de sê-lo.

E seja esta singela história, que resumidamente vou contar, o corpo do delito que cometo; pouco importa; apelarei da sentença da vítima da traição para o tribunal do público, que me absolverá.

E à vítima uma só concessão arrancada ao meu respeito: trocarei seu nome por outro que a deixará incógnita para muitos.

Chamá-la-ei **Angelina**; é também um nome que perfeitamente se harmoniza com o seu rosto e com o seu coração.

Angelina vem de anjo; é um nome que assenta em quem brilha pela formosura e arrebatada pela virtude.

Escondendo o nome, respeitei tanto quanto podia o segredo da família.

Se ainda assim alguns reconhecerem a nobre e jovem senhora de quem vou falar, a culpa é dela.

Se a violeta não respirasse fragrância suave, ninguém a iria descobrir pela traição das auras; se o amante apaixonado não entoasse um cânto, o eco não repetiria suas vozes.

A virtude e a formosura de uma mulher também têm harmonias e fragrância que as denunciavam, apesar da modéstia e da solidão, em que elas se escondem.

Defendi-me como pude; agora vou obstinadamente cometer a minha traição.

II

Angelina completou vinte anos a 6 de janeiro de 1864.

Essa data traz-me à memória uma bela noite de festa de família, e a suave revelação de um amor inocente e puro que então observei com a zelosa curiosidade de amigo.

Antes de falar-vos dessa noite, é justo que vos diga, relativamente à Angelina, algumas palavras de simples apresentação.

Filha única e abençoada, embora nascida no seio de humilde fortuna, Angelina teve no berço e na infância duas Providências a cercá-la de incessantes desvelos, dois gênios a adivinhar-lhe e satisfazer-lhe as ambições, duas vidas a sentirem-se felizes com os seus sorrisos e as suas alegrias.

O amor de seus pais era tão estremecido como providente e sábio; parava diante da condescendência que se torna fraqueza comprometedora da educação.

Leonídia morreu prematuramente, deixando a querida filha com oito anos de idade; quando pelo última vez a abraçou, mostrou-lhe Domiciano que, de joelhos junto do leito, testemunhava chorando aquela extrema despedida, e disse-lhe com o sorrir da confiança nos lábios e com lágrimas de dôr a correrem-lhe dos olhos:

— Angelina, eu morro; agora teu pai vai ser também tua mãe.

E uma hora depois expirou.

Os moribundos algumas vêzes são videntes: tão perto da eternidade, não é muito que em suas almas brilhe já então a luz que deixa lér no futuro.

Leonídia profetizara.

Domiciano amou sua filha ainda mais do que dantes, amou-a com amor maternal.

Homem de têmpera rígida e probidade severa, homem para quem em tôdas as relações da vida tudo se resolvia com a maior simplicidade, resolvendo-se tudo pelo dever, Domiciano parecia não ter uma natureza favorável a essas afeições suavíssimas que testemunham a brandura dos corações onde florecem.

A regra da vida de Domiciano podia a muitos afigurar-se embaraçosa; a êle mostrava-se sempre fácil; era o mesmo homem em todos os casos, em tôdas as resoluções, em todo procedimento; como cidadão exercendo seus direitos, como empregado público servindo ao Estado, como simples membro da sociedade, ou como chefe de família, êle só se guiava pelo dever.

Como todos os homens de probidade austera, havia em seu caráter alguma coisa de escabroso; era pouco expansivo, e julgava tão severamente as ações dos outros como as próprias.

Pois êsse homem que nunca se dobrara a influência alguma, achou enfim no mundo um poder que avultou mais do que o poder que tivera Leonídia, e que, sem abalar os fundamentos do seu sentir e do seu proceder na sociedade, sem fazê-lo corar por ofensa aos ditames da consciência,

abrandou-lhe a severidade do caráter, e dominou como soberano em seu coração.

Esse poder foi o amor de Angelina, amor que se duplicara depois da morte de Leonídia; porque Domiciano amou em Angelina a filha que Deus lhe conservara, e a espôsa que Deus chamara para si.

Empregado público de uma categoria elevada, mas não tendo outros recursos além dos vencimentos que recebia do Estado, aquêlê pai extremoso fêz milagres de economia para dar a Angelina uma educação esmerada e completa.

O pobre e amoroso pai trabalhava de dia sem cessar, e de noite roubava horas ao sono para pensar na educação e no futuro de sua filha.

Educação e futuro eram duas idéias que o espírito daquele pai estremecido ligava em um só cuidado, compreendendo que quase sempre a educação prepara o futuro da vida.

— E' o único dote que posso dar-lhe; dizia êle muitas vêzes.

E com efeito deu à filha um rico, um imenso dote, porque Angelina reuniu a uma suficiente e conscienciosa instrução literária, e ao cultivo das belas-artes mais próprias do seu sexo, uma séria educação religiosa e o conhecimento de quanto é necessário para que a jovem donzela venha um dia a tornar-se uma boa mãe de família.

Herdeira das virtudes suaves de sua mãe, Angelina recebera igualmente a marca distintiva do caráter de seu pai.

Para ela a observância do dever era também uma religião.

Na doce benignidade do seu sexo, não podia ser austera como seu pai em relação aos outros; era fácil em desculpar alheios erros; mas não perdoaria iguais em que ela mesma incorresse.

Sob o ponto de vista moral, Angelina era digna de seus pais.

III

Domiciano tinha sido e foi sempre fiel à memória de Leonídia.

Não sofismou com a necessidade dos cuidados vigilantes e da educação doméstica que o seu amor queria que não faltassem um só momento a Angelina para dar a esta uma madrasta.

Jurara eterna fidelidade a Leonídia, guardou-lhe fidelidade de além túmulo.

Angelina teve por companheira e diretora depois da morte de sua mãe, uma irmã de seu pai, a tia Plácida, como se habituou a chamá-la.

Mas no fim de breves anos a tia Plácida, escapando a uma grave enfermidade, ficou parálitica.

A casa de Domiciano teria sido uma triste solidão se não fôra Angelina.

Uma pobre senhora parálitica, e um homem de tanta gravidade e rigidez não poderiam atrair a sociedade que ameniza a vida, e empresta amigüido às noites silenciosas.

Domiciano amava o retiro e o descanso, isolado no seio da família.

Angelina triunfou em breve dessas disposições melancólicas; menina e alegre, precisava das companhias, da sociedade, como a ave dos bosques precisa de espaço.

Seu pai não era bastante rico para levá-la frequentemente aos bailes, onde o luxo e a ostentação da riqueza é uma lei bem lamentável para as senhoras.

Angelina não se doeu dessa privação quase constante, porque Domiciano soube contentá-la com escolhidas relações de famílias aparentadas ou amigas.

Dentro de pouco tempo a casa de Domiciano tornou-se um ponto de reunião modesta e amena desejado com empenho, mas só reservado ao merecimento.

Angelina transformara a árida solidão em paraíso.

O milagre tinha fácil explicação.

Angelina resplendia com o viço da mocidade e com o fulgor da beleza; jovem, esbelta sem magreza, pálida sem languidez, tinha na frente elevada o cunho da inteligência, nos longos e ondedos cabelos pretos, e nos olhos negros cheios de fascinação, na delicadeza das mãos e dos pés, e na graça do sorriso o condão de atrair tôdas as vistas e de avassalar corações; encantava pela voz, pelo olhar, pelo andar, pelos modos, pelo agrado natural, pela bondade da alma, que falava em suas palavras, sorria em seus lábios, fulgurava em seus

olhos, encantava ainda mais pela modéstia e pela inocência que transpirava de todo o seu proceder.

Ajuntai a isso as prendas que a enriqueciam; o piano, a harpa respondendo com harmonias do céu ao toque de seus dedos, sua voz suavíssima dando vida às inspirações de Bellini, de Meyerber e de Mercadante; seu espírito esclarecido, nunca, porém pretencioso, conhecendo a história dos homens que pensam, dos planetas que radiam, e das flôres que respiram perfumes; ajuntai a tudo isso, o que mais importa, a pureza dos sentimentos, o amor de Deus, o culto do dever, e fareis idéia dos encantos de Angelina.

Moça expansiva e alegre, era contudo dotada de uma sensibilidade esquisita que a preparava para extremos no amor e para exagerações no sofrer. O aspecto de um homem desgraçado a fazia chorar; não acreditava nas aparições de além túmulo, nem nas sombras aterradoras e sobrenaturais; mas não ousava entrar de noite em uma sala sem luz, estremeceia a um grito inesperado, desmaiava de susto ao anúncio de um perigo real, e tremia escutando a narração de um assassinato, ou de uma morte desastrosa, como se abalava horrorizada ouvindo a história de uma guerra e a descrição de uma batalha.

Era o verdadeiro tipo de uma mulher delicada, fraca e nervosa.

A alguns parecerá isso um defeito; a mim me parece, não direi um dom precioso, ao menos, porém, uma condição natural.

A cada sexo seu caráter próprio.

Um homem afeminado é uma caricatura insuportável.

Uma senhora varonil é exceção que às vezes se admira com os olhos, mas que nunca se aplaude com o coração.

Perdoa-se tanto em uma mulher o terror ainda mesmo infantil, como no homem a bravura temerária e inconsiderada.

A princesa de Lambale desmaiando ao sentir o cheiro de certas flôres, é mais agradável e mais simpática do que a imaginada Brandimarte combatendo ousadamente com os paladinos de Ariosto.

A mulher deve ser mulher. *é homem, não mulher*

E Angelina o era, talvez com excesso de sensibilidade, mas com todos os encantos, com tóda a delicadeza e com tódas as virtudes que fazem da mulher a querida soberana do homem.

IV

A noite era de festa.

A reunião era mais numerosa do que de ordinário; compunha-se todavia somente de amigos e parentes de Domiciano já habituados a encontrar-se ali no paraíso de Angelina. Entre senhoras e cavalheiros trinta pessoas, e das trinta uma só para mim desconhecida.

Era um elegante mancebo de pouco mais de vinte anos, moreno, de belos olhos, de lindíssimos

dentes, trajando com o melhor gôsto, e parecendo encantado da sociedade em cujo seio se achava.

Era noite de festa, disse eu, a noite de 6 de janeiro de 1864.

Em dois aparadores viam-se belos ramalhetes de preciosas flôres, tributos de amizade, sinais de felicitação à bela moça, que completára vinte anos.

Domiciano, o pai extremoso, radiava de alegria, esquecendo os olhos eloqüentemente embebidos no rosto de sua filha, e fôsse ela para um ou outro lado da sala, os olhos lá lhe iam com o coração sem dúvida perdidos na enlevada contemplação do seu amor tão mimoso e puro.

Angelina estava vestida de branco com uma simplicidade arrebatadora. Seu único enfeite era um ramozinho de violetas no peito. Pela primeira vez cheguei a duvidar da modéstia de Angelina; pareceu-me vaidosa/ naquela admirável simplicidade que deixava ostentando-se em tôda a sua opulência os seus encantos naturais.

Angelina nunca me tinha parecido tão formosa.

Havia ainda em seu rosto um não sei que de mimosa e suave alteração fisionômica, em seu olhar um não sei que de vago e anhelante que a embeleciam muito mais.

A princípio supus que a festa dada em aplauso do seu aniversário natalício impressionava fortemente aquela natureza tão suscetível.

Perdi-a de vista por alguns momentos, e não

posso explicar o porque, esquecendo Angelina, procurei com os olhos o mancebo moreno.

Encontrei-o perto do piano, olhando para o corredor por onde acabava de sair Angelina.

O seu olhar pareceu-me cheio de fogo; mas, já disse, êle tinha belos olhos e os olhos belos têm flamas.

Além disso é bem natural que um mancebo contemple e admire uma jovem formosa.

Entretanto aquêle olhar causara-me impressão, e o mancebo pálido me inspirava simpatia.

Eu havia chegado um pouco tarde, e Domiciano se esquecera de apresentar-me ao novo amigo, para mim desconhecido.

Dirigi-me ao pai de Angelina, e perguntei-lhe quem era êsse elegante jovem.

— E' uma amizade herdada, respondeu-me Domiciano; fui amigo de infância de seu pai, falecido há dois anos.

— Então dou-me os parabens; porque simpatizo com êle.

— E parece-me digno da nossa estima; está na cidade há poucos dias; queria seguir para a Europa no paquete inglês, que deve sair; mas não achou lugar e demora-se por isso na nossa capital a espera do vapor francês.

— Vai completar seus estudos na França ou na Alemanha?...

— Não; vai a Portugal, onde tem parentes e bens, e deve concluir importantes negócios de fa-

mília, para o que foi encarregado por sua mãe e seus irmãos.

— Já sei de mais para a minha exagerada curiosidade; disse eu, querendo pôr termo à conversação sobre êsse ponto.

— Mas agora, tornou-me Domiciano, cumpre que eu lhe apresente o meu jovem amigo.

A apresentação, muita obsequiosa para mim, fêz-me agradável a Teófilo, que assim se chama o mancebo moreno.

Conversamos ambos durante dez minutos, como homens que se preparam para ser amigos por todo o resto da vida.

Teófilo recomendava-se não só por sua presença insinuante, como pela fina educação que recebera.

Falava-me com desembaraço e gravidade, e ao mesmo tempo deixava-me adivinhar a amenidade do seu espírito, na agudeza de algumas observações; logo, porém, que Angelina entrou de novo na sala, notei que êle se distraía e se perturbava.

Por mim e por êle compreendi que o devia deixar. Apertei-lhe a mão e afastei-me.

Pouco depois valsava-se.

Teófilo, cingindo Angelina pela cintura delicadíssima, voava com ela em tórno da sala, bebendo com fervor o ar que a bela jovem respirava, trocando com ela o palpitar dos corações que tão de perto se sentiam, e flamas abrasadas que despediam os olhos.

Na valsa há uma espécie de arrebatamento em

que as almas dos que dansam deixam-se em fervorosa expansão enlevar pelo movimento acelerado dos corpos que obedecem à música transportadora de Strauss.

Enquanto os corpos voam nas asas dêsse **alegro** tão cheio de fervente magia, as almas que se olham pelos olhos daqueles cujos braços se entrelaçam e cujas mãos se encadeiam, como que se reputam livres dos observadores, e se falam uma à outra, e se dizem ternuras e se fazem confissões que as bôcas não ousariam.

E' que, desde que começa a valsa, a jovem que cansa sente logo no seu cavalheiro um amigo e um protetor que a abraça pela cintura, que a sustém e ampara naquelas voltas precipitadas, que partilha com ela o mesmo ar que respira, que tem os olhos embebidos em seu rosto, que sorri para ela, e que naqueles momentos de cadenciado arrebatamento não vive senão para ela, não pensa e não cuida senão nela.

Angelina gostava de valsar; mas nessa noite parecia dominada pelo enlevo da valsa. A moça delicada e fraca não sentia fadiga, nem reclamava descanso. Se alguma vez Teófilo cuidadoso lhe perguntava se queria parar: — valsemos — respondia ela, e seu corpo ligeiro se arrojava gracioso em voltas pela sala; dois anéis de seus cabelos voavam soltos, tocando às vêzes nos lábios de Teófilo que se sorria ao doce contacto; com o seio palpitante, com a bôca levemente aberta, com o rosto ainda mais animado pelo movimento rápido e in-

cessante da vivíssima dança, Angelina repetia sempre — valsemos —, até que a música cessou, e o seu cavalheiro a levou a uma cadeira, onde ela se sentou, ofegando de cansaço.

Eu estava sentado muito perto e vi Domiciano aproximar-se logo de Angelina, que descuidosa acompanhava com os olhos Teófilo, que a deixara.

— Como estás fatigado, Angelina! disse-lhe o pai. /a

A moça voltou os olhos, estremecendo como a um choque elétrico.

— Sentes algum incômodo?

Ela sorriu-se e respondeu com indizível graça:

— Nunca me senti melhor.

— Ainda bem, tornou-lhe o pai; mas é verdade que também nunca valsaste com tanto ardor.

Pronunciando estas palavras a voz de Domiciano não levava o tom de um reparo zeloso, mas unicamente o do meigo cuidado do amor paternal.

Todavia as faces de Angelina tingiram-se de púrpura, e ela mal pôde disfarçar uma súbita confusão.

V

Eu tinha já começado a compreender o que se estava passando no coração de Angelina.

A sua valsa sem fadiga, o seu estremecimento nervoso, o pejo que enrubecera suas faces e a confusão que a enleirara me revelaram o mais mimoso segredo.

Angelina amava, e o seu amor interessava-me.

O porque é fácil de explicar.

Amigo de Domiciano, tendo visto crescer a linda menina que se tornou moça formosa, estimando-a muito pelos seus dotes, pelas suas virtudes, não me era possível ser indiferente a êsse sentimento que tanto podia influir sôbre o seu futuro.

Devo ainda confessar, conhecendo Teófilo apenas há uma hora, já simpatizava tanto com êle, que se me afigurava um designio da Providência disfarçado nessa quimera que chamam acaso, aquêlê encontro dos dois jovens, aquela contrariedade que demorara por quinze dias a viagem de Teófilo, e êsse pendor dos dois corações que tão suavemente se estavam já falando e entendendo.

Além disso aprazia-me realmente acompanhar, estudar, apreciar o primeiro amor de Angelina.

Porque êsse era por certo seu primeiro amor.

Educada com esmero no seio do lar paterno, longe das sociedades ruidosas, deslumbrantes, mas tantas vêzes estragadoras dos sentimentos e do coração da donzela, Angelina era aos vinte anos uma moça de tanta inocência e pureza, como nessa idade pode sê-lo a mais inocente e pura; a instrução que recebera lhe anunciava mistérios que ela vagamente lobrigava, e que sua educação não lhe permitia compreender bastante. Havia em seu espirito uma mistura de ciência e de ignorância sôbre o amor e o casamento, nas lições que seu pai lhe tinha dado, tanto culto ao dever, e na sua natureza, no seu organismo, tão mimosa sensibili-

dade, que sem a menor dúvida o primeiro amor dessa jovem formosa devia oferecer ao observador amigo um estudo tão curioso como interessante.

Por zêlo de amizade, e também um pouco por curiosidade invencível, eu fixei minha atenção em Angelina e em Teófilo.

Vi o que todos adivinham, vi o que sempre se observa em tais casos, vi que a bela moça e o elegante mancebo se procuravam com os olhos, e que, quando suas vistas se encontravam, um doce enleio se apoderava de ambos; que ambos voltavam para outro lado as vistas como temerosos de haverem sido apanhados em êrro ou culpa; Teófilo perturbando-se, Angelina corando.

Até aí nada de novo, nada que não fôsse natural em um mancebo que não era sedutor, em uma jovem que ainda era inocente.

Até aí eu percebi apenas as primeiras emanações de um afeto angélico de duas almas virginais. que o amor aproxima e que o pudor afasta encantadoramente.

Mas um pai extremoso acudiu, sem o pensar, em auxilio da filha já evidentemente enamorada.

A fadiga da valsa tinha cedido ao descanso.

O coração de Domiciano não se agitava mais pelo abalo do seio ofegante de Angelina.

— Não cantas hoje? perguntou-lhe, fazendo na pergunta um verdadeiro pedido.

— Devo ser a primeira a cantar?

— Como bom exemplo.

Angelina levantou-se, foi para o piano e cantou.

Escolheu uma peça repassada de suavíssima ternura; cantou a ária de Eleonora do Torquato Tasso, de Donizetti.

Cantou com gôsto e consciência, e, melhor do que isso, cantou com sentimento e paixão.

Angelina possuía um tesouro em sua voz; tinha uma voz cheia de penetrante doçura, voz que falava ao coração.

Ouví-la cantar era aplaudí-la por fôrça.

Todos a aplaudiram naquela noite mais do que em nenhuma outra; todos aplaudiram, todos, menos Teófilo.

Como atraído por irresistível poder, o mancebo, enquanto Angelina cantava, foi passo a passo e certamente sem pensar que o fazia, chegando-se para o piano, onde enfim parou enlevado, às vêzes cerrando os olhos e como se quisesse naqueles momentos de suavidade indizível viver sòmente pelos ouvidos, e às vêzes atônito fitando-os ardentes no rosto de Angelina.

A jovem deixou o piano sorrindo aos bravos e às felicitações dos seus amigos, e Teófilo viu-a passar perto dêle sem dirigir-lhe ao menos uma palavra de simples cortezia.

Eu nunca observara silêncio mais eloqüente: o mancebo parecia abismado na admiração.

Angelina cantava excelentemente; mas nem por isso, nem pela doçura de sua voz, nem pela

sua maestria na execução se poderia explicar bem a impressão extraordinária que produzira em Teófilo.

Correndo com a vista observadora todos quantos acabavam de ouvir Angelina, pude notar que no fim de alguns minutos, só em dois únicos semelhantes perdurava ainda viva e forte a sensação deixada pelo deleitoso canto: no de Domiciano que expansivo, risonho, e, direi, orgulhoso contemplava sua filha com os olhos úmidos de lágrimas entornadas pela mais profunda satisfação; no de Teófilo que imóvel e absorto parecia ainda escutar repetida em sua alma a doce melodia que o transportara.

E por coincidência que nem posso reputar notável, Angelina se sorria alegre ao contentamento de seu pai, e de relance, mas repetidas vêzes, observava a admiração e o enlevamento de Teófilo.

Eram três corações palpitando com harmonia de sentimentos, três almas a corresponderem-se pelo magnetismo do amor, que em Domiciano e Teófilo exagerava as doçuras do canto de Angelina.

Porque o amor exagera o que a indiferença não sente e o que a inveja amesquinha.

Mas a enlevação de Teófilo fatigou-me; aproximei-me sem que êle me visse, toquei-lhe no braço e disse-lhe:

— Acorde.

O mancebo abafou um suspiro, sorriu-se levemente e respondeu-me:

— Eu não dormia.

— Pareceu-me...

Tornou a sorrir-se, e pondo maquinalmente a mão direita sôbre o coração que palpitava agitado, tornou-me:

— Não lhe pareceu, graceja; mas é certo que não se engana no que pensa e não julgou dever dizer-me.

— Como?

— Eu não dormia; ouvia.

Fomos interrompidos por Domiciano que nos convidava para a ceia.

VI

Sentei-me à mesa ao lado de Plácida, que dois criados tinham conduzido na cadeira, da qual a pobre paralítica não se podia levantar.

A tia Plácida era uma senhora de cinqüenta anos de idade, que nunca, nem na mocidade, fôra bonita, mas que ainda ao envelhecer conservava, como devia conservar sempre, um encanto que não se perde com o tempo que enruga o semblante mais lindo, e torna brancos os mais formosos cabelos, conservava aquela indefinível expressão fisionômica que deixa ler no rosto a bondade inata do coração.

Era uma excelente senhora que nunca se casara e não sabia invejar a felicidade das noivas.

Profundamente religiosa, religiosa até à fraqueza que aceita prejuízos, como se fôsem dogmas; benéfica, paciente, delicada a seu irmão, e cega adoradora de sua sobrinha, a tia Plácida, que assim

familiarmente a chamavam Angelina e todos os seus amigos era uma santa mulher.

Ela não tinha aparecido na sala porque, apesar de paralítica, presidia com o maior zêlo o governo da casa, e na noite da festa da sua querida Angelina quisera ostentar ainda mais esmero naquele cuidado.

Sentei-me junto dessa minha boa amiga; não perdi porém de vista os meus dois prediletos.

Teófilo e Angelina estavam defronte um do outro.

Sorri-me, vendo o acaso que os colocara em posição tão favorável para se contemplarem sem esforço e quase naturalmente.

O acaso às vêzes multiplica-se por cem em cada dia, em cada noite, para auxiliar os namorados.

A tia Plácida gostava muito de conversar; mas naquela noite esquecia-se de mim para não tirar os olhos de Angelina.

Para entender com a tia Plácida queixei-me disso.

— Tem razão, disse-me ela; hoje porém sou tôda de Angelina; parece-me vê-la no berço, depois observá-la dando os primeiros passos tão engraçada, linda, como um anjo que Deus Nosso Senhor nos tivesse mandado do céu.

— E agora está tôda orgulhosa; porque aquela que foi linda menina não é menos moça formosa.

— E' verdade! é verdade! benza-a Deus!

Eu deixei a tia Plácida inebriar-se por muito

tempo com aquêle inocente deleite do coração; mas de súbito ela voltou o rosto para mim e perguntou-me:

— Conhece Teófilo?

— Desde algumas horas sòmente.

— E' um moço das melhores qualidades e de família muito estimável.

— Seu irmão mo disse.

— E que lhe acha?

— Simpatizei com êle; já vê que sou suspeito.

— Somos dois a simpatizar.

— Dois só? perguntei-lhe prontamente.

A tia Plácida era incapaz de dissimular um pensamento, era às vèzes até leviana como uma menina de dez anos.

— Notou alguma coisa? tornou-me, cravando em meu rosto um olhar curioso.

— Que pergunta! disse eu.

— Pareceu-me haver malícia na que me dirigiu.

Não respondi.

A irmã de Domiciano depositava em mim a mais plena confiança; eu era e sou um dos mais velhos amigos da sua família.

Pouco depois insisti, interrogando-me.

— Havia ou não havia malícia na sua pergunta?

— A sua insistência é que seria capaz de tornar-me malicioso.

— Já sei que houve malícia; quer que lhe di-

ga? eu também desconfio... não repara como elle olha tão freqüentemente para ella?

— Elle e ella não a entendo, tia Plácida, mas talvez que outros a entendam, porque... está falando tão alto.

— Ah! obrigada, continuou a boa senhora abaiçando a voz; mas também que mal podia haver em ouvirem todos o que eu lhe dizia. Não há desar para um mancebo em saber-se que elle ama uma bela e virtuosa moça.

— De certo; pode, porém, haver inconveniência para a virtuosa e bela moça em saber-se que ella ama um mancebo que ainda não a pediu, e é possível que não tenha intenção de pedí-la em casamento.

— Quem ousaria amar Angelina sem essa intenção?

— Em que mundo vivia a pobre senhora! Quanta ignorância ou quanta inocência aos cinqüenta anos! Porque, posso assegurá-lo, não era orgulho, era a virtude que ditara as palavras que eu acabava de ouvir, virtude ainda acompanhada da cegueira do amor que a tia Plácida tinha por Angelina.

— Não me responde? perguntou-me ella.

— Logo... disse-lhe distraído.

A tia Plácida seguiu sem dúvida com os olhos a direção do meu olhar que se fitara em Teófilo; porque calou-se e atendeu, como eu estava attendendo.

Ao lado direito de Teófilo achava-se sentada

uma jovem bonita e faceira, prima e amiga de Angelina, muito honesta e estimável, mas um pouco original e às vèzes impertinente; uma dessas senhoras, em quem a par de um grande fundo de bondade, avulta de mais a viveza sem avultar bastante o juízo.

Chamava-se Adeodata.

Nós que a conhecíamos, e que fazíamos justiça aos dotes do seu coração, tínhamos de escusar-lhe freqüentemente as travessuras do seu espírito.

Devo supôr que Adeodata se ressentira um pouco do descuido com que a esquecia o cavalheiro que se sentara junto dela; com efeito Teófilo todo occupado na contemplação de Angelina parecia não vêr, não sentir a bonita moça que tão vizinha lhe ficava.

Adeodata era um pouco ou mesmo muito vaidosa, e portanto o seu ressentimeneo bem explicável.

Tarde lembrara-se Teófilo do seu dever, daquela espécie de cortezia que é para as senhoras um reito, e que elas reputam como um culto obrigado.

O criminoso cavalheiro empregou debalde para agradar à sua vizinha tôdas as sutilezas do seu espírito, e por fim caiu desastradamente nos lugares comuns.

— Tem um lindo bouquet, minha senhora disse-lhe Teófilo, olhando para Angelina.

Adeodata escondeu imediatamente com as suas

mãos tão pequenas como mimosas o ramalhete que trazia, e perguntou:

— E' capaz de dizer-me que flôres são as do **bouquet** que achou tão lindo?

Teófilo falara sem consciência, não se perturbou porém, e expondo-se ao mais lamentável êrro, procurou adivinhar, e respondeu sorrindo-se:

— São amores-perfeitos.

Adeodata retirou as mãos que escondiam a flôr e replicou:

— Engana-se, são cravinas brancas.

Quase todos os que cercavam a mesa, riram-se.

— Meus Deus! disse Teófilo; como me iludi!

— E' explicável a sua ilusão.

— Certamente, minha senhora; confundi o seu coração com o seu **bouquet**; vi por isso amor-perfeito, quando devia vêr cravinas brancas.

— Não; é que hoje o senhor não vê senão uma côr: a roxa...

— Porque?

— Por causa das violetas, flôres da sua mais decidida predileção.

Angelina, como já disse, trazia, por único enfeite, um ramo de violetas no peito.

— Não compreendo, minha senhora; respondeu Teófilo um pouco confundido.

— Melhor, tornou-lhe Adeodata; eu sou louca pelos mistérios.

E fitando com os olhos maliciosos Angelina, continuou:

— Prima, você faz hoje vinte anos, e eu fiz vinte e um, há dois meses; quer uma aposta comigo?

— Que aposta?

— Qual de nós duas se casará primeiro?

— Você, prima, respondeu-lhe Angelina corando; porque em primeiro lugar tem a primazia da idade; e depois porque pela sua proposição se está vendo que já pensa em casar-se.

— Pensar! ora... tôdas nós pensamos no casamento.

A ingênua confissão de Adeodata fez outra vez rir a todos.

Ela sem se perturbar, continuou:

— Quer apostar?

Teófilo, curioso porque ouviu falar em casamento relativamente a Angelina, foi desastrado uma segunda vez, perguntando:

— Supõe acaso que a Sra. D. Angelina já tenha noivo?

— Noivo... disse Adeodata, não sei; talvez não; mas um noivo chega às vêzes de repente, e de onde não se espêra.

O rosto de Angelina cobriu-se do mais vivo rubor.

O pejo acabava de fazer uma traição ao segredo do seu amor.

— Você é incorrigível, prima, murmurou ela com voz trêmula.

Logo depois terminou a ceia, e eu notei que Domiciano se levantara da mesa menos expansivo.

Fiquei só com a tia Plácida.

— Está vendo, disse-lhe, que não sou o único malicioso?

— Teófilo jantou hoje conosco, respondeu-me ela; e durante o jantar comecei a suspeitar que êle e Angelina se amam.

— Merece-a Teófilo?

— Eu o creio.

— Mas essa viagem à Europa?...

— Não sei...

— Em todo o caso é indispensável velar por Angelina, que amando pela primeira vez, não pensa em dominar e esconder o seu amor.

— Domiciano é severo de mais; eu não tenho ânimo... Angelina poderia chorar; é preciso que um amigo lhe fale.

— Eu lhe falarei.

Ouvi nesse momento um alegre mas estranho ruído, e dirigí-me para a sala.

VII

Festiva e inesperada companhia chegara à casa de Domiciano, anunciando-se à porta pelo canto simples e agradável entoado por muitas vozes.

A noite era de 6 de janeiro, noite dos Reis, e, conforme os antigos costumes que infelizmente vão todos sendo esquecidos, uma sociedade de moços e moças vestidos a pastores vinha cantar os Reis à família de Domiciano.

O chefe da obsequiadora companhia apresentou-se, e, conhecido que era, foi, já não pedida, ga-

rantia das condições morais dos seus amigos — dignos de serem admitidos no seio de famílias honestas.

Subiram todos.

Houve, como era natural, grande movimento na sala.

Eu fui encostar-me à sacada de uma das janelas e acertei de escolher a do lado esquerdo.

Dali contava ouvir os cantos, e ver as danças da sociedade que chegara, e ao mesmo tempo gozar o espetáculo do mar e a frescura da viração; porque, ainda o não tinha dito, a casa de Domício era na praia da Gamboa.

Eu cerrara um pouco a janela com a idéia de ficar só e em liberdade durante algum tempo; logo, porém, veio Angelina sentar-se na cadeira que me ficava mais perto.

Lembrei-me de aproveitar a oportunidade para cumprir a promessa que fizera à tia Plácida; apenas porém, tinha concebido êsse pensamento, que força me foi abandoná-lo, vendo Teófilo aproximar-se de Angelina, e ocupar uma cadeira junto dela.

Evidentemente Teófilo queria utilizar-se do ruído que se fazia na sala, e da sociedade recém-chegada que, absorvendo tôdas as atenções, o deixava esquecido e livre ao pé de Angelina.

Era pois talvez ocasião de apreciar o caráter de Teófilo e de conhecer até que ponto já havia chegado o amor que abrasava aquêles dois corações.

E' inútil dizer que Angelina, Teófilo e eu fi-

camos absolutamente estranhos às harmonias e às danças dos cantadores dos Reis.

Eu podia vêr e ouvir perfeitamente os dois namorados.

— Perdão, se venho importuná-lo, minha senhora, disse Teófilo com voz comovida a Angelina; mas acabo de merecer do céu a felicidade de achar um objeto que lhe pertence, e corri a restituí-lo.

Vi em poder de Teófilo o ramo de violetas que estivera no peito de Angelina.

— As minhas violetas! disse a moça recebendo o ramalhete.

— Na confusão que houve, há pouco, tornou o mancebo, caíram-lhe do peito estas flôres; eu as vi cair, e apanhei-as; ninguém tocou nelas... só os meus lábios que de leve e furtivamente as beijaram; vim trazê-las; mas ao pobre que acha e restitue um tesouro do rico, o rico costuma dar uma gratificação, se quiser, uma esmola, que em regra, é uma parte mínima do tesouro achado.

O mancebo calou-se, esperando uma resposta.

Angelina hesitou alguns instantes, por fim venceu sua perturbação, e disse:

— Agradeçç-lhe a atenção que teve comigo; quanto ao mais... receio ser muito vaidosa compreendendo o que pareceu pedir-me.

— Atrevi-me a pedir a minha gratificação de pobre, uma só violeta dêsse ramo que achei e não roubei...

— Que tesouro! estas flôres já estão quase murchas, e amanhã nenhum valor terão mais.

— Flôres que estiveram sôbre o seu peito, minha senhora, que sentiram as palpitações do seu coração, podem murchar aos seus olhos: mas não perderão jamais o viço, o perfume, o prestígio, o encanto para minha alma.

— Meu Deus! mas o ramo esteve em suas mãos e lhe teria sido fácil guardá-lo.

— Cometendo um furto...

— Sem conseqüência...

— E' que eu amaria sem dúvida muito ramo furtado; mas hei de amar mil vêzes mais uma só flôr que a sua mão dêle tire para premiar-me...

— Realmente deve-lhe ter parecido impertinência minha tão longa hesitação em objeto tão simples; o filho do amigo de meu pai, e agora, também nosso amigo, já pediu de mais tanto tempo uma pobre flôr que nada vale.

E Angelina, arrancado do ramallete uma violeta, a ofereceu a Teófilo.

— Oh! não, disse êle, assim não; seria ainda menos do que o ramo furtado.

— Mas se eu lha dou!

— E como?

— Que pergunta! dando-lha.

— Como a daria a qualquer outro dos seus amigos, minha senhora?

Angelina estremeceu e não ousou responder; um olhar que vibrava flamas devorava seu rosto, e sem dúvida dominava em seu coração.

Confusa e atônita, ela curvou a cabeça e suspirou como se implorasse piedade.

— Esta hora é solene, disse-lhe Teófilo com ardor crescente; não lhe peço uma simples flôr, peço-lhe uma violeta que seja o símbolo de um amor aceito e correspondido; peço-lho a mais bela esperança a maior das felicidades, com que porventura eu tenha sonhado desde os meus primeiros anos da juventude; peço-lhe nessa violeta um mútuo juramento de afeição terníssima que não morra nunca e que faça de nossas duas vidas uma só e única vida! peço-lhe uma violeta que signifique tudo isso, minha senhora, ou então não me ofereça essa flôr, que poderia somente lembrar-me a minha extrema desdita.

Em Angelina o rosto, que era de jasmims, se tornara de rosas; o seio arfava, denunciando a luta do pejo e do amor travado no coração; mas o pejo vencía ainda, e abaixava seus olhos, e lhe prendia a voz, e a fazia tremer àquelas palavras que pela primeira vez ela escutava.

— Porque não me responde? continuou Teófilo; eu não posso exigir, eu peço: tão formosa que é, tão rica de encantos e de virtudes, bem posso não merecê-la: pobre de mim! chegado apenas de longes campos, tão rude, tão indigno da mais bela das criaturas! e, quem sabe! no seio de uma capital faustosa, onde abundam tantos homens de merecimento, tantos mancebos recomendáveis por mil títulos de honra, de posição, de riqueza, de dotes amáveis e deslumbradores, talvez o seu coração não seja livre.

Angelina levantou a cabeça com todo o orgulho

de uma donzela de coração virginal: um brando sorrir de suprema felicidade raiou em seus lábios com pureza divina.

Foi um sorriso não de reflexão, mas da consciência, um sorriso quase involuntário, mas sublime, que pareceu dizer: — Sou anjo!

Teófilo não compreendeu tôda celeste eloquência que falava no sorrir de Angelina, e proseguiu:

— Se é assim, ao menos uma palavra de desengano: será cruel para mim; mas será melhor que a dúvida, que não é a vida nem a morte, que não é o dia nem a noite; peço-lhe a verdade franca, leal, honrada, que me dirá de uma vez — sê o mais feliz ou mais desgraçado dos homens! — nada de hesitação ou de enganadora piedade, minha senhora! esta hora, êste momento é solene; nesta hora se resume todo o meu futuro, e pode resumir-se também o seu: eu amo-a apaixonada e loucamente: decida do nosso destino: ou dê-me a violeta, exprimindo todo o seu amor, ou guarde-a outra vez no ramo, donde tirou-a.

Teófilo passou o lenço pela frente abrasada.

Angelina comovida, trêmula, anhelante, perguntou sem saber o que perguntava:

— Devo eu fazê-lo?

Devo! foi o último grito do pejo virginal succumbindo àquela primeira vitória de amor.

Teófilo não respondeu; mas olhou para Angelina com expressão tão apaixonada, que ela venceda estendeu o braço e entregou a violeta ao ardente mancebo.

VIII

A cena de que eu acabava de ser testemunha indiscreta ou casual me entristecera um pouco.

Eu quisera que Angelina não tivesse dado a violeta a Teófilo.

Estava tão habituado a considerar a filha de Domiciano uma criatura angélica, que doeu-me vê-la simples donzela enamorada e amorosa, embora, como dantes, inocente ainda.

Aquela violeta não importava uma culpa: a mulher tem o direito de escolher o homem que deve ser o árbitro e a garantia do seu futuro, e cumpre que essa escolha seja determinada não pouco pela prudência, mas sempre muito pelo amor.

Entretanto eu preferia que Angelina tivesse sido menos precipitada.

Teófilo era filho de um amigo de seu pai, manco das mais felizes aparências, de uma família recomendável, bem educado e rico; ela porém o conhecia apenas há poucos dias, e tempo tão curto não bastava para as exigências de uma prudente confiança.

Mas a tal qual fraqueza de Angelina explicava-se pela sua própria educação tão desvelada.

Seu pai tinha-lhe ensinado com o culto do dever, e pelo mesmo dever, a lealdade, a franqueza, e a fôrça da alma na luta dos sentimentos.

Na consciência achava Angelina a lei das suas ações.

Ingênua e pura, amando pela vez primeira,

confiou-se ao sentimento que lhe saía do âmago do coração, franca, não soube esconder o que da alma lhe prorrompia em chamas abrasadoras, conscienciosa, não viu, não podia ver no seu amor culpa, porque êsse amor não nascera da sua vontade, era como uma inspiração que lhe parecia vir do céu.

Amou, confessou que amava, logo que lhe quiseram arrancar a confissão.

Mas no coração de Angelina o amor devia ser ou a suprema felicidade, ou a maior desgraça, e talvez a morte.

Angelina, por índole, por educação e pelo seu organismo, era no sentimento tão delicada como extremosa.

O amor de Teófilo podia-lhe ser fatal; já seria talvez muito tarde para combatê-lo; ao menos, porém, ainda era tempo de mostrar a Angelina as inconveniências a que a expunham a sua franqueza e as suas expansões na manifestação do afêto que ela tanto não pressentira como não procurava combater.

Dirigi-me a Angelina.

A declaração apaixonado de Teófilo que a confundira e fizera tremer e corar nos momentos em que a ouvira, logo depois lhe inspirava aquêlo inexprimível contentamento que sòmente podem dar o amor feliz na terra e a benaventurança no céu.

Sentei-me ao lado de Angelina.

— Ainda não conversamos hoje; disse-lhe.

— Porque não tem querido; respondeu-me.

— Receei importuná-la; roubar-lhe instantes preciosos... talvez martirizá-la...

— Deveras?

— Francamente: se eu a tivesse procurado, e lhe houvesse tomado para mim, seu velho amigo, mas para mim só uma hora desta bela noite, não a teria contrariado?

— A pergunta é cruel.

— Responda sempre.

— Não.

— E se agora eu lhe pedisse não uma hora, mas somente dez minutos para minha amizade, dar-mos-ia sem constrangimento?

— Não lhos daria: peço-os.

— Pois bem: eu os agradeço e os aceito.

— Quer saber? disse-me então ela com um certo ar de curiosidade; acho-o um pouco sério de mais para quem deseja conversar com uma moça que festeja os seus vinte anos.

— Confesso que tem razão.

— Conversemos, pois: eu espero fazer-lhe experimentar o contágio da minha alegria.

— E, se acontecer o contrário? Perdoar-me-á?

— Acontecer o contrário? é impossível.

Fêz-me pena ir perturbar a santa alegria da-quele coração de moça inocente: pensei em retirar-me; ela compreendeu o meu pensamento em um movimento que fiz para levantar-me: tomou minha mão, e disse:

— Queria deixar-me.

— Adivinhou.

— Já vê, disse ela sorrindo-se, eu leio na sua alma.

— É uma compensação, respondi; porque eu também estou lendo na sua alma...

— Como?

— Estou lendo nela a razão da sua extraordinária alegria nesta noite...

— É tão fácil! tornou ela com uma leve alteração da voz, que não me escapou: é tão simples! nasci hoje.

— É isso: diz bem: nasceu hoje para um mundo que não conhecia, e no qual começa a viver uma vida que não é mais a sua vida de ontem.

— Que quer dizer? perguntou-me Angelina atraídoando-se com o sobressalto que manifestou, e com o súbito encarnado de suas faces, sempre de tão encantadora palidez.

— E' um amigo que lhe fala; disse-lhe para que se tranquilizasse.

— E' uma amiga que o escuta; respondeu-me com doçura.

A mão de Angelina tinha-se tornado de gelo.

Entendi que cumpria não prolongar o tormento do pudor virginal.

— A senhora ama Teófilo.

Ela hesitou um instante; depois com os olhos no colo e com a voz sumida, murmurou:

— Amo-o.

Abençoei de tôda a minha alma aquêlê coração e aquela bôca que não sabiam, que nunca souberam mentir.

A verdade tinha custado muito à donzela; eu o sentia no rubor que abrasava seu rosto e na mão gelada que ela esquecera entre as minhas; tinha-lhe custado muito; mas a verdade divinizou-lhe os lábios.

Esqueci-me do que me propusera a dizer a Angelina, esqueci-me, contemplando-a na sua encantadora perturbação.

Fui máu; ela devia estar sofrendo extremamente, e foi ela obrigada a falar primeiro.

— Tenho feito mal?... perguntou tremendo.

— Porque tanta confusão? disse-lhe eu; sossegue; o amor não é ato de vontade, e menos ainda um erro; erro é somente o amor desvairado, que não escuta a razão, quando a razão a êle se opõe; e o seu amor ainda não é erro, e devemos esperar em Deus que nunca o seja.

Angelina respirou docemente; e, levantando a cabeça, olhou-me ainda perturbada, mas com expressão indizível de gratidão.

— Tenho-a observado tôda esta noite, continuei; aplaudi a escolha do seu coração; mas, preciso dizer-lhe, inocente, e amando certamente pela primeira vez...

— Certamente... acudiu ella.

— Ingênua e franca, não sabendo esconder e menos disfarçar os seus sentimentos, a senhora expor-se-ia à murmuração da sociedade, se a sociedade que se reúne aqui não fôsse composta só de amigos incapazes de murmurar...

— Que está dizendo?... eu então?...

— Não se assute, cometeu apenas a imprudência de patentear a todos que quisessem observá-la, como ama ternamente um homem que ainda não é, mas que espero que seja seu marido...

Vi que Angelina estava a ponto de chorar.

— Porque se aflige assim?

— Porque errei; menti ao meu dever.

— Raras são as donzelas que não erram desse modo; vim falar-lhe para aconselhá-la não para afligi-la.

— Fale mais; diga-me tudo.

— Ouça-me pois com sossêgo; não devia dar a Teófilo aquela violeta antes de considerá-lo seu nônio com permissão de seu pai; aquela violeta é um comprometimento do seu coração.

— Portanto o senhor viu tudo! balbuciou ela deixando cair em minha mão, que apertava, duas lágrimas que o pejo derramara.

— Vi tudo, sim; sabe porém com que intenção?

— Obrigada; tornou-me, apertando-me outra vez a mão.

— Eu creio que Teófilo é digno de seu amor; há porém circunstâncias graves a que lhe convém atender; dentro em poucos dias êsse mancebo seguirá para Portugal, onde tem de demorar-se alguns ou muitos meses; diga-me, tem a certeza de que o amor de Teófilo será, como eu creio que há de ser o seu, firme, constante, o único na vida? a sua violeta por ventura terá a magia de assegurar-lhe a constância desse mancebo? eu simpatizei com Teó-

filo e já comecei a estimá-lo; supõnho-o um homem de bem; mas o mundo é cheio de enganos, nossa vida semeada de tristes decepções, e nos homens as melhores aparências mil vêzes nos iludem, e nos causam dolorosos arrependimentos. Teófilo tem a seu favor o exemplo de seus pais, tem a educação que é também uma natureza, tem os olhos e no rosto a lealdade que não falha; tem tudo isso; mas nem por isso deve a donzela ser menos cautelosa e prudente.

Ouvi em resposta não sei bem, se um suspiro, se um gemido.

Eu estava ansioso por terminar a minha conversação com Angelina; continuei pois e apressado.

— E finalmente, há para a senhora um sagra-
do dever a cumprir, dever que lhe assegura um re-
curso sempre eficaz e certo, e o conselheiro mais
fiel; ainda mais do que isso, uma segunda Provi-
dência, que há de poupá-la a ilusões e enganos; há
para a senhora o dever de falar ao coração de seu
nobre e estremecido pai, de confiar-lhe todos e ain-
da os mais delicados segredos. Uma donzela tem o
direito de escolher livremente o homem a que vai
confiar seu futuro; não pode porém confiar-lho;
não deve e portanto não pode autorizá-lo a esperar
essa dita, sem que primeiro consulte e ouça seu pai.

— Tem razão, disse Angelina comovida.

— O seu coração já fez a escolha que mais ou
menos cedo tinha de fazer, em doce tributo à na-
tureza, e ainda bem que parece ter sido uma esco-
lha a todos os respeitoos feliz; os seus olhos, e depois

os seus lábios, já fizeram uma confissão que bem pudera ter sido demorada; sua nobre franqueza, sua inocência cândida e mimosa já concederam em uma simples violeta o mais delicado favor; contenha agora o seu coração, ensine prudência aos seus olhos, imponha silêncio aos seus lábios, zele o tesouro do seu ramallete de violetas, e, ame embora, espere que o amor e a honra façam falar ao homem que distinguiu.

Calei-me.

— Tem mil vêzes razão, repetiu Angelina.
Olhei para ela.

Tinha no rosto ainda o fogo do amor; mas de envolta com as mais brilhantes flamas de angélica virtude.

Em seus olhos não havia mais lágrimas; em sua boca pairava um sorriso brando e celeste, um sorriso que lhe partia da alma.

— Perdoa-me? perguntei-lhe.

— Perdoar-lhe?... quando lhe agradeço tanto!
Levantei-me e deixei Angelina.

Eram duas horas da madrugada.

Fui pedir o meu chapéu e depois procurei Domiciano para despedir-me d'ele.

Encontrei-o sentado junto da tia Plácida.

Domiciano apertou-me a mão com força, e disse-me.

— Obrigado! até amanhã; venha jantar comigo.

IX

No dia seguinte cheguei à casa de Domiciano às quatro horas da tarde.

Ele achava-se na sala e só; quando viu-me entrar, correu para mim, e abraçou-me com a mais viva efusão da alma.

Estava ainda mais alegre do que nas primeiras horas da noite antecedente.

Compreendi logo que algum feliz acontecimento tinha vindo tranquilizar aquêlo extremoso coração de pai, que ao despedir-me, eu deixara tão constringido e triste.

— Fugamos para o meu gabinete, disse-me Domiciano; fugamos, antes que a nossa impertinente Angelina venha perturbar-nos...

Acompanhei satisfeito o meu amigo, a quem eu encontrara em horas excepcionais, pois que até no seu falar esquecia a inalterável gravidade costumada.

Sentamo-nos; Domiciano apertou-me ambas as mãos, e disse-me:

— Não passei bem a noite, não; devia ter previsto, quando me deixou, que eu não poderia dormir...

— Não sei porque...

— Sabe; a reputação de uma moça é como o seu véu branco de virgem; uma simples gota de água basta para manchar-lhe a pureza.

— As exagerações tornam áspera e menos

amável a virtude; infelizmente sempre o conheci com êsse defeito.

— Diga que sou selvagem, embora; Deus me fez assim, e nem procuro, nem quero corrigir-me.

— E por isso é injusto muitas vêzes.

— Não discutamos; é inútil e seria hoje inoportuno. O fato é que passei mal a noite; não dormi; a todo o instante parecia-me ouvir a murmuração de uns, a íntima consciência de outros, acusando, não direi o desvario, ao menos, porém, e já era muito, a inconsideração e a leviandade de minha filha...

— O orgulho será também virtude?

Domiciano sorriu-se e continuou:

— Entretanto eu tinha recebido uma doce consolação que devo agradecer à sua amizade.

— Como?

— Depois que todos se retiraram, Angelina chegou-se a mim para receber a bênção que nunca lhe neguei, e o beijo que sempre deposito em sua mimosa fronte; aproximou-se com os olhos no chão, ela que sempre me olhava sorrindo-se! pela primeira vez minha filha curvava confundida a cabeça diante de seu pai! imagine o que sofri! abençoei-a, beijei-a; mas em silêncio... não lhe disse uma palavra de amor, e fui fechar-me no meu gabinete, descontente de Angelina, e portanto irritado contra o mundo, contra mim, e sem pensar em dormir.

— Quer me parecer que ontem à noite o pecado do pai foi ainda menos venial que o da filha...

— O senhor é exatamente como Plácida; acha Angelina em tudo e por tudo impecável.

— E o senhor, tornei-lhe fingindo-me ressentido da observação, não tem ânimo de brigar com Angelina, e vingá-se brigando com a tia Plácida e comigo, que somos as vítimas do seu desabrimento.

Domiciano pôs-se a rir, e prosseguiu:

— Eu passeava agitado pelo gabinete, quando senti que me batiam à porta; era Angelina. Tinha os olhos em lágrimas; fi-la sentar-se, e tive bastante coragem para não ser o primeiro a dirigir-lhe a palavra.

— E êsse coração como estava?

— Não me pergunte; cada lágrima de Angelina era um punhal que o rasgava; acreditar-me-ia? houve um momento em que detestei Teófilo, como se detesta um inimigo mortal.

— E depois?

— Angelina disse-me tremendo:

— Meu pai, eu não posso dormir sem falar-lhe; por algum tempo hesitei, receiosa de trazer-lhe aflições para o resto da noite; mas eu sofria, soffro muito... e vim...

— Eu lhe respondi, fazendo um inaudito esforço para conservar-me impassível: fizeste bem.

— Meu pai, exclamou ela soluçando, eu menti à educação que lhe devo, eu errei esta noite...

— E como?... dize-me tudo.

— A pobre filha confessou-me então o seu amor, repetiu-me quanto lhe dissera Teófilo, e abismada na maior confusão declarou-me que lhe tinha dado uma violeta, como gage de mútua constân-

cia. Doeu-me muito o que ouvi; Angelina tinha errado gravemente outorgando êsse penhor. . .

Não pude conter-me:

— E' de mais! exclamei; quantas violetas ou quantas flôres lhe deu antes de ser sua espôsa, a mulher que tanto amou e tanto honrou o seu nome? Senhor selvagem, lembre-se que conta cinquenta e três anos, e que Angelina tem vinte.

— Também não tive forças para repreendê-la, erraste, disse-lhe eu depois de ouví-la até o fim; erraste muito; um homem que ainda não é, e pode não ser teu noivo, não podia merecer e obter tanto.

— Perdão, meu pai! murmurou minha filha, querendo ajoelhar-se; levantei-a nos meus braços; não pude mais; chorei com ela.

— Ainda bem! exclamei eu.

— Erraste, repeti; mas atenuaste ao menos o teu êrro, vindo abrir teu coração aos olhos de um pai que só vive por ti. . .

— Nem êsse elogio mereço! disse-me Angelina; e então confiou-me a conversação que tivera com o bom amigo que tão sábios conselhos lhe deu.

Domiciano apertou-me outra vez ambas as mãos. dizendo com sentimento inexprimível:

— Obrigado, meu amigo! muito brigado!

— Angelina é muito indiscreta! respondi, procurando disfarçar a minha própria comoção.

— Perdoe-lhe, como eu lhe perdoei.

— Grande mérito o seu e o meu! que é que havia e que há a perdoar? o pai perdoou-lhe o grito da natureza, o pendor invencível do coração; e eu

perdôo-lhe uma confissão feita tôda em meu louvor! ora muito agradecido!

— Seja ou não seja assim; deixe-me concluir a história da madrugada e da manhã de hoje.

Domiciano continuou:

— Sossegada, quase feliz com o meu perdão, Angelina me disse, curvando outra vez a cabeça:

— Confessei-lhe que amava Teófilo; oh! meu pai, eu não sei se me será possível vencer este amor; mas eu lhe juro que se Vm. o não aprovar, hei de encerrá-lo, como em uma sepultura, no fundo do coração. Em tal caso pedirei a meu pai um único favor.

— E qual é?

— Que não queira nunca obrigar-me a casar com outro homem.

— Pobre Angelina! disse eu!

— Vai dormir, minha filha, respondi-lhe, vai dormir abençoada por teu pai; por ora não me é dado aprovar, nem reprovar o teu amor; se, porém, Teófilo é digno de ti, amanhã, ou, quando muito, em três dias será êle quem virá saber se pode ou não ter o direito de dizer que ama Angelina.

Vi um raio de alegria brilhar no rosto de minha filha; era a luz da esperança que nunca deixa de sorrir à mocidade e ao amor.

Angelina retirou-se tranquila; eu fiquei mais consolado; não pude, porém, dormir; passei uma noite desagradável, ruim.

— Hoje porém?

— Hoje todo o meu desgosto foi compensado pela maior felicidade.

Domiciano abaixou a voz e disse-me com súbita tristeza:

— Meu amigo, vou confiar-lhe um segredo que deposito na confiança da sua honra; sinto-me doente; escondo a todos, para esconder de Angelina, uma moléstia que cedo me levará à sepultura.

E apontou para o coração.

— Que idéia!

— E' a verdade e estou resignado: o que, porém, me aflige, me consterna, é o receio de deixar Angelina pobre e sem amparo. O amor de Teófilo fêz-me conceber uma esperança tão suave que nem ousei acreditar nela. Além de bem educado, rico, laborioso e com ótimos precedentes, Teófilo é filho do meu amigo da infância, daquele que ainda hoje recordo com a mais viva saudade! Angelina casada com esse mancebo seria para mim a tranquilidade e quase a benaventurança na morte. Se me tivesse sido dado escolher um noivo para minha filha, eu escolheria Teófilo.

— Sendo assim, não me parece que deva condenar o amor de Angelina.

— Nem eu o condenei; mas não é a mulher que deve procurar o noivo, e, seja embora, vaidade de pai, Angelina é bastante formosa e honesta para que um mancebo, ainda mesmo rico de fortuna e de aspirações, se repete bem feliz conseguindo agradar-lhe e merecê-la. Foi por tudo isto, e porque Teófilo fêz ontem declarações tão sérias e po-

sitivas a minha filha, que eu disse a esta: se Teófilo é digno de ti, amanhã, ou, quando muito, em três dias será êle quem virá saber se pode ou não ter o direito de dizer que ama Angelina.

— O prazo é na verdade curto.

— Não; eu julgara o filho pelo pai. O pai de Teófilo teria vindo logo no dia seguinte cumprir o seu dever de honra.

— E o filho?

— Hoje às nove horas da manhã anunciaram-me Teófilo.

— Hoje!

— Recebí-o com aparente sossêgo; mas com o coração a tremer. Meu amigo, eu não me tinha enganado; o ramo é como o tronco, donde saiu. Teófilo é um homem de bem.

— Então?...

— Franco e leal, mas naturalmente comovido, êle me disse: — amo sua filha desde oito dias; sei que tesouro é ela; declarei-lhe ontem à noite que a amava; quis ouvir de seus lábios se eu podia chegar a merecê-la; não me desanimou; venho, portanto, pedí-la em casamento, se me julgar digno de um anjo.

— Tive um ímpeto de abraçá-lo, de chamá-lo não meu filho — mas meu pai! — contive-me, e respondi-lhe:

— Sua proposição me lisonjeia, e não ignoro que será bem aceita por Angelina; porque minha filha não tem segredos para seu pai; mas o senhor, embora com a idade precisa para dispor de si e re-

gular suas ações, deve respeito e obediência a sua mãe, a quem tanta amizade tributo desde longos anos; aprovará sua mãe o pedido que acaba de fazer-me?

— Amei sua filha desde a primeira hora em que a vi e ouvi; antes de vê-la e ouvi-la, já a estimava pela reputação de sua beleza e virtudes; mas eu lhe juro, só ontem ousei dizer a Angelina que a amava...

— Eu o sei; ela mo confiou.

— E só ontem ousei fazê-lo; porque desde ontem podia pedí-la em casamento com aprovação e aplauso de minha mãe e de meus dois irmãos.

E tirando do bolso uma carta, entregou-ma anhelante e cheio de ansiedade.

Era uma carta de sua mãe que abençoava o seu amor.

Que podia eu responder a Teófilo?

Abreitei-o, apertei-o com ardor sobre o meu coração.

Chamei Angelina, que apareceu confusa e ardendo no rubor do pejo, porque adivinhara o motivo da visita matinal do mancebo.

Poupei a ambos vãs cerimônias e pretendidas mas ridículas conveniências que sempre me pareceram indicadoras de fingimento ainda mais ridículo.

Levei Angelina a Teófilo e disse-lhe:

— Minha filha, eis aí teu noivo podes amá-lo; ama-o muito!

Angelina ofereceu a mão a Teófilo com as faces em fogo, e com inefável sorriso nos lábios.

Teófilo beijou-lhe a mão três vêzes.

Meu Deus! como êsses beijos me fizeram sentir a felicidade no mundo!

Oh meu amigo! eu sou muito feliz!

— Adivinho que a viagem à Europa está relogada positivamente... disse eu a Domiciano.

— Deus me defenda! respondeu-me êste; Teófilo tem deveres a cumprir para com sua família, há de cumprí-los. O casamento se realizará daqui a seis meses, logo que êle voltar de Portugal.

— E Angelina que diz a isso?

— O que lhe cumpre; foi a primeira a dizer ao noivo: — parte, pois que deve partir; mas volte depressa.

— Mil parabens! mas o Sr. Teófilo... que é d'êle?

— Está lá dentro falando, rindo, como um louco de prazer e de suprema dita, adorando Angelina, e enfeitando a pobre Plácida.

— A tia Plácida! faça idéia!

— Coitada! Está como doida; ri e chora ao mesmo tempo, e já nem sabe dizer a quem mais ama, se a sobrinha, se a Teófilo.

— E o pai de Angelina? Dá-me notícias dêsse senhor?

Domiciano lançou-se nos meus braços e chorou a pontó de soluçar

Não tenho vexame algum de o confessar: chorei também abraçado com aquêle nobre velho tão

severo, tão rígido em sua exemplar virtude; tão extremoso e tão brando no amor de sua bela filha.

X

Até 20 de janeiro os dias rápidos, fugazes, foram para Teófilo e Angelina um tecido, uma corrente de risos e flôres.

Na pureza de um amor santo que se nobrecia em Teófilo pelo mais religioso respeito ao pudor virginal de Angelina, e em Angelina se encarecia pela dignidade não afetada do proceder e pela confiança na delicadeza de Teófilo, gozaram ambos essa imensa felicidade que nada tem de comum com a vida material, felicidade que, depois de passada, se afigura um sonho aos que a fruíram; felicidade que a palavra não pode explicar bastante; que a imaginação dos indiferentes não pode conceber nem apreciar; felicidade, enfim, que provém e se alimenta de um olhar, de sorrisos, de monossílabos, de suspiros, de juramentos, de êxtases e de esperanças.

Para que fôsse completa a alegria e a dita dos dois jovens, chegou de sua fazenda a família de Teófilo.

Eram três novos amigos que entravam para a nossa sociedade na hora mais afortunada; era a mãe de Teófilo, respeitável senhora tão singela como sensata; o seu filho mais velho, moço de excelente caráter, mas de saúde tão fraca que a sua vida parecia um milagre dos cuidados maternos; e a irmã de Teófilo, menina de quinze anos, bonita, mimosa,

e. como é natural, um pouco vergonhosa e acanhada.

Tinham vindo com empenho generoso abraçar a nova filha e a nova irmã que lhes dava o amor de Teófilo.

Essa manifestação tão eloqüente e suave como judiciosa, foi no meu conceito a melhor prova do merecimento da família, em cujo seio Angelina devia entrar.

Passamos dias felizes.

Cândida, a mãe de Teófilo, monopolizára a amizade da tia Plácida; porque, dizia ela, era a pessoa que mais lhe falava de sua nova filha, e que **melhor a julgava.**

Ora, eu já disse que a tia Plácida não admitia que sua sobrinha tivesse o mais leve defeito.

A menina Sílvia adorava Angelina, disputava a sua companhia a Teófilo, e, sem vexame nem acanhamento com ela, tinha sempre mil histórias a contar-lhe da vida aprazível que se vivia no campo.

Carlos, quase sempre melancólico, ou pelo seu constante sofrer, ou pelas apreensões da morte que talvez o perseguissem, contemplava Angelina com a mais doce consolação e aplaudia a dita de seu irmão.

Quanto a mim, duas idéias me preocupavam no meio daquele geral contentamento: eram uma dúvida, e um grave receio que se apoderara do meu espírito.

Calculando com a partida de Teófilo para a

Europa, eu duvidava da coragem ou da força da alma de Angelina.

Como eu tinha previsto, o amor de Angelina se exaltava nas proporções da sua exagerada sensibilidade; mulher de extremos, ela não sabia dominar nem o prazer, nem a dôr, sofria muito, ou alegrava-se muito; o que para outra seria motivo de ligeira tristeza para ela era causa de pungente aflicção.

Não me escapou algumas vêzes que a ausência de Teófilo por duas ou três horas, ainda mesmo quando ela sabia que um cuidado indispensável o demorava longe, lançava-a em um cismar tristonho e teimoso que era debalde combatido pelos gracejos da família e dos amigos, e pelos abraços de Sílvia.

Como resistiria Angelina ao apartamento de Teófilo?

Um dia falei-lhe nisso.

— Para que me traz essa lembrança? respondeu-me estremecendo levemente.

— Mas enfim... já que lembrei...

— Sofrerei mais do que talvez pense, êle porém deve partir; o interêsse de sua família o exige.

Pronunciou estas palavras com resolução e aparente frieza; mas ficou durante meia hora em triste meditação

Durante quinze dias foram essas as únicas névoas que passageiramente toldaram o horizonte daquele céu de amor.

O meu receio era muito mais sério, muito mais cruel que a minha dúvida.

Desde que, conversando comigo em seu gabinete, Domiciano me dissera apontando para o coração. — eu sinto a morte aqui, — comecei a observar cuidadoso êsse homem por tantos títulos estimável.

Domiciano era incapaz de uma fraqueza e ainda mais de um fingimento.

Para mim tornara-se positivo que êle se achava doente, e o que a minha amizade rogava a Deus era que o seu mal não fôsse tão grave, como lhe parecia.

Há moléstias que raramente são fatais e que às vêzes fazem acreditar em afeções do coração. Esta consideração acendia-me uma esperança.

Não sou médico, mas procurei observar, e o que observei aumentou os meus receios.

Às vêzes, sentado junto de Domiciano, eu sentia o palpitar demasiadamente forte do seu coração, olhava para o nobre peito dêsse homem, e via e contava-lhe as pulsações que, compassada mas exageradamente, impunham um movimento para mim lúgubre ao seu colête.

Em outras ocasiões Domiciano respirava ansiado e com dificuldade; levantava-se, ia recostar-se a janela, pedindo ao ar livre a respiração que lhe faltava.

Uma noite êle apanhou-me observando-o:

— Está vendo? disse-me, sorrindo-se com melancolia.

— E este abandono? este esquecimento de si próprio?

— Mais tarde lhe explicarei...

— Chama-se a isso um suicídio, um crime...

— Está-me julgando mal; eu lhe explicarei tudo.

— Mas...

— Silêncio, meu amigo, Angelina poderia ouvi-lo.

Eu começava a não compreender Domiciano que amava tanto sua filha, e que tão pouco se empenhava em conservar sua vida para ela.

Resolvi-me a prevenir a tia Plácida, mas tive a fraqueza de adiar por alguns dias a minha triste confiança, temeroso de perturbar a dita que gozavam Teófilo e Angelina, e que tão perto de acabar estava.

Pobre dita de namorados que com tão pouco e exalta e tão facilmente se desfaz!

Achavamo-nos uma tarde a família de Domiciano, a de Teófilo e eu juntos a conversar, passeando pela praia, quando ouvimos um homem que passava dizer a um amigo que encontrara:

— Chegou o paquete francês.

Voltei os olhos para Angelina, e vi-a pálida como um cadáver, titubear, e para não cair, apoiar-se no ombro de Cândida, que correrá em seu socorro.

— Que desastrado anunciador de más novas! disse Domiciano, acudindo à filha.

— Que perigosa suscetibilidade! observei-lhe eu.

XI

Tinham começado os tormentos que precedem à saudade.

A chegada do paquete francês avivava a lembrança do prazo marcado para a partida de Teófilo.

Os poucos dias que deviam preceder a ausência dilatada do noivo eram de insuficiente, de amarga consolação, porque eram de despedida.

Teófilo não podia deixar de fazer aquella viagem.

Seu pai tivera um irmão que se casara em Portugal e que ali morrera sem deixar filhos, e deixando avultada fortuna.

Teófilo estava incumbido de ir receber a parte que dessa fortuna pertencia a elle e a seus irmãos.

Tal era o motivo que o levava por alguns meses a Portugal.

Uma noite escura, quente e abafada tinha succedido à tarde em que se annunciara a chegada do vapor francês.

Angelina fazia inauditos, mas baldados esforços para vencer a profunda aflicção que a dominava.

Fingindo pela primeira vez, simulava sorrisos com os olhos banbados em lágrimas.

Teófilo, sentado ao pé dela, estava no caso de pedir consolações e procurava consolá-la.

— E' força que eu parta, lhe dizia elle; mas voltarei depressa; se se tratasse só da minha fortuna, eu sacrificaria milhões para poupar-lhe o mais leve desgosto; mas...

— Deve partir, lhe respondia Angelina.

O espetáculo daquela dôr, que falava tão vivamente aos nossos olhos, nos impunha a todos um silêncio que era apenas cortado por observações próprias da ocasião; mas sem importância nem consequência alguma.

Domiciano tinha os olhos úmidos, e profundamente compadecido, contemplava sua filha.

Passado algum tempo Carlos levantou-se e foi falar em voz baixa a sua mãe, que depois de ouvi-lo o abraçou comovida.

— Teófilo, disse Carlos, temos bastante fortuna para que não nos preocupe a idéia de um prejuizo de trinta ou quarenta contos de réis, que poderíamos, na pior das hipóteses, perder, se não fôres a Portugal. Tu não farias esta viagem só por ti; eu não quero que a faças por mim; nossa mãe não quer que a vás fazer por Sílvia. Fica conosco e com Angelina, seremos mais felizes assim.

Teófilo olhava cheio de reconhecimento para seu irmão.

Domiciano, que ouvira com manifesta satisfação as generosas palavras de Carlos, encrespou a fronte vendo o olhar de gratidão de Teófilo.

Era sempre o mesmo homem; aplaudira o nobre desinterêsse de um, alvoroçava-se já com a simples suspeita da fraqueza do outro.

Ele ia sem dúvida falar; mas Angelina o preveniu, dizendo:

— Obrigada, Carlos; eu, porém, não me sujeitaria a convir em um tal sacrifício; Deus me defen-

da de entrar na sua família, desviando seu irmão do cumprimento de um dever; eu teria duas vozes a me condenar; a voz de meu pai, e a da minha consciência. Vou padecer muito; mas Teófilo há de voltar, e seremos todos ditosos.

Teófilo beijou a mão de Angelina.

Domiciano, mal percebendo que duas lágrimas corriam por suas faces, olhou orgulhoso para Cândida, que lhe disse sorrindo:

— E' sua filha, bem sei.

A partida de Teófilo era pois irremissível.

Sem que me surpreendesse, eu paguei o tributo da admiração ao culto do dever inoculado pela educação na alma daquela jovem, que não sabia mentir a êle, apesar de tão sensível e apaixonada.

O dia da separação aproximava-se, e a ansiedade, a tristeza de Angelina aumentavam proporcionalmente.

Segunda e terceira vez Carlos repetira a sua proposição e sempre com esforço crescente; e segunda e terceira vez Angelina chorosa e aflita rejeitou-a com o mesmo tom decisivo.

Na véspera da saída do paquete, Domiciano foi procurar-me à minha casa, e disse-me:

— Preciso amanhã da sua amizade: não abandone Angelina.

— E' o dia da despedida de Teófilo; não me tinha esquecido.

— Tenho medo dessa prova porque vai passar minha filha.

— Angelina sairá dela triunfante, eu lho asseguro.

— Sim; mas que torturas ameaçam o seu coração!

O pobre pai estava de antemão experimentando todos os tormentos que haviam de martirizar a filha.

Ceguei cedo à casa de Domiciano, e achei Angelina inconsolável.

Era o dia sinístro para o seu amor.

Teófilo estava ao lado de Angelina, quase aos seus pés; inundava-lhe as mãos com suas lágrimas e jurava-lhe abreviar a sua ausência, e escrever-lhe todos os dias...

Cândida e sua filha choravam também.

Domiciano passeava agitado ao longo da sala.

A dôr era sincera; mas havia exageração de dôr; parecia-me assistir a um ato fúnebre.

O organismo de Angelina e sua esquisita sensibilidade me explicavam tudo.

Enfim chegou a hora da separação.

Como premeditadamente se resolvera, a despedida foi instantânea; Teófilo tinha já abraçado sua mãe, seus irmãos e seus amigos; em um momento correu a Angelina, beijou-a com ardor na fronte, e fugindo logo, desapareceu.

Angelina ergueu-se, quis andar e não pôde, soltou um grito e tornou a cair sentada na cadeira de que se levantara.

Minutos depois seu corpo agitado fortemente

por incessante tremor nervoso, annunciou-nos uma crise que podia chegar a ser perigosa.

Enfim, após uma luta prolongada, ela desatou a chorar e abraçou-se com a mãe de seu noivo.

O pranto é sempre um lenitivo.

O riso é mais agradável; as lágrimas, porém, são mil vezes mais preciosas, porque são mitigadoras das mágoas.

A felicidade que ri é menos interessante que a dôr que chora.

Jesus não santificou o riso, pois que não houve quem o visse rir: mas santificou as lágrimas, pois que a Mãe Imaculada chorou.

Abençoemos e agradeçamos a Deus as lágrimas.

Quando vi Angelina chorar, tranquilizei-me.

Foi só então que reparei em Domiciano; estava lívido.

Levei-o quase à fôrça para o seu gabinete.

Aí, escapando de meus braços, caiu em uma cadeira, e me inspirou ainda mais temores que Angelina.

Uma ansia terrível o angustiava; sua bôca aberta devorava o ar, e a respiração lhe faltava...

Fiz um movimento para ir chamar alguém: êle levantou-se com um esforço supremo, e disse:

— Não! não! Angelina poderia saber, e morreria.

Não me pude arrancar de suas mãos, que me agarraram.

Tive medo de aumentar-lhe o padecer, gritando por socorro.

Esperei...

Pouco a pouco sua ânsia foi serenando; suspirou enfim, desafrontado; descansou alguns momentos, e depois disse-me:

— Passou; agora tornemos para junto de Angelina.

Deixei-o ir.

Fiquei pensando naquela dôr exagerada, condenável talvez no seu excesso, naquela dôr de uma jovem que não pôde resistir com bastante resignação ao apartamento temporário de seu noivo, e que assim tanto amargurou seu pai, e naquela sublime abnegação de um pai que encobria, que escondia um padecimento horrível, uma fatal moléstia que o ia arrastando para a morte, afim de poupar aflições à sua filha.

Pensei muito tempo, e ao deixar o gabinete, murmurei, como se falasse a alguém:

— Só um pai...

XII

Três dias depois daquele em que Teófilo partira para Portugal, Domiciano escreveu-me um bilhete prevenindo-me de que viria jantar comigo.

Esperei-o com verdadeira curiosidade, porque Domiciano raramente e só por motivo poderoso deixava de jantar com sua família.

Chegou às quatro horas da tarde.

— Angelina está mais sossegada, disse-me elle; e eu tinha pressa de regenerar-me no seu conceito.

Olhei admirado para Domiciano, que me falava com melancolia e gravidade.

— Observando os sintomas de uma doença terrível, que em prazo mais ou menos curto há de pôr termo à minha vida, e supondo que eu não procurava tratar-me, o senhor me condenou, dizendo: — êsse abandono é um suicídio, um crime.

— Eu não o condenei; faça justiça ao sentimento que ditou essas palavras.

— Faça-a; mas é certo que, ou não pôde compreender o meu procedimento, ou acreditou que eu menosprezava a minha saúde, e reprovou o meu desmazêlo.

— E' verdade.

— Enganou-se, meu amigo; há um ano que senti os primeiros e assustadores anúncios da morte fatal que em breve tem de matar-me; tive medo, tive horror do meu estado, não por mim; por mim. . . que me importaria esta vida tão cansada e tão velha? mas por minha filha, pela minha Angelina, que precisa do amor, e dos cuidados de seu pai; oh! se eu quero viver, meu amigo! eu peço a Deus todos os dias mais dois anos de vida. . . dois anos só, e somente por Angelina, e por essa pobre Plácida, a quem farei tanta falta!

Não pude responder, nem consolar Domiciano.

— Há um ano que me senti doente, continuou elle; e há um ano que emprego todos os meios para combater o mal que me atacou e que infelizmente

não tem cura; um médico hábil e amigo dedicado examinou-me e dirige o meu tratamento; há um ano que, simulando predileção por certos pratos, eu me sujeito a uma dieta rigorosa; ninguém o sabe, ninguém o suspeita, e eu dia por dia consulto o meu médico, e tomo em segredo os medicamentos que me receita; e quando não posso enconder à família uma aplicação que se faz necessária, minto, confesso que minto, pretextando ligeiros incômodos, que servem para esconder o meu estado desesperador.

— Mas o labor imposto por semelhante mistério há de por força contrariar a direção regular do seu tratamento

— Não; não contraria; pelo contrário é um grande auxiliar; porque Angelina não prevê que tem tão cedo de perder seu pai, e portanto não se amargura com essa idéia. Ah! um pai que sabe que vai morrer deve ter a consolação de poupar tormentos à filha! compreende, meu amigo? Eu quero, eu exijo que Angelina ignore o meu... o seu infortúnio até o dia em que não seja mais possível esconder-lho; eu o exijo... é o último, e o mais alto favor que deverei à sua amizade!

— Mas Angelina poderia saber ao menos uma parte da verdade; eu não admito que seja impossível o seu restabelecimento, e faríamos crer à sua filha, que com facilidade...

— Não; de modo nenhum; além de que isso em nada me aproveitaria. Eu lhe juro sob minha

palavra de honra que sigo à risca todos os preceitos do meu médico; todos, exceto um.

— E qual é?

— Êle me aconselha que deixe por alguns meses, isto é, por todo tempo que me resta de vida, o exercício do meu emprêgo; entende que o trabalho assíduo e diário de cinco horas, e às vêzes mais, me é profundamente nocivo.

— Evidentemente êle tem razão.

— Mas que quer?

— Peça licença; ninguém teve jamais tanto direito a êsse favor.

Domiciano sorriu-se tristemente.

— E' assim disse então; já tenho pensado nisso; mas sabe o que é uma licença para o empregado doente? é a redução dos vencimentos, quando o empregado maiores despezas tem a fazer. E' o empregado reduzido ao seu insufficiente ordenado, e privado da sua gratificação! sabe que sou pobre, que vivo exclusivamente do que me dá o meu emprêgo; à fôrça de economias nunca dispendo mais do que ganho; tudo, porém, quanto ganho é apenas lastante para alimentar e vestir minha família. Não posso prescindir da gratificação que recebo pelo exercício do meu emprêgo.

— Trata-se de um caso extraordinário...

— Eu sei; mas em resultado que lucraria eu com uma licença? pensemos friamente: a minha moléstia é incurável e mortal; obtendo uma licença para tratar-me, e ficando privado da minha gratificação, eu com o descanso e com a abstenção do

trabalho prolongaria a minha vida por mais alguns meses ou um ano; mas ao mesmo tempo teria de impor privações à minha família, privações a Angelina; e ainda com essas privações seria obrigado a recorrer aos meus amigos, a contrair dívidas, eu que até hoje nunca devi um real! a contrair dívidas, e a legar à minha pobre filha dívidas que ela não poderia pagar! que legado! além da pobreza, quase da miséria, também a vergonha!

— A vergonha?

— Sim; a impossibilidade de honrar o nome de seu pai, pagando as dívidas que êle deixasse.

— Mas...

— O raciocínio é simples, meu amigo, e a consequência é sobretudo ainda mais simples; a consequência é esta: não vale a pena viver mais alguns meses ou um ano para fazer mal a Angelina. Eu não devo, ou não posso abster-me de trabalhar.

Com dificuldade e vexame, porque receiava ofender Domiciano, eu observei, hesitando:

— Há no seu raciocínio tão simples, apenas um ponto que não lhe parece falso, e que a mim me pareceu cruelmente injusto...

— E qual é?

— O senhor não confia em seus amigos, e os ofende de um modo indesculpável...

As faces de Domiciano coraram.

— Entendo. tornou-me êle; abre-me com ambas as mãos e generosamente a sua bolsa: obrigado! quem sabe? talvez que eu me veja forçado pela necessidade a pedir-lhe dinheiro...

— Perdôe-me...

— Não me molestou, nem me affligiu; creia que se eu me visse reduzido a semelhante extremidade, preferiria bater à sua porta antes de procurar outra qualquer...

— Oh meu amigo! exclamei eu; considere-me seu irmão...

— Sim; mas se tal acontecer, creia também que hei de ser brutalmente franco; não lhe pedirei para emprestar-me dinheiro que minha filha não poderá pagar-lhe; estenderei a mão, e pedir-lhe-ei uma esmola.

— Oh! é demais para um amigo!

— Não é demais, é a verdade: quem sabe que não há de pagar, não toma emprestado; morre trabalhando, ou pede por esmola.

— E que é então um amigo?

— E' um arjo que ri com as nossas alegrias, que chora com os nossos infortúnios; que nos consola, que nos felicita a vida, que nos deixa morrer encostado ao seu seio; que é um amigo? que será o senhor para mim? oh! tudo! será aquêlê que velará por Angelina depois da minha morte; que a chamará — minha filha! — quando eu não tiver mais voz para chamá-la assim.

Domiciano apertou-me as mãos com força e profundo sentimento.

— Já vê, prosseguiu êle, que não devo deixar o exercício do meu emprêgo; é indispensável que eu trabalhe.

— Não vejo isso, não; eu sinto apenas as proporções enormes da sua altivez.

— Altivez!

— Sim, altivez, e a altivez exagerada nunca será um sentimento louvável.

— Queria então que alguma vez pudessem ousar dizer a Angelina que seu pai acabou, pedindo esmolas? A esmola não mancha a mão que a recebe, quando aquêle que a pede não está mais em estado de trabalhar; mas eu ainda posso, ainda quero, ainda hei de trabalhar!

A natureza humana sempre se ressentida da sua imperfeição: os homens do mais belo caráter tem de ordinário os defeitos correspondentes às suas mais apreciáveis qualidades: a altivez correspondia em Domiciano à sua rígida virtude.

A altivez era a fraqueza desse coração inabalável.

Era inútil combater; não combati; mas procurei significar-lhe o meu desgosto com um triste silêncio.

— Deixe-me morrer, como tenho vivido; disse-me êle; é tarde para me corrigir.

Anunciaram-nos que o jantar estava na mesa.

— Está mal comigo? perguntou-me Domiciano, sorrindo-se.

— Um pouco.

— Pois façamos as pazes antes de ir para a mesa. Peço-lhe que, esteja eu vivo ou morto, seja uma das testemunhas do casamento de Angelina.

— A filha é melhor do que o pai; eu lho prometo.

— Peço-lhe mais que, se eu morrer antes do casamento de Angelina, seja o guia, o protetor, o pai de minha filha...

— Eu lho juro!... exclamei comovido.

A gratidão e a confiança brilharam nos olhos de Domiciano.

— Como vou jantar bem! disse êle alegremente.

— Duvidava então de mim? perguntei-lhe.

Por única resposta o pobre pai quis beijar-me a mão; não consenti; abraçamo-nos.

XIII

Um ano passou, um ano inteiro, cujos dias foram todos mais ou menos tristes, e sempre marcados pela saudade a mais pungente, que Angelina manifestava com franqueza, e pelo padecer profundo e prenunciador da morte que Domiciano dissimulava com esforço sublime.

Um ano e dois corações a sofrer; mas um desses corações a esperar pela felicidade, e o outro a contar com a certeza de uma morte próxima!

Para o pai que escondia a moléstia fatal, o desespero da cura a crescer gradualmente no segrêdo da dedicação; para a filha que chorava saudades, a consolação da fidelidade do seu noivo.

Nunca chegara um vapor, um navio trans-

atlântico que houvesse tocado em Portugal, sem trazer a Angelina uma carta de Teófilo.

E cada uma dessas cartas era um longo e detalhado diário que continha dia por dia a história da vida que estava passando o mancebo, a lembrança dos seus trabalhos, das suas saudades, das suas esperanças, dos arroubos da sua imaginação durante as vigílias, dos sonhos que amenizavam ou perturbavam os seus sonos.

A ausência não pudera arrefecer o amor em que se abraçava Teófilo; o seu coração ficara já ligado ao coração de Angelina.

Mas os negócios que o haviam levado a Portugal não chegavam a uma tão fácil solução como êle calculara.

Uma grande casa não se liquida sem morosidade; o tio de Teófilo deixara avultada fortuna; mas também transações complicadas em que se envolvera, e que exigiam tempo para se concluir.

Além disso, um herdeiro que vem de terra estrangeira, raramente consegue tornar-se simpático à família que por êle tem de privar-se de uma parte da fortuna em cujo gozo estava.

Os seis meses calculados por Teófilo para desempenhar a comissão de que se encarregara não foram bastantes, e no fim de um ano ainda teve que esperar.

Nas cartas que escrevia, o mancebo pintava com vivacidade a sua impaciência; por três vêzes já estivera a ponto de abandonar a morosa tarefa; mas o vexame de voltar sem ter colhido o fruto da

sua viagem e a esperança que sempre lhe davam de resolverem-se tôdas as questões no fim de breves semanas, o retinham em Porutgal.

E talvez que não pouco influísse no espírito de Teófilo a insistência com que Domiciano sempre lhe recomendava que não tornasse à pátria sem que primeiro houvesse cumprido o dever que sôbre si tomara.

Angelina, razoável e paciente, esperou durante os primeiros seis meses, triste certamente, mas sem lamentar-se; passado, porém, êsse prazo, o seu amor sobressaltou-se, suas saudades recresceram, e infundados e imaginários receios começaram a atormentá-la; tentava, mas debalde, ocultar o que sofria; chorava às escondidas; seus olhos, porém, vermelhos e abatidos davam traçoeiro testemunho das suas lágrimas; foi sensivelmente emagrecendo, e o mudo padecimento da alma veio, sem dúvida temporariamente, desluzir o viço de seu rosto juvenil, como o eclipse que obscurece os raios do sol.

Angelina era ainda e sempre formosa, mas era como a luz do crepúsculo, doce, porém melancólica, suave, mas sem o esplendor da perfeição do dia.

A sua aflição não me causava apreensões; porque a volta de Teófilo a faria desaparecer de improviso; a beleza fulgente de Angelina tornaria a brilhar como dantes; ao brando sôpro do amor feliz e risonho dissipar-se-iam as nuvens de tristeza, e secariam as lágrimas.

Mas Domiciano, que era pai estremecido, não podia julgar com a razão calma de um simples, em-

bora verdadeiro amigo; êle sofria com a dôr de sua filha, inquietava-se, vendo a vermelhidão de seus olhos, e observava com ansiedade o emagrecimento de Angelina.

Êsse velho, cuja rigidez chegava às vêzes a parecer dureza de coração, êsse velho austero que sabia concentrar e esconder a compaixão, quando a compaixão se lhe afigurava fraqueza, preocupado então do padecer da filha, ameigava sua voz, enchia de ternura seus olhos, e como que transformava sua natureza para, cada dia, falar de Teófilo a Angelina horas inteiras, procurando assim consolá-la, e entretenendo-a com tanta confiança, com tanta expansão, com tanta doçura, que, dir-se-ia, não o pai, mas uma amiga e confidente da saudosa amante.

Que amor imenso! que abismo de amor o mais puro e sagrado naquelas conversações do pai com a filha, em que o pai sacrificava um pouco a gravidade do seu caráter e dos seus velhos anos, para, incensando o sentimento mimoso da filha, acender-lhe as esperanças e mitigar-lhe o amargor da saudade!

Infelizes aquêles que não compreendem a profundidade de semelhante amor, e mais infelizes ainda aquêles que nunca o sentiram!

Eu o compreendi e o senti na vida, e Deus há de ter dado a meu pai o prêmio dêsse amor que dá idéia do amor divino, como o oceano dá idéia do infinito.

Mas o desassossêgo, a inquietação que Angelina estava causando a Domiciano me incomoda-

vam penosamente. A moléstia incurável que o meu amigo sofria, não podendo ser debelada, podia talvez ser dilatada para mais longa sustentação da vida; êsse empenho, porém, reclamava paz e serenidade que em tais circunstâncias e com tantos cuidados o amoroso pai, por mais que o desejasse, não conseguia ter.

Eu me apressara a consultar e ouvir o médico que tratava de Domiciano.

— A moléstia é fatal, vai progredindo naturalmente e zombará de todos os esforços da ciência, cujo único triunfo possível consistiria em prolongar por alguns anos a tormentosa vida do pobre condenado.

— Êle, porém, é um mau doente; observei ao médico.

— Não; é pelo contrário o mais submisso aos meus preceitos; o seu tratamento é seguido e observado com exemplar exatidão, menos sòmente quanto ao trabalho, de que não se quer abster.

— E a família, que ignora o seu estado, e que lhe prestaria sem dúvida os mais delicados e extremos desvelos?

— E' um sacrifício, uma abnegação que devemos, por ora ao menos, respeitar, visto que não perturbam a direção do tratamento; tenho medo que a aflição da família, e especialmente de Angelina, venha apressar ainda mais um golpe que é infalível, e que eu apenas procuro demorar.

O parecer e os receios do médico tinham-me

imposto um silêncio, que eu estaria pronto a quebrar, mau grado a recomendação de Domiciano.

Entretanto, eu notava com a mais viva pena que a moléstia do meu amigo seguia a sua marcha aflitiva. Era a morte prenunciando-se às vêzes em ânsias e sufocações horríveis, que arremedavam os transes da agonia, e que uma fatalidade, que Domiciano reputava dita providencial, permitira que até então o acometessem sempre longe dos olhos de Angelina; era a morte prognosticando-se todos os dias por palpitações aceleradas e ruidosas do coração, que parecia não caber no peito, e que de noite perturbava, impedia o sono, batendo lùgubrememente junto do travesseiro, batendo forte, compassado, terrível, como o soquete do coveiro na terra da sepultura.

E Domiciano caminhava assim impávido para o cemitério, semelhante ao mártir que, animado pela fé, não se queixa, e antes se sorri marchando para o patíbulo.

A idéia da perda do melhor dos meus amigos alterava até o meu caráter; tive momentos em que cheguei a caluniar a alma de Angelina, porque chegava a afigurar-se-me impossível que o estado lamentável de Domiciano pudesse ter escapado ao seu amor, se ela o amasse bastante.

Ah! Angelina não era culpada; era seu pai que se desforrava de uma vida de meio século, tôda de franqueza honrada, e até às vêzes rude e áspera, fazendo, ao pressentir a morte, milagres de dissimu-

lação para esconder aos olhos da filha a certeza da próxima angústia do pai.

Era o requinte do amor no mistério de uma agonia lenta e martirizadora.

Eu nunca admirei tanto Domiciano como nesses longos, dolorosos meses em que o vi sempre com a mais imperturbável serenidade no rosto, ao mesmo tempo que sentia a morte no coração.

Aprendi nesse ano que o mais calculado e pertinaz fingimento pode ser, em alguns casos, inspiração de uma sublime virtude.

XIV

No último dia de janeiro de 1865 o médico que tratava de Domiciano veio falar-me.

— Tenho de queixar-me do nosso doente; disse-me.

— Que há ?

— Começa a tornar-se rebelde aos meus conselhos, e a sua moléstia vai assumindo a maior gravidade.

— Mas . . . que faz êle ?

— Sabe que a grande luta com o Paraguai impôs ao Brasil a necessidade de improvisar um exército poderoso; conseqüentemente em tôdas as repartições públicas que têm que vêr com a guerra, dobrou o serviço e a atividade, e Domiciano, ainda e muito mais do que dantes, se entrega loucamente ao trabalho.

— Já lho fêz notar ?

— Vinte vêzes e sempre sem resultado; quer saber o que me responde? — quando todos os brasileiros, diz êle, se empenham em pagar à pátria heróicos e surpreendentes tributos de ouro, de abnegação e de sangue, não hei de eu comprar alguns miseráveis dias de vida com o esquecimento do que devo ao meu país. Deixe-me morrer no meu pôsto de honra; será a minha última consolação.

— Pobre amigo!

— Mas êle se mata; êle se está matando; poderia ainda resistir um ano, e apenas resistirá poucos meses.

— Que quer que faça, doutor? disponha de mim.

— Até agora, continuou o médico, respeitei o sentimento que o levava a esconder da família o estado da sua saúde; as circunstâncias, porém, mudaram; o seu mal agrava-se assustadoramente; é indispensável que Angelina obrigue seu pai a deixar de ir à repartição de que é empregado, e a entregar-se ao mais completo descanso; cumpre, pois, romper o misterio, e eu só conheço um homem capaz de afrontar a vontade de Domiciano e de expor-se ao seu ressentimento sem receio de ofender o amigo.

— Pode contar comigo, doutor.

Na noite dêsse mesmo dia fui à casa de Domiciano.

Quando entrei, êle não estava na sala. Angelina achava-se acompanhada de algumas senhoras. Não houvera modificação alguma nas relações

e no viver da família de Domíciano; os parentes e os amigos concorriam, como dantes, à casa do pai de Angelina; apenas se podia notar que as modestas reuniões eram um pouco menos jubilosas.

E' que a alma da sociedade não sentia, nem radiava a mesma alegria do outro tempo.

Por mais que se contrafizesse, Angelina nunca chegava a disfarçar de todo a sua tristeza.

Dansava ainda; mas não valsava mais.

Cantava; mas escolhia de preferênciã as músicas que enternecem, e exprimem dôr.

Conversava; mas repetidamente se distraía e se engolfava em sombria meditação.

Não era mais o gênio do prazer, era somente o anjo da saudade.

Eu estava já habituado com a melancolia de Angelina; mas nessa noite a bela moça pareceu-me evidentemente sobressaltada.

— Que tem hoje? perguntei-lhe.

— Amargura e medo; respondeu-me lùgubremente.

— Medo? de que?

— Meu pai está muito doente e esconde o que sofre... hoje à tarde pude fazer idéia do seu estado e... tenho medo.

— Então que viu? diga-me tudo.

— Não mo pergunte; foi horrível! pensei ver meu pai morrer sufocado; ainda não posso explicar o que vi; mas é certo que meu pai está afetado de alguma moléstia muito grave; êle o nega... diz

que nada sente... ralhou comigo; eu, porém, não tenho mais sossêgo.

O rosto de Angelina denunciava as terríveis apreensões do seu espírito.

A filha adivinhava que em breve perderia seu pai, e apenas continha o ímpeto da aflição com a mísera esperança que lhe vinha da incerteza.

Não sei como pude abafar a comoção que me abalava.

Não tive ânimo para dizer a Angelina tôda a verdade; limitei-me a confessar-lhe que a saúde de seu pai também a mim me parecia visivelmente alterada, e que era indispensável não poupar cuidados com êle; ao mesmo tempo, porém, procurei tranquilizar o ânimo quase aterrado da desventurada filha.

— E onde está seu pai? perguntei.

Angelina apontava para o gabinete, quando vi aparecer Domiciano, sereno e risonho.

Deixei passar uma hora, e vendo, enfim, Angelina menos inquieta, e também menos atenta em seu pai, a quem constantemente seguira com olhar observador e penetrante, tomei o braço de Domiciano e fui recostar-me com êle à uma janela.

— Estive hoje com o seu médico; disse-lhe.

— Já sei; falou-lhe muito mal de mim.

— Não; mas disse-me quanto bastou para resolver-me a fazer o que eu já deveria ter feito.

— Então?

— Venho declarar-lhe que se não se comprometer a pedir amanhã uma licença para tratar da

sua saúde, revelarei hoje mesmo o segredo da sua moléstia a Angelina.

Domiciano estremeceu; depois de alguns momentos, respondeu-me secamente:

— Ainde me suponho com juizo sufficiente para regular o meu proceder.

Eu contava com alguma demonstração de enfado da parte de Domiciano; não me dei por offendido e respondi:

— Sim; mas Angelina já suspeita o que a sua abnegação lhe oculta, e acaba de dizer-me o que se passou aqui, há poucas horas...

— Meu Deus! murmurou dolorosamente Domiciano.

— O doutor exige que...

— O doutor!... o doutor!... tornou-me Domiciano com impaciência; mas não se trata, agora, do doutor, nem de mim; trata-se de Angelina, a quem é ainda preciso iludir por algum tempo...

— Mas eu não a iludirei.

— Oh! meu amigo! não pensa como isto me faz mal! Até agora a idéia dos tormentos de minha filha me inspiravam a dissimulação do que soffro; agora é ainda mais do que isso, é que, se Angelina tiver conhecimento e certeza da minha moléstia, com o despotismo do seu amor, com a violência das suas lágrimas, obrigar-me-á a ficar encarcerado em casa, a tratar-me com essa exação que um médico desapiedado está exigindo!

— E disse se lamenta?

— Sim, porque eu desejo trabalhar, agora mais

do que nunca. Ah! meu amigo! deixar o exercício do meu emprêgo nos dias supremos em que o nosso Brasil precisa dos serviços e da dedicação de todos os seus filhos!

— Desgraçadamente ninguém poderá pôr em dúvida o estado muito grave em que se acha.

— E que me importa o juízo dos outros? o que me importa nêste caso, não é mesmo o cumprimento do dever, é o gôsto, a satisfação de fazer também algum sacrifício pela minha pátria, que deve castigar o estrangeiro audaz que a ultrajou. Não tenho um filho para mandá-lo tomar as armas, não tenho meios para pagar o serviço de um homem que combata por mim, nem para levar ao govêrno o meu tributo de ouro; não tenho senão o meu pobre trabalho e nem êsse querem que eu dê ao meu país! sei que fâcilmente se achará quem me substitua no meu emprêgo, e que o Estado nada perderá com isso; mas, repito, não trato do que pode ganhar o Estado comigo, não trato do dever; sei que infelizmente todos me desculpariam a inação; trato sòmente do prazer, do lenitivo que eu sentiria, presentando ainda algum serviço à terra do meu berço. E procuram impedir que eu tenha essa consolação; meus próprios amigos se opõem a êsse empenho, que me faria tanto bem... e quando? quando eu me sinto melhor... porque... veja... observe... eu soffro muito menos... estou melhor; quero e hei de viver.

E o pobre moribundo levou instintivamente a

mão ao peito, onde o coração batia com desabrimen-
to sinistro.

— Não diga que estou doente, continuou êle, depois de curto silêncio; não o diga; vá conversar com Angelina, e assegure-lhe que eu tenho apenas um incômodo passageiro; ande, vá; peça a Angelina que cante alguma coisa.

— Pensa deveras que eu deva pedir à sua filha para cantar esta noite? . . .

— Perdoe-me; tem razão; pois não lhe peça e não lhe diga coisa alguma; tornou-me Domiciano com voz repassada de tristeza.

Não me deixei vencer.

— Desde amanhã, disse a Domiciano, o senhor ficará em sua casa na mais completa abstenção de trabalho, em absoluto descanso, e com o seu médico dirigindo e regulando o seu tratamento sem as peias de um segrêdo inadmissível.

— Não.

— Obriga-me, portanto, a declarar à sua filha mais do que pretendia.

— Não o fará.

— Hei de fazê-lo hoje mesmo; dou-lhe minha palavra de honra.

Domiciano segurou-me no braço com ambas as mãos.

— Tenha compaixão de minha filha! disse-me.

— Tenha compaixão de sua filha, respondi-lhe.

O angustiado pai suspirou, e tornou-me:

— Compaixão! se a tenho! pois que longo mistério é êste senão o anhelto de poupar-lhe dôr e

pranto? mas escute, reflita, meu amigo; se, tratado com os maiores desvelos, e sujeito a tôdas as exigências dos médicos, tenho ainda assim de morrer daqui a seis meses, onde está para mim o grande infortúnio, morrendo eu trinta ou quarenta dias antes?... o senhor não é pai, e portanto não sabe que um pai daria sem hesitar trinta ou quarenta dias de sua vida para não vêr sua filha chorar seis meses.

E Domiciano chorou.

Nesse momento ouvimos os sons do piano. Adeodata tocava a polca dos Puritanos, de Bellini.

Era horrível o contraste daquela música alegre e festiva com o chorar de um pai quase moribundo.

Domiciano, indiferente à música, prosseguiu:

— E, além de minha filha, o meu país, a minha pátria, a quem posso prestar ainda alguns bons serviços! O trabalho diário e aturado fará que eu viva menos um ou dois meses; pois bem; o raciocínio é o mesmo; não é muito que eu sacrifique ao Estado um ou dois meses desta vida que o Estado alimenta há trinta e dois anos! Meu Deus! que cuidado é êste que têm os meus amigos de uma vida gasta, condenada sem remissão, passada só em martírios, sem o lenitivo da mais dúbia esperança; que cuidado, que zêlo cruel é êste que não me quer permitir consagrar algumas horas de fraca luz, dessa flama que se vai extinguindo, à terra amada em cujo seio nasci!

— Mas, tratando-se convenientemente, obser-

vei comovido, ainda lhe será possível melhorar muito, e ser dobradamente útil ao nosso país.

— E' uma ilusão que não pode entrar por um instante no meu espírito; sabemos ambos a verdade; o doutor mo confessou e eu tinha já compreendido que não há recurso para mim; a questão é de tempo e o prazo é breve; dentro de poucos meses morreréi.

Um grito pungente arrancado do âmago do coração respondeu às últimas palavras de Domiciano.

Era Angelina que, suspeitosa e desconfiada, se aproximara de nós, e ouvira a sentença de morte de seu pai.

— Eis aí o que eu mais temia! exclamou Domiciano.

E abraçou-se com a filha, que chorava em desespero.

XV

O poder de Angelina foi mais forte que a vontade de seu pai.

Mas, se algum dia pudesse ter sido ainda tempo oportuno para vencer a terrível moléstia, então já foi muito tarde.

Domiciano sujeitou-se a tôdas as prescrições e exigências do hábil médico e verdadeiro amigo que o tratava; absteve-se de todo trabalho e não saiu mais de casa.

Não saiu mais, disse bem, porque quando, qua-

tro meses depois, saiu pela última vez, já era corpo sem vida, era já cadáver levado para o cemitério.

Domiciano viveu, pois, ainda quatro meses, experimentando todos os atrozes tormentos de uma dilatação do coração, e disfarçando sempre, ao menos quanto podia, os progressos do seu mal, e exagerando algumas fugitivas aparências de melhora para alentar Angelina e Plácida, e diminuir a aflicção que as atribulava.

E êsses dois anjos, essa moça tão delicada e essa velha paralítica, foram duas dedicações a velar de dia e de noite, sem descanso e sem sono, junto do doente tão amado.

A imensidade do amor filial demonstrou-se em Angelina com a mais suave pureza, e com a força mais inesperada.

Angelina achou nesse amor o segrêdo para estancar o pranto, para sufocar soluços, para fingir confiança, para inventar esperanças a fim de dar lenitivo aos sofrimentos de seu pai, que, compreendendo-a melhor do que ela pensava, deixava-se acreditar que êle se iludia.

Eram dois a fingir, dois a enganar um ao outro, e por amor um do outro.

Mas, além dêsse esforço, além de mil incessantes e mimosos desvelos, além das vigílias de noites inteiras passadas de joelhos a rezar à porta do quarto de Domiciano, que exigia sempre que sua filha fôsse dormir, Angelina submeteu-se sem queixar-se, sem resistir e com obediência heróica a um sacrifício que lhe despedaçava o coração.

Domiciano amava a música porque sobretudo amava a voz de sua filha.

E quase todos os dias, e ainda naqueles em que mais sofria, tomava entre as suas uma das mãos de Angelina, apertava-a docemente, beijava-a e depois dizia :

— Angelina, vai cantar; a tua voz me faz bem.

E Angelina lá ia para o piano, levando na alma o desespéro, e cantava, cantava, como se fôsse feliz, cantava até que seu pai lhe dizia :

— Basta . . .

Cantar perto de um pai que morria! oh! se Domiciano soubesse que torturas despedaçavam o coração de Angelina de cada vez que ela cantava!

E a pobre Plácida! a infeliz paralítica imóvel em sua cadeira observava, notava hora por hora a marcha da moléstia fatal de seu irmão; e quem poderia imaginar e descrever os seus indizíveis suplícios, quando acessos de violenta sufocação atacando Domiciano, faziam receiar que houvesse chegado o seu derradeiro transe e ao mesmo tempo que Angelina e quantos estavam presentes corriam a socorrê-lo, ela queria e não podia mover-se, estendia os braços . . . debatia-se inútilmente, e chorando, e lamentando-se, maldizia-se por não poder abraçar os pés de Domiciano ?

Nunca, nunca poderei esquecer essas cenas aflitíssimas que tantas vêzes testemunhei.

O médico, talvez contando com a influência do regime perfeitamente regular, e com o descanso completo a que enfim Domiciano se sujeitara, ti-

nha-nos dado, embora um pouco duvidosamente, a mesquinha esperança de conservarmos aquela vida tão prezada, ainda por um ano ou mais; no principio de maio, porém, a moléstia assumiu a mais assustadora gravidade.

Em tal situação preveni à família de Teófilo, que acudiu de pronto ao meu chamado.

Cândida escreveu a seu filho, dando-lhe conta do golpe que ameaçava Angelina, e ordenando-lhe que voltasse logo para junto de sua noiva.

A carta de Cândida seguiu no paquete francês de 24 de maio; calculamos que Teófilo chegaria nos primeiros dias de agôsto, aproveitando o paquete inglês.

Eran: dois meses e alguns dias que pedíamos a Deus para dar uma grande consolação a Domiciano.

A morte não quis assim.

A 28 de maio, Domiciano manifestou desejos de receber os socorros da religião, e os recebeu plácido e sereno algumas horas depois.

No dia seguinte expirou.

Não posso descrever a cena tremenda da sua morte... não; é impossível.

XVI

Não se morre de dôr, porque Angelina não morreu; ela, porém, ficou durante alguns dias em um estado de inércia e de aparente insensibilidade que lhe davam o aspecto de uma idiota; não pro-

nunciava uma palavra; seu solhos secos e de uma fixidade insuportável, abandonavam ao acaso um olhar vago e como que desvairado; seus músculos labiais penosamente contraídos e conservados assim em esquecida imobilidade, exprimiam a concentração profunda, imensa, de uma dôr tão grande que nem tinha lágrimas.

Plácida ao menos chorava muito.

Cheguei a temer que Angelina tivesse enlouquecido; o médico que tratara de Domiciano assegurou-me que não, e declarou que respondia por ela.

Três dias depois da morte do meu primeiro amigo, fui encarregado, ou antes, encarreguei-me de examinar os seus papéis.

O exame foi curto.

Domiciano, que não quisera fazer testamento, deixou um livro, registro glorioso da sua vida honradíssima, que será conservado como um tesouro, como uma carta da mais ilustre nobreza por sua filha e seus descendentes.

Nesse livro estava singelamente escrita a explicação de todos os seus atos, a história de tôdas as suas alegrias e de todos os seus pesares; era a confissão geral de uma vida de meio século, e nela a exibição de uma probidade sem mancha, e de um coração sempre guiado e fortalecido pela consciência do dever.

Além do livro da honra, Domiciano deixara uma caixa que era o cofre da sua única riqueza; a caixa estava cheia de recibos que provavam que

êle tinha vivido e que morrera sem dever jamais um real a quem quer que fôsse.

Notei uma singular coincidência; desde o último mês de 1864, isto é, desde a época em que sentira agravar-se mais a sua moléstia, Domiciano, conforme eu via pelos recibos que estava lendo, começara a pagar o aluguel da casa em que morava com dois meses de adiantamento, de modo que o último recibo, que trazia a data do 1.º de maio, dava o aluguel pago até dezembro de 1865.

Compreendi facilmente o motivo de tal coincidência; o coração do pai calculára com a pobreza em que ia deixar a filha, e pelo menos garantia-lhe um teto durante alguns meses.

Mas as últimas páginas do livro da honra, dêsse livro que não recebêra título algum, e que bem pudera intitular-se — Culto do Dever —, as últimas páginas continham uma carta para Angelina; a data era de 30 de abril e o papel conservava vestígios de lágrimas.

O pai escrevera chorando à sua filha.

A carta era simples e digna de Domiciano.

Copiarei dela apenas alguns trechos.

“Angelina!

“Vou morrer, o golpe é tremendo; deves, porém, resignar-te.

“Também a mim me custa muito esta fatal e extrema separação; mas a vida de tormentos que tenho vivido desde dois anos é tão cruel, tão horrível, que tu mesma com todo o teu amor de filha, se pudesses avaliar quanto soffro, e tivesses em tuas

mãos a minha sorte, hesitaria entre o anelo de conservar-me vivo e a piedade de conceder-me a morte.

“A vida é para mim um suplício incessante, uma agonia de tôdas as horas; porque, tu o tens visto últimamente, eu experimento uma e mais vêzes em cada dia tôdas as angústias do passamento.

“E no meio de tão atrozes torturas, nem a mais leve esperança!

“Oh! minha filha! a morte é o descanso para teu pai.

“Resigna-te.

“Eu te ensinarei a crer em Deus e na eternidade; a alma não morre, e Deus permitirá que a minha alma venha muitas vêzes velar junto de ti.

“Não te consternes pois; porque a alma de teu pai padeceria muito, vendo-te aflita.

“Resigna-te por mim! oh! minha filha! pelo amor de Deus! — resigna-te.

.....

“Não te recomendo a observância do dever e a prática da virtude; conheço minha filha, e hei de morrer tranqüilo.

“Quero, porém, deixar-te alguns últimos conselhos.

“Ficas pobre, extremamente pobre, e só talvez daqui a alguns meses poderás realizar o teu casamento, que abenço.

“Lego-te uma triste e mesquinha pensão anual

de um conto de réis, que te será paga regularmente pelo montepio geral.

“E’ tóda a sua riqueza; se ela não te bastar para viver, trabalha.

“Mas sujeita sempre as tuas despesas às mais exatas proporções dos teus rendimentos.

“A mulher que faz dívidas ou que pede emprestado, abate-se mil vêzes mais que o homem; e a que, podendo trabalhar, aceita o óbulo da caridade, ainda a mais delicadamente disfarçada, avilta-se.

“Quem pode trabalhar, não pede nem recebe esmola; procura ganhar honestamente; a mulher ainda muito mais que o homem.

“Há na pureza da mulher uma espécie de altivez que é o grande quilate da sua virtude; conserva-a.

“Se o Estado te conceder uma pensão pelos meus longos anos de serviço, aceita-a; não a peças, porém; porque o Estado nada me deve; pagou-me durante a minha vida todo o trabalho que lhe prestei.

“Sofre as privações da pobreza sem impaciência nem queixa até o dia em que fôres espôsa de Teófilo; dêsse dia em diante sòmente responderás por ti a teu marido, à memória de teu pai e a Deus, e caberá a teu marido responder por ti ao mundo.

.....

“Sem dúvida Teófilo voltará em breve para o Rio de Janeiro, e quererá apressar o seu casamento

contigo; se assim acontecer, como confio, exijo da tua obediência de filha que o teu luto pesado não seja motivo para demorar-se um só dia êsse ato solene que te dará protetor legítimo e a mais doce felicidade.

“Minha alma, radiosa de alegria, assistirá ao teu casamento; não o adies, pois, a menos que te convenças, mesmo a despeito do silêncio generoso de teu noivo, que o cumprimento de algum sério dever mande Teófilo ausentar-se de ti ainda por algum tempo.

“Em tal caso espera e sofre.

.....

“Em qualquer dificuldade da vida e quando o teu espírito vacile na resolução que lhe cumpre tomar, consulta antes de todos o dever, que te falará pela voz da tua própria consciência, e ouve depois o parecer dos nossos velhos amigos.

“Entre êles recomendo-te especialmente F... (estava escrito o meu nome), em quem encontrarás a mais nobre dedicação; ouve-o sempre, respeita-o, e considera-o como um pai. Não deixes nunca de pedir-lhe conselhos e conta que acharás no seu juízo a sabedoria instintiva da verdadeira amizade.

.....

“Se tiveres filhos educa-os como eu te eduquei, no amor de Deus e do próximo e na prática severa do dever; ensina-lhes o que te ensinei, para feli-

cidade dêles e para tua felicidade. Assim poderás morrer tranquila, como eu vou morrer tranquilo pela confiança que me inspiras.

.....

“Agora um pedido, Angelina.

“O meu último pedido de moribundo.

“Sê de ora em diante mãe de Plácida, como ela foi até agora tua mãe.

“Deus te abençõe, oh minha filha, sempre por mim mil vêzes abençoada!

“Sê feliz! muito... muito feliz!

“Adeus, oh minha Angelina!

“Adeus!”

A leitura desta carta compungiu-me; a lembrança do meu nome escrito nela, e a recomendação que eu merecera do meu amigo, encheram-me de orgulho.

— O exame dos papéis de Domiciano me assegurou que sua família, sem ficar na miséria, ia achar-se reduzida aos mais limitados recursos.

Outro cuidado, porém, me preocupava então muito mais.

Minha atenção concentrou-se tôda em Angelina; quatro dias depois da morte de seu pai, a infeliz moça se conservava ainda no mesmo estado.

Pareceu-me que o médico principiava a impacientar-se.

Tive uma verdadeira inspiração.

— Doutor, disse-lhe eu, para o mal que Angelina está sofrendo, um amigo também é médico.

— E o melhor dos médicos; respondeu-me êle.

— Pois bem; proponho-lhe que façamos uma experiência...

— Qual?

— Mostrei-lhe no livro de Domiciano a carta deixada para Angelina

O médico depois de meditar alguns minutos tomou-me o livro, e disse:

— Tem razão; vou lêr-lhe a carta.

Mas voltou-se logo para mim, e entregando-me o livro, observou-me:

— Não sou eu, é o senhor que deve fazer-lhe a leitura desta carta.

Fui sentar-me diante, e muito perto de Angelina, e disse-lhe:

— Dona Angelina, venho ler uma carta que seu pai deixou em despedida; quer ouvir?

Ela fixou em meu rosto o seu olhar pasmado e não me respondeu.

— E' seu pai que lhe escreve; tornei.

Angelina não fêz o menor movimento.

— Leia! disse o médico.

Comecei a ler pausadamente, observando a cada momento aquela filha que o maior excesso de dor abismara em um desespêro mudo, inerte e semelhante à loucura.

A insensibilidade aparente de Angelina resistiu ao primeiro trecho que li; mas em seguida, e como se pouco a pouco fôsse renascendo no mundo da consciência, Angelina foi experimentando sucessivos sobressaltos; logo depois a fixidade pas-

ma do seu olhar principiou a dissipar-se, e seu rosto, mudando de expressão, annunciou-nos que uma reacção se operava, e que a dôr, triunfando do enregelamento sinistro do desespêro, viria em breve entornar-se em lágrimas, e prorromper nos gritos da aflicção.

Enfim, prêsa aos meus lábios, trêmula, e em viva agitação, mas sem falar, sem chorar, e como recolhendo uma a uma tôdas as palavras que eu lia, a pobre filha escutou-me assim até que eu li a última, até que eu fechei o livro, dizendo:

“Adeus, oh minha Angelina!

“Adeus!”

Então ouvimos um gemido longo, terrível, dolorosíssimo, arrancado das fibras mais fundas e delicadas do coração, e Angelina desatou no pranto mais desabrido.

O médico sorriu-se.

Eu e a tia Plácida demos graças a Deus.

Não posso dizer quanto tempo Angelina levou a chorar sem dar descanso aos olhos, e ao seio que se desafogava em soluços.

Sei que ficamos imóveis, deixando correr livremente suas lágrimas, e esgotar-se a enchente de amargura que inundara e submergira o seu coração.

Finalmente o pranto foi remitindo; Angelina pôde desprender a voz, levantou as mãos e os olhos para cima, como se quisesse falar ao céu, e exclamou:

— Meu pai! . . . meu pai! . . . meu pai! . . .

E rompeu em novo dilúvio de lágrimas.

XVII

Angelina estava salva; mas nem os nossos, nem os seus próprios esforços podiam vencer uma acerba melancolia e um abatimento enlanguecedor que lhe iam consumindo a vida.

O que ela sentia e mostrava não era somente a tristeza e a pena que por muito tempo obumbram a alma do filho que acaba de perder o pai; era ainda o confrangimento que gasta a vida, e a languidez que prostra o corpo.

Contra esse estado lutava debalde a própria vontade de Angelina.

Esta filha abençoada tinha lido vinte vezes a carta de seu pai, sabia-a de cor, estudava-a todos os dias, decobria nela um conselho, um preceito em cada palavra, queria observá-la tôda com um zêlo e um escrúpulo religioso, e começara em seu empenho de piedosa e santa obediência, desejando e procurando, mas em vão, dissipar a consternação que a desalentava e deprimia.

Dócil e submissa, ela ouvia as nossas consolações, e quase que as reclamava; a queixa única que se permitia era a da fraqueza do seu espírito, que se abandonava a uma aflição que seu pai condenara.

Reparei que Angelina não me tratava mais com a antiga familiaridade de simples amiga; trocara-a por uma espécie de veneração e de acatamento que chegavam a constranger-me.

Um dia fiz-lhe sentir essa modificação dos seus sentimentos para comigo.

— Foi meu pai que assim ordenou, respondeu-me com singeleza; em sua carta êle me diz: — “considera-o como teu pai”.

Aproveitei-me da importância exagerada que ela dava àquelas palavras, e censurei a sua pertinaz melancolia.

— E' mais forte do que a minha vontade, tornou-me; muitas vêzes imagino que a alma de meu pai está velando invisível junto de mim, e que padece vendo-me penar; revolto-me contra mim mesma, quero consolar-me, mas é impossível... não posso.

Eu lhe falava sempre de Teófilo e anunciava-lhe a sua chegada muito próxima; ela não me ocultava que essa era a mais doce esperança do seu amor, mostrava-se comovida; não podia, porém, dominar, nem por breves momentos, a acerbidade da sua melancolia.

Dir-se-ia que a dôr se embebera em todo o seu ser e já fazia parte da sua natureza.

Compreendi que só uma poderosa e veemente emoção chegaria a romper aquêle profundo luto da alma que em tão grande prostração abatia o corpo.

Calculava eu com o forte abalo que deveria produzir a chegada de Teófilo, quando um acontecimento majestoso, excitando geral entusiasmo, veio também prestar-me útil socorro para provocar uma reação no organismo de Angelina.

Corriam os primeiros dias do mês de julho.

Notícias chegadas do Rio da Prata alvoroçavam a capital do império com o regozijo de uma brilhante

te vitória, e com o ressentimento de uma nova afronta.

A vitória do Riachuelo eletrizava os brasileiros; os anais das nações mais belicosas não lembram uma só batalha naval em que se praticassem feitos de mais heróica bravura e de audácia mais estupenda do que aquêles que ali, nas águas do Paraná, firmaram a reputação e a glória da marinha brasileira.

Tem havido muitas batalhas navais de maior importância; nenhuma, porém, em que apparecessem bravos que ostentassem intrepidez mais extraordinária e arrôjo mais sublime do que, não alguns, mas todos aquêles nossos Alcides do mar.

Com a notícia, porém, dessa vitória vieram a da invasão da província do Rio Grande do Sul por um exército paraguaio, que conseguira, passando o Uruguai, entrar na vila de S. Borja.

A terra da pátria estava, pois, sendo calcada no Rio Grande do Sul, como em Mato Grosso, pelos pés do estrangeiro inimigo e selvagem.

Era uma nova afronta exigindo pronto, imediato castigo.

Semelhante à erupção que rompe terrível do seio do vulcão, um brado de cólera e de vingança partiu ameaçador e violento dos peitos de todos os brasileiros.

O Rio Grande do Sul, invadido pelo inimigo, era um ultraje que exasperava; mas, se a invasão perdurasse, seria um opróbio para o império sul-americano.

O Brasil chamava seus filhos às armas.

E de súbito correu de bôca em bôca, e logo depois a imprensa confirmou a nova de uma resolução verdadeiramente augusta

O Imperador ia partir imediatamente para o Rio Grande do Sul; seu genro, o príncipe duque de Saxe o acompanhava, e o outro seu genro, o conde d'Eu, que estava a chegar de volta da Europa, correria em breve a ajuntar-se a êle.

Brilhante era o exemplo de patriotismo que o Imperador e os príncipes davam ao povo.

A sensação que esta nova estrondosa causou na capital, e sucessivamente em tôdas as províncias do Império, não se pode descrever.

Mas as províncias souberam que o Imperador e os príncipes tinham partido para o teatro da guerra, e a capital os viu partir; as províncias não puderam portanto sentir, e mal podem compreender a emoção vivíssima e entusiástica da capital.

O dia 10 de julho foi escolhido pelo Imperador para efetuar-se êsse ato grandioso de patriotismo.

Na noite de 9 fui à casa de Angelina.

Achei-a no seu estado, já quase habitual de languidez.

— Dona Angelina, disse-lhe, amanhã, às 8 horas do dia o Imperador e o duque de Saxe embarcam para o Rio Grande do Sul no empenho de ativar a guerra.

Como ela guardasse silêncio, perguntei-lhe:

— Que lhe parece?

— Digno, respondeu-me simplesmente.

Mas na sua resposta ela dissera tudo; porque contemplara o Imperador e o príncipe na altura da sua grandeza e do seu dever patriótico.

— Digno sem dúvida, tornei-lhe; e o ato é ainda mais belo pela espontaneidade.

— Certamente.

— Quer dar-me licença para levá-la, e também à tia Plácida, a testemunhar a majestosa e patriótica partida?

— A mim?

— Pois então?

— Meu pai faleceu há tão pouco tempo e eu tenho o coração tão cheio de dôr...

— D. Angelina, não se trata de uma festa, nem de um passeio aprazível, nem de um curioso entretenimento; trata-se de um ato de augusto civismo; mas também de gravidade solene; não podem haver alegrias em uma despedida. O patriotismo leva o Imperador e o príncipe, onde eles só encontrarão fadigas, privações e perigos; vamos pois em nome do Brasil agradecido, e pelo doce impulso da lealdade e do amor, admirá-los, saudá-los na hora de sua nobilíssima partida.

Angelina olhou-me com submissão, e respondeu-me:

— Vamos.

XVIII

Às oito horas da manhã seguinte embarcamos eu e as duas senhoras em um escaler, o mais

cômodo e o mais ligeiro que me fôra possível encontrar.

Depois de curta viagem foi o nosso pequeno batel postar-se perto da ilha das Cobras e em frente do arsenal de marinha, onde já se achavam o Imperador e o príncipe duque de Saxe.

O dia 10 de julho amanhecera brilhante, o mar estava sereno, e a baía de Niterói ostentava tóda a imensa opulência de seus encantos naturais.

Havia, porém, alguma coisa ainda mais esplêndida que o dia, ainda mais magnífica que a vasta e admirável baía que arrebatava todos os navegantes, e ainda mais sublime que o mar; era o sentimento geral, e único que rompia de tódas as almas, que falava nos olhos, no semblante, no enlevamento, nas expansões entusiásticas de uma extraordinária multidão de senhoras e de homens de tódas as idades, de tódas as condições sociais, de tódas as nacionalidades, que enchiam o arsenal, coroavam os montes vizinhos, acumulavam-se nas janelas das ruas mais próximas, espraíavam-se na ilha das Cobras, e coalhavam o mar de vapôres, de barcas, de escaleres e de batelões.

Antes de tudo é preciso lembrar o que uma longa observação tem já provado.

A população da capital do Brasil não se faz notável por aquelas fáceis e sempre inflamáveis manifestações de arrebatamento que se observam com freqüência em quase tódas as capitais do mundo; às vêzes, em dias e atos solenes, conserva mesmo

uma certa gravidade que a alguns tem parecido frieza.

Não é uma censura, é antes um elogio que faço a essa nobre população, que é calma e aparentemente remissa nas horas plácidas, e nas épocas normais, mas que sabe exaltar-se quase até ao delírio nas ocasiões supremas em que o patriotismo, o amor da liberdade, a dedicação ao seu monarca, despertam ao brado dos corações vigilantes.

A sua mal chamada frieza é a do guerreiro heróico que dorme tranquilo durante a paz, e se levanta impávido ao primeiro grito de guerra; é a da lealdade que não se anuncia em manifestações inúteis, e que espontânea e fervorosa se demonstra no dia do perigo e na hora dos sacrifícios.

Um exemplo entre mil exemplos:

A guarda nacional da côrte desde longos anos tem sido chamada a auxiliar a tropa de linha no serviço da guarnição da cidade, e sempre houve que lamentar a necessidade de punições disciplinares para se vencer a relutância pertinaz, mas explicável de muitos guardas; declarou-se porém a guerra ao Paraguai, a tropa de linha teve de marchar tôda para o sul, a guarda nacional foi então chamada a guarnecer não só a cidade, mas também as fortalezas, e, no primeiro dia que tal serviço devia começar, não faltou um único guarda a pagar êsse tributo de civismo.

Eis aí como é a suposta frieza do carioca.

O dia 10 de julho pode também ser apontado como um outro exemplo, o do mais espontâneo,

estrandoso, eloqüente, e inexcelsível entusiasmo de um povo a saudar, a vitoriar, a render cultos de patriótica gratidão ao chefe do Estado.

Não há muitos dias como êsse na vida do homem.

Eu não posso, nem tenho a intenção de descrever tudo quanto vi, ouvi e senti.

Lembrarei apenas algumas das minhas impressões mais dizíveis.

O Imperador, e o príncipe seu genro, tinham chegado ao arsenal de marinha no meio de estrepitosas aclamações e seguidos de massas compactas do povo que os vitoriava com inexprimível fervor; o arsenal já estava ocupado por muita gente, e ao portão dêle houve confusão, porque a guarda já não podia permitir livre entrada à multidão; a um aceno do Imperador a guarda cedeu ao amor do povo, e a multidão entrou, transbordou, e todo o espaço desapareceu ocupado por ela.

Uma corrente de incessantes comunicações se estabelecera da terra para o mar, onde todos iam sabendo quanto se passava no arsenal.

O Imperador demorou-se algum tempo recebendo na sala de uma das casas dêsse grande estabelecimento as despedidas do corpo consular, da câmara municipal e de muitos cidadãos.

Depois, nós outros que nos achávamos no mar, adivinhamos que o Imperador apparecera e passava revista às tropas que também deviam embarcar; adivinhamo-lo pela imensa, unísona e continuada aclamação do povo aglomerado no arsenal.

A revista não foi longa, mas em seguida o Imperador assistiu, como costumava, ao embarque de todos os soldados; depois do que, e sempre acompanhado do duque de Saxe, dirigiu-se para o vapor *Santa Maria*, passando por um outro no qual recebeu os cumprimentos de muitos senadores, deputados e diversos cidadãos.

Nessa ocasião pudemos vê-lo bem distintamente durante alguns minutos; trajava sobrecasaca de marinha, e trazia o boné de pequeno uniforme.

Mas a partida foi ainda demorada por duas horas, pelo anúncio da chegada de um vapor que trazia do norte novos contingentes para o exército; o Imperador quis ir mostrar-se aos soldados que acabavam de chegar, quis vê-los e também inteirar-se das comunicações oficiais e notícias vindas das províncias daquela parte do Império.

Tive então bastante tempo para observar as duas senhoras que comigo estavam.

Plácida, alheia a quanto nos rodeava, tinha os olhos sempre fixados no ponto, onde lhe diziam que se achava o Imperador, e de momento a momento repetia invariavelmente a mesma pergunta:

— Onde está **êle**?

Angelina cedera pouco a pouco à influência irresistível da comoção que todos experimentavam; seu coração tornara enfim à vida, e abrira-se para receber os sentimentos generosos, potentes, exclusivos daquele dia da pátria.

Eu a vi com as faces, desde tantos dias sempre

tão abatidas e pálidas, de súbito acesas com a mais bela côr de rosa; quis provocá-la a falar, e disse-lhe:

— Creio que o ardor do sol está lhe abrasando as faces...

E ela me respondeu:

— Não é o ardor do sol: é a alma.

— Arrepende-se de haver cedido ao meu empenho e consentido em vir?

— Oh! não; há neste espetáculo sublime a mais pura religião de dois deveres sagrados; o dever do Imperador para com a pátria e o dever de um nobre povo para com o monarca patriota.

— Porque então os seus olhos tem-se enchido de lágrimas por mais de uma vez? é o entusiasmo que a faz chorar?

— Sim, por mais de uma vez; mas não menos tenho-me lembrado do orgulho patriótico e da glória que sentiria meu pai, saudando hoje o Imperador que êle tanto amava.

— E onde está o Imperador? perguntou ainda a tia Plácida.

Não pude responder.

Um movimento elétrico, uma agitação descomunal do povo, uma erupção ruidosa, atoadora de aclamações, os vapôres largando, inúmeros batéis a resvalar pelas ondas anunciaram-me a partida augusta.

O nosso escaler adiantou-se à minha ordem, rodeou a ilha das Cobras, fêz-se ao largo, e vimos então uma linha de treze lindas barcas a vapor seguindo para a barra.

O vapor **Santa Maria**, que levava o Imperador e o príncipe, é de marcha superior; avançava ufano e garboso, e o Imperador em pé no passadiço com a cabeça descoberta, tinha o boné na mão direita, e saudava com êle a multidão que, entusiasmada e como delirante, prorrompia em vivas estrepitosos, acenando fervorosamente com os chapéus, com os lenços, com os braços...

Um só grito retumbava na imensa baía de Niterói; de todos os lados, da terra e do mar partia de milhares e milhares de bôcas: — viva o Imperador!

O **Santa Maria** passou a duas braças do nosso escaler...

Levantamo-nos, menos a pobre paralítica, que não podendo fazê-lo, bradava:

— Deixem-me vélo!

O Imperador tinha nos lábios um doce e animado sorriso; mas seus olhos e seu semblante denunciavam profunda comoção.

Saudou-nos levantando o seu boné, e com um movimento de cabeça agradeceu-nos as nossas repetidas aclamações.

O **Santa Maria** foi seguindo; quando não pude mais distinguir o vulto majestoso do Imperador, voltei-me, e vi Angelina e Plácida chorando e cortando as lágrimas com o grito que lhe saía dos corações, com o mesmo grito que rompia do coração de todos:

— Viva o Imperador!

XIX

Na sensibilidade melindrosa e delicada há sem dúvida grandes perigos, mas também potentes recursos para o coração.

As almas que mais sentem são as almas que, mais resistem, porque a sensibilidade é a flama que as devora, e que ao mesmo tempo as alimenta.

Um dia não sei que homem, ou que mulher volúvel teve a idéia de desculpar a inconstância, e formulou o adágio — **um amor cura-se com outro amor.**

Esse adágio é um sofisma; se, porém, o corrigissem, poderia exprimir uma verdade.

E' um sofisma, porque confunde o amor com o capricho, com o galanteio, com a embriaguez dos sentidos, quando ensina que um amor, por qualquer causa infeliz, cura-se com outro amor semelhante àquele na natureza dos sentimentos.

Nas organizações fatalmente privilegiadas em que a sensibilidade esquisita e mimosa é fonte dos mais puros e vivos extremos nos afetos, nas alegrias e nas aflições, o coração de um homem que chegou a amar deveras uma mulher, o coração de uma mulher que chegou a amar deveras um homem, ama só uma vez e ama sempre: um outro amor é sacrilégio que o revolta; não há para êle primeiro amor, porque não pode haver segundo; o seu amor não é primeiro, é um e único, e dura a vida tôda, fazendo dos dias que passam, se é feliz, uma cadeia de flôres, se é desgraçado, uma corrente de lágrimas.

Mas o adágio da inconstância poderia exprimir uma verdade, se, falando do amor que vem despertar a alma abatida pelo infortúnio de outro amor, se referisse à influência daqueles suaves e nobres sentimentos que todos são amores, mas que não se repelem, e podem pelo contrário juntos e em doce harmonia fazer palpitar o mesmo coração, enchendo-o, embalsamando-o, abrilhantando-o, como flôres que recendem no mesmo jardim, como estrêlas que fulgem no mesmo céu.

Porque um só coração chega e nunca é pequeno para conter o amor de Deus, que é a fonte de todos os amores puros e santos, e além do amor de Deus, o amor dos pais, o da espôsa e do espôso, o dos filhos, e dos irmãos e dos parentes, o amor dos amigos, que se chama amizade, o dos pobres e desgraçados, que se chama caridade, ainda outros, e enfim o da pátria, que resume todos êsses, e que é também até um pouco o amor de si próprio.

Há no coração verdadeiramente sensível uma harpa angélica de cem ou ainda mais cordas, e o som que vibra cada uma dessas cordas é a voz, a harmonia de um amor.

No correr da vida uma e outra e muitas dessas cordas rebentam; a cada corda que estala, a harpa emudece tôda, o coração se enluta e se confrange.

As cordas da harpa angélica não se substituem; a que rebentou, perdeu-se; deixa, porém, perpétuo o eco da harmonia que aditava o coração, e, no lugar da corda perdida, fica, também perpétuo, fundo sulco cavado pelas lágrimas.

Em corações que sentem assim, o amor que a adversidade imolou, nunca morre de todo, porque nunca fica esquecido; há neles muitos amores, na harpa muitas cordas que se entendem, que se harmonizam, e que têm sempre na voz das suas harmonias uma saudade, uma nota melancólica que cai no sulco das lágrimas, onde jaz o amor irmão que perderam.

Mas em corações que sentem assim, e por isso mesmo que a sensibilidade é delicada e excessiva, a vida do sentimento pode rebentar súbitamente no meio do amortecimento da angústia, e acender-se a energia, quando mesmo a fraqueza é mais profunda.

O coração que se confrangeu e enlutou, ainda tem outros amores; a harpa que emudeceu ainda tem outras cordas, e de repente na noite do confrangimento, do luto, da mudez, vem um choque, um abalo inesperado despertar um desses amores, vibrar uma daquelas cordas, e o milagre da sensibilidade se opera, rebentando a vida e a energia do meio do amortecimento e da fraqueza.

Foi o que aconteceu a Angelina.

Para arrancá-la à prostração e ao langor em que caíra, pela morte de Domiciano, eu tinha contado com a impressão veemente que produziria em Angelina a chegada de Teófilo; antes, porém, do amor do noivo, o amor da pátria veio reanimá-la.

XX

Quando dois dias depois da partida do Imperador para o sul voltei à casa de Angelina, causou-me suave impressão o encontrar as duas senhoras entregues àquele piedoso e partiótico trabalho, a que se tem dado desde o princípio da guerra atual tantas patrícias nossas, e que nos hospitais da campanha será por certo uma doce consolação para os nossos bravos tocados pelas balas e pelas lanças do inimigo, ao verem suas feridas curadas com os fios, com as compressas e ataduras que prepararam as mãos delicadas de suas irmãs pela pátria.

Não era o primeiro tributo dessa espécie que Angelina e Plácida pagavam ao país; mas as aflições que tinham precedido, e o luto dos corações que sucedera à morte de Domiciano, deixaram no ólvido aquêlê cuidado que eu via então de súbito renascido, indicando-me uma modificação na dôr e no estado da extremosa filha.

Angelina ainda não se mostrava menos melancólica; as olheiras roxas, e um certo decaimento ou cansaço dos olhos faziam-me crer em vigílias prolongadas e tristes; ao menos, porém, a prostração e o desalento físico e moral em que tão profundamente se consumia, não tinham podido resistir às impressões vigorosas e às nobres inspirações do dia 10 de julho.

Além da animação bruxoleante que eu divisava amanhecendo em seu aspecto ainda doloroso, o despertar dos sentimentos e os primeiros sinais da

energia que começava a acender-se, anunciavam-se para mim no empenho do trabalho.

O trabalho, quando dá testemunho da ação da vontade, é sempre um recurso para o coração que sofre.

Ainda no escravo é o trabalho quem dá o suor da fadiga em que se afoga a mágoa; porque êsse suor é como a água do Lethes, e faz o escravo esquecer, por algumas horas ao menos, a derisão da fortuna.

Mas o trabalho do escravo é apenas o resultado do movimento da máquina que obedece à força, a que não pode resistir; é uma ação material que não exprime disposição alguma da alma; é a enxada que se levanta e cai na terra somente porque a alavanca de um braço a suspende e depois a impele para o chão; êsse trabalho não é o do mandamento de Deus, é o da prepotência do homem; não tem pois nem valor, nem significação moral.

O trabalho do homem livre, o que se executa pela consciência do dever, pelas exigências do próprio bem estar, ou pela satisfação da vontade, é ação da alma, ocupa a alma, é nobre como a alma, e assinala força, energia, sentimento, verdadeira vida.

O trabalho não foi um castigo de Deus imposto ao primeiro homem pela sua primeira desobediência. O castigo foi somente a vida lançada no oceano das contingências, das paixões, dos males do mundo; e o trabalho foi o lenitivo, a consolação que abrandam o amargor e o pêso daquele castigo.

O lavrador pobre que, depois de doze horas de

trabalho ativo e constante, volta para a humilde casinha de palha com a enxada ao ombro e todo coberto de suor e de poeira, é mil vêzes mais feliz do que o rico ocioso que dorme metade do dia, e passa a outra metade a bocejar desocupado.

Qualquer que seja o trabalho, se a alma livremente o preside levada por sentimento honesto, Deus o abençoa, e a bênção divina leva a paz e o conforto ao coração daquele que trabalha.

A generosa tarefa de que Angelina se estava ocupando dava-me pois a segurança da sua reanimação.

Compreendendo o poder do sentimento que inspirava o seu trabalho, saudei a vida ativa que amanhecia no coração tão cheio de luto, como a aurora que vem raiando em um horizonte carregado de nuvens negras.

E provavelmente não era eu só a pensar e a sentir assim.

Apenas entrei, a tia Plácida fêz-me com os olhos um sinal que me pareceu indicar a mesma observação.

Sentei-me defronte das duas senhoras.

Não tive que contrafazer-me para falar a Angelina; ela nunca dissimulava o que sentia; o sentimento transpirava sempre pura e naturalmente da sua alma, como a fragrância do seio de uma flôr.

— Estou vendo que sofre menos; disse-lhe eu.

— Ainda sofro e ainda sofrerei muito, respondeu-me Angelina; mas é certo que, além da perda de meu pai, outra idéia também me ocupa hoje, e

essa idéia deu-me fôrças, ânimo para trabalhar, e o que mais é, desejo de o fazer.

— Fôrças e ânimo! exclamou Plácida; mas desde oito ou dez dias que, apesar do teu abatimento...

Com um rápido olhar de inteligência e de súplica Angelina impôs silêncio a sua tia.

Fingi não ter percebido a meia revelação de um segrêdo que me ocultava, e que logo se me afigurou, denunciando a realização de um vexame que eu previra. Para melhor esconder a impressão dolorosa que recebera, procurei logo reatar o fio da conversação.

— Já tinha chorado e padecido de mais; era tempo de começar a consolar-se.

— Eu sabia e sei que um século de lágrimas que eu chorasse não faria ressuscitar meu pai; não padeci, nem padeço pela minha vontade; se a dôr me absorvia tôda, era a pesar meu; eu queria ter na alma sòmente a saudade; e tinha nela como um abismo em cujo fundo não havia luz. Eu lho disse tantas vêzes!

— Mas, enfim...

— Senti, há dois dias, inflamar-se em meu coração o amor da pátria, sentimento sem dúvida natural, mas que foi ali cultivado e exaltado por meu pai; não combati a flama que de improviso se acendia; ao contrário, procurei excitá-la, recebi-a com uma espécie de avidez, porque ela me oferecia ao mesmo tempo um dever a cumprir, uma li-

ção de meu pai a observar, e ainda uma consolação a aproveitar.

— Perdão; mas dói-me ver ali o amor da pátria um pouco abatido...

— Como?...

— O amor da pátria é um dos mais nobres e generosos sentimentos, e não devia ser preciso que a lição de um pai e a necessidade de consolação...

— Que quer? eu não tenho um princípio moral, nem uma idéia generosa, que não me lembrem uma lição de meu pai, se possuo algumas virtudes, quase que não são minhas, vieram tôdas dos croações dêle e de minha mãe para o coração da filha.

E, depois de alguns momentos de silêncio, acrescentou:

— Além de que o amor de Deus está antes de todos, creio que êsse amor nasceu comigo; êle, porém, não se abate; porque eu confesso e digo que foram meus pais que o cultivaram e o aprimoraram em mim; nem porque sempre que eu tenho necessidade de consolação, vou abraçar-me com a cruz, que é o símbolo mais puro e oloqüente da misericórdia de Deus.

A tia Plácida tinha esquecido o trabalho, e estava enlevada escutando Angelina.

— Tem mil vêzes razão, tornei eu; mas também pela minha vez a tive quando, fazendo justo aprêço do seu coração, contei, há dois dias, com a influência que exerceria nele o patriotismo, como igualmente calculara com o poder de um outro sentimento.

— Qual?

— O amor do seu noivo.

As faces pálidas e abatidas de Angelina coraram levemente.

— Enganar-me-ia? perguntei.

— Porque o pergunta?... respondeu-me ela docemente; sabe que amo e como amo a Teófilo; depois da morte de meu pai, no maior ímpeto das minhas aflições, eu nunca deixei de sentir a consciência de dois santos amores, amor de minha tia, meu precioso cuidado do presente, o amor de Teófilo, minha única esperança no futuro.

A tia Plácida, comovida pelas palavras da sobrinha, a quem perdidamente idolatrava, não soube que dizer, e perturbou-se tanto, vendo-me olhá-la a sorrir-me, que, sem talvez pensar no que fazia, deixou o trabalho, balbuciando confusa:

— Basta... temos trabalhado muito... por hoje basta...

— Descanse, tia Plácida, disse Angelina: Vm. é doente; eu, porém, trabalharei ainda.

— Também isso não, tornou a boa senhora, involuntariamente indiscreta; se alguém precisa aqui de descanso, não sou eu; és tu, que te fatigas de mais, e que não só de dia...

Novo olhar de súplica saiu dos olhos de Angelina, e de novo o silêncio de Plácida abandonou mal revelado o segredo da pobreza honrada e modesta.

Percebi que Angelina me observava com algu-

ma inquietação, e procurei tranquilizá-la continuando a conversar.

— Deus abençoa os seus dois amores, e com eles o seu cuidado do presente e a sua esperança do futuro, porque a tia Plácida ainda há de viver cinquenta anos pelo menos para testemunhar e aplaudir a sua felicidade, e Teófilo chegará da Europa em uma das próximas semanas para nunca mais deixá-la.

Angelina suspirou, e quase que vi um brando sorriso romper a densa nuvem da sua melancolia.

— Quem sabe? disse ela; na sua última carta não determina o mês em que deve partir para o Rio de Janeiro; talvez que ainda tenha de demorar-se muito.

— Como? eu já lhe assegurei vinte vêzes que Teófilo há de ter recebido em junho uma carta de sua mãe e que as notícias dadas por essa carta o fariam voltar imediatamente para o Brasil...

— Mas os importantes negócios de que elle se acha incumbido...

— Duvida do coração de Teófilo?

— Oh! não!

— Então conte, como eu conto ver chegar o seu noivo a 2 ou 3 de agôsto... faltam apenas vinte e um ou vinte dois dias de saudades.

Angelina olhou-me com indizível expressão de reconhecimento, e levando a mão ao seio, que ofegava anhelante, disse-me com voz um pouco trêmula:

— Obrigada.

— E com a chegada de Teófilo, continuei, dissipar-se-á enfim essa cruel melancolia que a obumbra, e a dita do amor mais puro acabará com uma dôr esteril, que não pode remediar o mal sofrido.

Como ofendida na santidade de sua tristeza e de seu luto filial, Angelina fêz um movimento de desagrado.

— Há dores que não acabam nunca, respondeu-me; pode-se condenar a aflição; mas a dôr que acompanha sempre a saudade que uma filha sente do pai que a morte lhe roubou, é o último culto de amor que ela pode render, e que rende perpétua-mente à sua memória.

Angelina curvou a cabeça por alguns momentos; mas logo depois ergueu-a outra vez, levantou-se, e exclamou, apertando as mãos com força:

— Para que esta dôr acabasse, fôra preciso que eu esquecesse meu pai; oh! não! nunca hei de esquecer meu pai!

E saiu da sala apressadamente, sem dúvida para esconder-nos a angústia que a reassaltara.

Imóvel na minha cadeira, não procurei deter, nem consolar Angelina.

XXI

Fiquei só com Plácida.

Era isso o que eu desejava.

O interêsse da amizade exigia que eu penetrasse o segrêdo que Angelina procurava ocultar-me. Eu tinha facilmente adivinhado que as priva-

ções da pobreza já se faziam sentir pela irmã e pela filha do meu melhor amigo, e que esta procurava vencer a triste situação material em que ficara trabalhando de dia e de noite, e com um ardor que prejudicaria a sua saúde, pois que sua organização delicada não poderia resistir a uma excessiva fadiga.

As incompletas revelações que tinham escapado à tia Plácida me haviam feito compreender essa cruel verdade; mas eu queria saber mais, queria saber tudo, e principalmente me empenhava em indispor a tia Plácida contra a nobre altivez que levava sua sobrinha a esconder suas privações para não ter que lutar com seus amigos, magoando-os com a rejeição do mais modesto e do mais natural auxílio.

Plácida, a bondade personificada, nunca tivera a severidade rígida de seu irmão; suave em sua virtude, humilde em sua vida santa, desconhecia talvez certos escrúpulos exagerados que às vezes tornavam rude o caráter grandioso de Domiciano, chegando a imperfeioar êsse brilhante precioso com a taça da altivez levada a excesso.

A tia Plácida era a minha esperança.

— Está vendo? disse-me ela em tom queixoso e como lançando-me a culpa do acesso de aflição de Angelina; está vendo? certamente a pobre menina foi chorar.

— Não é isso o que agora mais me preocupa, respondi-lhe; nós vamos conversar um pouco, tia Plácida; eu tenho os olhos na porta, e, apenas An-

gelina aparecer, far-lhe-ei sinal; falle-me, pois, com liberdade e com aquela franqueza inteira e sem limites que um velho e fiel amigo da sua família tem o direito de exigir.

— Que quer saber? perguntou-me a tia Plácida.

— Quero a completa revelação do segredo que por duas vezes lhe ia escapando inda há pouco, e que o olhar suplicante de Angelina interrompeu.

— Valha-meu Deus! disse a boa velha suspirando.

— Eu sei já bastante; sei que as senhoras experimentam algumas privações; que lhes vai faltando talvez o necessário; e que Angelina se condena a um trabalho superior às suas forças...

A tia Plácida corou fortemente.

— Que! exclamei eu; a minha boa amiga, a senhora tão religiosa e tão cheia de piedade, cora e se vexa da mais honrada pobreza!...

— Não! respondeu Plácida; não tenho vergonha da nossa pobreza; o senhor a conhece bem, e eu não a negaria a pessoa alguma.

— Então, seja franca; diga-me tudo.

— Somos pobres; eis aí tudo; disse ela.

— E Angelina?

— Trabalha muito; quem trabalha pouco sou eu, por fraca e doente.

— Mas êsse trabalho?

— Deus o abençoa.

— E Angelina, trabalhando de dia e de noite,

delicada como é, por natureza e educação, adoece-
rá em breve, e então...

— Deus lhe dará forças.

— Esse trabalho, porém, é em todo o caso in-
suficiente, mesquinho nos seus frutos, e não as põe
ao abrigo da penúria, dos sofrimentos...

— Ainda não nos faltou o pão, graças ao céu.

— De modo que nem ao menos o amor que
tem a sua sobrinha...

— Angelina não pode lamentar-se senão da
morte de seu pai; de tudo mais deve dar graças a
Deus, que ainda não deixou de conceder-nos o seu
amparo.

— Tia Plácida!

— Que quer?

— Quero não duvidar da sua amizade.

— Seria ingrato se duvidasse; escute: se che-
gar para nós um dia em que realmente nos faltem
todos os recursos, iremos falar ao seu coração. Por
ora nós não temos de sobra; temos, porém, bas-
tante.

— Exigi, pois, de balde que me falasse com
franqueza?

— Não lhe disse tudo? somos pobres; trabalha-
mos; mas ainda não sentimos os vexames que ima-
gina; temos o necessário para viver.

— E se eu perguntasse mais...

A tia Plácida sorriu-se com uma doce mistura
de bondade e de melancolia, e interrompeu-me di-
zendo:

— Amigo, paremos aqui; perderíamos o nosso

tempo, continuando a tratar d'êste assunto. Tranquillize-se: suas duas amigas ainda estão muito longe de conhecer o amargor da miséria. Há muitas mil famílias que se julgariam ricas se tivessem tanto como Angelina e eu. Adivinho e agradeço a sua intenção; a esmola não deve envergonhar o verdadeiro necessitado; mas deve fazer corar aquêlê que pode viver com o seu trabalho e que a pede ou recebe-a para poupar-se a fadigas ou para gozar o supérfluo: esmola assim recebida é um furto que se faz à indigência.

— Tia Plácida, eu sinto correndo em suas veias o mesmo sangue que corria nas de Domiciano.

— E que mais?

— A irmã, que eu supunha humilde, é tão altiva como o irmão.

— Deus me perdôe, se tenho pecado, disse a tia Plácida.

Nesse momento Angelina entrou na sala.

XXII

Voltei para casa contrariado.

Minha imaginação empiorava talvez as circunstâncias embaraçosas com que lutava a família do meu finado amigo; havia, porém, um fato incontestável, uma realidade cruel, que, quanto a mim, não se podia pôr em dúvida.

Os recursos materiais de que podia dispor essa família não eram suficientes para mantê-la sem privações e às vêzes sem míngua.

Esses recursos resumiam-se na pensão de um conto de réis do montepio geral, e no produto do trabalho das duas senhoras, uma — pobre velha paralítica, outra — jovem mimosa criada no seio e nos hábitos da abastança.

Grande riqueza para o mendigo a quem bastavam andrajos por vestidos, e o pátio ou o alpendre de uma igreja por abrigo de suas noites; benigna fortuna para a viúva do simples operário, que nunca saboreara as comodidades, os gozos inocentes, as doçuras da sociedade, a delicadeza do tratamento, da mesa, e da decência exterior, que podem dar em alto grau a opulência, mas também no seu tanto, e, pode ser, com mais aprêço ainda, uma feliz mediania; grande riqueza para o mendigo, benigna fortuna para a viúva do simples operário, aquêles recursos eram e deviam ser para Angelina apenas a condição que a salvava da miséria.

Não custa carregar a pobreza a quem nela nasceu e foi criado; não custa o trabalho rude e grosseiro a quem nele já calejou as mãos, e requeimou, ou desbotou a pele; mas à jovem melindrosa e delicada, a quem o pai educara como o jardineiro cultivava o arbusto mais mimoso, à essa deve custar muito cair de súbito da abundância na penúria, e passar dos fáceis cuidados de moça feliz às lides ásperas do pobre, e ao trabalho afadigoso e constante de que deve tirar o pão.

Era em semelhante situação que eu considerava Angelina; e no entanto, com a fronte serena, ela sossegada, suave, silenciosa, sem queixar-se uma

só vez, se resignava ao golpe da fortuna; e seguramente reduzia, comprimia a manutenção própria e da família até fazê-la descer às proporções exíguas de seus mesquinhos rendimentos.

Confesso que admirava a fôrça e a nobreza com que aquela moça debil e formosa via sòmente no próprio trabalho o meio de evitar a penúria, e, sujeitando-se a privações, que escondia no sacrário da família, engrandecia com a sua resignação, e exaltava-se pela sua dignidade.

Logo depois da morte de seu pai Angelina tinha anulado todos os empenhos, tôdas as insistências de alguns amigos que desejavam e pediam-lhe como um favor a consolação de assegurar-lhe uma subsistência modesta, mas cômoda.

A filha de Domiciano mostrou-se nesse ponto inabalável; a princípio limitou-se a opor a sua obstinação à solicitude da amizade, mas depois acabou por mostrar-se quase ofendida.

Fôrça foi condescender com a escrupulosa delicadeza que começava a ressentir-se.

Mas a pobreza em que se achavam Angelina e Plácida eram motivo da maior mágoa para seus amigos, cujo zêlo uma nobre relutância esterilizara. Eu tinha respeitado até então os sentimentos que inspiravam o proceder altivo de Angelina; era, porém, dever da amizade examinar, conhecer até que ponto chegavam as privações da família de Domiciano, para decidir até onde também a amizade podia, sem revoltar-se, ceder à caprichosa dignidade da virtuosa moça.

Plácida acabara de acender em meu espírito dolorosas apreensões dos embaraços que se sentiam na sua casa; mas, logo depois, iludira minhas esperanças negando-me a confissão franca dos seus sofrimentos.

Eu voltava, pois, contrariado.

Ao chegar à minha casa vi à porta uma mulher que, com surpresa, reconheci; era Leocádia, desde longos anos criada da família de Domiciano.

Afigurou-se-me que fôra a providência quem mandara Leocádia esperar-me à porta.

Entrei, e a velha criada acompanhou-me à sala.

Leocádia falou: era a terceira vez que me procurava e encontrando-me enfim, me pedia que a recomendasse a alguma família de minha confiança, pois achava-se desempregada e sem meios.

Domiciano nunca tivera, nem quisera ter escravos: era servido em sua casa por três criados, que, desde muito antiga data conservados, pareciam fazer parte de sua família; admirou-me por isso que Leocádia, uma dos três, tivesse sido despedida.

Perguntei-lhe a razão porque deixara o serviço de Plácida e Angelina.

— Eu não deixei, respondeu-me ela com tristeza; nem me despediram por mal que eu fizesse; mas as coisas mudaram, e o tempo não é o mesmo.

— Então... a falta de recursos talvez...

— Parece, meu senhor; e tanto que não fui só

a despedida; o criado também o foi: ficou somente Dorotéia por ser a mais antiga na casa.

— Uma só criada! mas a tia Plácida... parálitica...

— Quando é preciso carregá-la, a menina ajuda a Dorotéia.

As informações de Leocádia começavam a interessar-me vivamente: indiscreção embora, indiscreção perdoável ao menos, eu excitei a criada a falar, convenci-a de que não devia ocultar-me coisa alguma, e eis aqui o que ela me revelou:

— Nas primeiras semanas que se seguiram depois da morte de meu velho amo, as senhoras mal souberam de si, e menos da casa. Além do mais, Dorotéia adoeceu, e durante quinze dias esteve entre a vida e a morte. No fim do mês passado a Sra. D. Plácida chamou a menina, e disse-lhe: "Angelina, é preciso regular as nossas despesas". Depois foram conversando: eu estava perto e ouvi tudo.

— Então?

— A Sra. D. Plácida viu e disse que era preciso pagar um mês vencido pelos criados, as despesas feitas com o luto e com o tratamento de Dorotéia; ouvindo isso, a menina exclamou: "Estamos pois devendo? oh meu pai! meu pai! eu não sabia!" No dia seguinte...

Leocádia hesitava.

— Diga!

— No dia seguinte a menina mandou vender os brincos de brilhantes; tudo foi pago; mas eu e o

criado fomos despedidos: a menina nos disse: "Despeço-os porque não posso pagar a mais de uma criada; fica Dorotéia, porque nos serve há mais tempo".

— Tem voltado algumas vêzes à casa de seus antigos amos?

— Todos os dias vou ver as senhoras, e conversar com Dorotéia. Ah! meu senhor! que diferença nos tempos! a Sra. D. Plácida e a menina-trabalham mais do que nunca trabalharam os seus criados... a menina então vela até alta noite cosendo e bordando..

— E ainda assim...

— E ainda assim estão longe, muito longe, de passar como dantes; mas, graças a Deus, ao menos não estão na miséria.

— Não sofrem privações? não padecem?...

— Vivem como podem, mas vivem; e a meninas faz ainda mais...

— Que faz?

— A mulher que foi ama de leite da mãe da menina está cega desde muitos anos e vive pobremente com duas filhas: o meu velho amo dava-lhe uma mesada de dez mil réis, e a menina, a quem mal chega o pouco que tem, quis por força manter, e mantém a mesada da ama de leite de sua mãe.

Leocádia calou-se: tinha-me dito bastante, e eu logo depois despedi-a, assegurando que me interessaria por ela.

Achei-me só.

Respirei mais desafrontado: a penúria não

tinha ainda imposto os seus tormentos à filha e à irmã de Domiciano. O trabalho que honra, o trabalho que fortalece a dignidade, o trabalho honesto que é sempre galardoado por Deus, marcava com o sêlo de um novo título de nobreza a família do finado amigo. Uma velha paralítica e uma moça delicada e fraca mostravam, pelo encanto da virtude, aquela o vigor da saúde, esta a força da robustez. A lição da independência, garantida pelo trabalho, não podia ser mais eloqüente.

Eu penso que sentia orgulho do proceder das minhas duas amigas; ao mesmo tempo, porém, inquietava-me sèriamente a idéia das fadigas e dos sacrifícios de Angelina e de Plácida.

Era preciso, era indispensável que para elas se tornasse menos exigente a necessidade do trabalho.

Mas o meio?

Angelina e Plácida rejeitavam o menor auxílio, qualquer que fôsse o disfarce imaginado pela amizade para fazê-lo chegar a elas mais sutilmente.

A providência quis ajudar-me naquele dia.

Fui interrompido em minhas reflexões por uma carta que me chegava.

Escrevia-me um amigo que se achava autorizado para comunicar-me que no dia seguinte se publicara um decreto deixado pelo Imperador, concedendo uma pensão anual de seiscentos mil réis repartidamente à irmã e à filha de Domiciano, em

remuneração dos serviços prestados por êste antigo servidor do Estado.

Mal pude conter um grito de alegria. Êsse ato satisfazia ao mesmo tempo à justiça e à beneficência, e vinha a propósito para abrandar os rigores da situação em que tinham ficado Angelina e Plácida.

É certo que a pensão concedida depende ainda da aprovação do corpo legislativo, que só em 1866 se reunirá; ela, porém, logo no primeiro instante me inspirara um artil, em que contei ver cair as duas senhoras.

Corri imediatamente a dar-lhes a boa nova e também no empenho de pôr em execução a minha estratagem.

Surpreendi agradavelmente as duas senhoras com a carta que eu acabava de receber.

Plácida abençoou mil vèzes o Imperador.

— Hei de beijar duas vèzes a mão da majestade que assinou êsse decreto; uma vez, porque nos ampara; outra vez, e principalmente, porque honrou a memória de meu pai.

Dei tempo às expansões da gratidão; quando elas serenaram, disse:

— Esta pensão concedida pode e deve desde já melhorar a situação em que as senhoras se acham. É certo que ela depende da aprovação do corpo legislativo; mas também não há dúvida de que será aprovada. Sendo assim, nada é mais fácil do que começarem as senhoras a aproveitar-se imediatamente da graça que mereceram.

— Como? perguntou Plácida.

— Há homens que adiantam estas pensões, mediante juros ou lucros moderados que percebem: se as senhoras quiserem eu me incumbo de falar, ou de mandar aqui algum desses cambiadores, que prontamente se encarregará dêste negócio com proveito próprio e das senhoras.

Plácida olhou para Angelina, como se dela dependesse o seu juízo.

E Angelina refletiu durante alguns minutos, e depois respondeu:

— Se o gôzo desta pensão depende, como diz e é certo, da aprovação das câmaras, nós não poderíamos recebê-la de quem quer que no-la quisesse adiantar, senão a título de dívida.

Não tive que responder.

Angelina concluiu simplesmente, dizendo:

— Eu não posso contrair dívidas.

Fiquei vencido e humilhado.

Não me animei a insistir na minha proposição; confiara tanto no meu ardil que, vendo-o tão facilmente destruído, desgostei-me de mim próprio, e maldisse interiormente da minha inhabilidade.

Com a sua intuição de mulher inteligente, Angelina compreendera o meu pensamento, e, a êle em todo o caso agradecida, estendeu-me a mão, e disse:

— Se nos quer fazer favor, procure-nos trabalho.

XXIII

A 19 de julho, pouco depois do meio-dia, um telegrama despedido da estação de Cabo Frio annunciou a chegada do paquete francês **Estramadure**, em que vinham de volta do seu passeio à Europa a princesa imperial do Brasil e seu espôso o príncipe conde d'Eu.

A fausta notícia espalhou-se rapidamente por tôda a cidade do Rio de Janeiro, que desde dois dias contava as horas ansiosas, esperando o paquete que tão devidamente a interessava.

O povo correu em multidão para o arsenal de marinha, onde haviam de desembarcar os augustos viajantes.

Antes que o **Estramadure** entrasse a barra, a princesa imperial e seus espôso escutaram as primeiras saudações da pátria nos vivas repetidos e ardentes e nas demonstrações de júbilo que rompiam do seio de uma barca a vapor, fretada para êsse fim por negociantes da praça.

Junto da fortaleza de Villegaignon a princesa imperial e seu espôso passaram-se para a galeota imperial de vapor, onde foram recebidos pelo príncipe duque de Penthièvre, francês pelo berço natal, mas também achegado ao Brasil pelo coração de sua mãe. Os ministros de Estado e outras personagens ali igualmente tinham ido para cumprir os princípios viajantes, que seguiram logo a desembarcar no arsenal de marinha.

No arsenal estava a imperatriz; mãe verdadei-

ramente extremosa, recebeu seus dois filhos com inexprimível efusão de alma, enquanto a imensa multidão do povo desafogava o seu amor e a sua alegria em exclamações fervorosas e continuadas.

O conde d'Eu parecia encantado daquelas espontâneas manifestações de um povo livre; a princesa imperial, risonha, feliz, mostrava-se enlevada a contemplar sua mãe, a terra da pátria e seus compatriotas.

Enfim, êles tinham pressa, e razão havia para que o tivessem.

Em São Cristovão, em outro coração, um outro amor os chamava. A princesa D. Leopoldina os esperava.

Partiram ao som de mil vivas e de saudações fervorosas.

* * *

Eram mais de cinco horas da tarde, quando eu deixei o arsenal, onde acabava de ser festiva testemunha do desembarque da princesa imperial e do príncipe seu espôso.

O dia era de júbilo; fui jantar em companhia de alguns amigos no hotel da Europa, e ao deixarmos a mesa, quase ao anoitecer, fomos surpreendidos pelo aparecimento inesperado de um outro amigo que também chegara no **Estramadure** de volta do velho mundo.

Depois de nos abraçarmos, êle voltou-se para mim e disse:

— Não é capaz de adivinhar quem acaba de chegar comigo no paquete.

— Certamente que não.

— Teófilo.

Despedí-me e saí apressado.

Era-me fácil prever onde encontraria Teófilo.

Fui direito à casa de Angelina.

Entrei.

Teófilo correu a mim, abraçou-me apertadamente, e, como o avarento a quem se restituísse o tesouro, de que por muito tempo um infortúnio o tivesse privado, voltou logo ao pôsto que por um instante deixara, sentando-se outra vez ao lado de sua noiva, de quem sumiu entre as suas uma das mãos pequeninas, que sófrego apertava.

Angelina ainda fortemente abalada pela surpresa da chegada súbita de Teófilo, quase que não falava, mas tinha no rosto a eloquência muda do amor, e nos olhos os raios de um sol que rompera de repente denso nevoeiro que o enublára.

Tôda vestida de luto, seu rosto pálido se destacava mais belo, e o alvoroço do coração e o melindre do pudor acendiam-lhe nas faces aquela cõr formosa que Deus concedeu ao primeiro sorrir da aurora que ainda vem longe, e à pudicícia da virgem que é já noiva, mas ainda não espõsa.

Uma longa hora passou tôda de encanto e embevecimento para Teófilo e Angelina.

Eu não os tinha querido perturbar na solidão do seu mútuo exclusivismo.

Plácida, aproveitara o tempo, relatando-me

miudamente tudo quanto ali se dera à chegada de Teófilo; o grito que se desprendera do seio de Angelina; a dôr que causara ao mancebo o luto de sua noiva, anunciando-lhe a morte de Domiciano; o absolutismo do amor que em breve conquistara as almas dos dois noivos, absorvendo-as totalmente e isolando-as do mundo.

Conversamos tanto que a minha boa amiga finalmente achou-se cansada de falar-me e de ouvir-me.

— Basta! disse ela, dirigindo-se a Teófilo e Angelina; isso já é de mais: vivam também um pouco para nós.

Os dois noivos pareceram despertar de um sono deleitoso, cedendo à voz de Plácida que os chamava.

Teófilo sorriu-se, e Angelina retirou a mão que havia esquecido entre as dêle.

— Sofremos tanto em uma ausência de quase dois anos que se me deve perdoar êste egoismo de algumas horas, disse Teófilo.

E levantando-se, o mancebo veio me apertar a mão.

— Não esperava por mim no paquete francês? perguntou-me.

— Não; tínhamos calculado que chegaria nos primeiros dias de agôsto pelo vapor de Liverpool.

— Julgaram-me muito mal; era claro que eu partiria imediatamente, recebendo a carta de minha mãe.

Angelina premiou com um olhar de ternura o nobre protesto de seu noivo.

Como era natural, Teófilo teve de pagar o tributo do viajante que chega da terra estrangeira; falou-nos do estado e dos costumes do país onde estivera, mostrou, sem que o pensasse, a segurança do seu juízo na profundeza de suas observações, e, finalmente interessou-nos ainda mais, ocupando-nos com a viagem que fizera voltando à pátria.

O mancebo fêz-nos com entusiasmo patriótico o elogio da candura, da bondade, dos dotes do coração e do espírito da princesa imperial, e da afabilidade e da benevolência do príncipe conde d'Eu.

Falou-nos da impressão muito favorável que produzia na Europa o pronunciamento e a dedicação do povo brasileiro na guerra justíssima que fazemos ao tirano do Paraguai.

E, insistindo nesse ponto, disse:

— Chegando à Baía soubemos da partida do Imperador e do duque de Saxe para o teatro da guerra; ao receber tal notícia, o conde d'Eu exclamou. "Se eu tivesse asas, voaria já daqui mesmo para o Rio Grande do Sul."

— Então também êle partirá? perguntou Plácida.

— Sem a menor dúvida, e dentro de poucos dias.

— Ambos os príncipes!

— Querem pagar assim o primeiro tributo de amor, e assinalar a sua consagração à pátria que adotaram, à terra onde nasceram as princesas, suas

espôsas: é nobre! é a afiliação ao Brasil marcada pelo patriotismo e pela glória.

— E' nobre! repetiu Angelina.

— São príncipes brasileiros; cumprem uma tarefa grandiosa. São moços e robustos, tem correndo-lhes nas veias o sangue de heróis guerreiros; ouviram o clangor das trombetas e correm a tomar as armas; dão belo exemplo aos nossos mancebos, partem para a guerra.

— Mas há tanta gente! observou Plácida.

— Boa razão para que ninguém se fizesse soldado! a mãe, a irmã, a filha, a família de cada um, e cada um por si, diriam do mesmo modo — “Mas há tanta gente!”; ainda bem que perto de trinta mil voluntários não se lembraram de perguntar — quanta gente havia —, e ainda bem que na hora dos sacrifícios a dedicação brilhou excelsa no trono e nos degraus do trono, deixando assim confundidas as presunções de privilégios, a miséria da fraqueza, e a indignidade da indiferença. A grande verdade é esta: um inimigo traiçoeiro feriu o Brasil com os maiores ultrajes, e ofendeu a sua integridade, invadindo duas das nossas províncias; é indispensável uma desafronta completa, ou o Brasil perderá o direito de ser contado e estimado entre as nações; quem, pois, é brasileiro e capaz de levar ao ombro uma espingarda, deve ir bater-se pela honra da pátria, a menos que prefira receber a marca da cobardia.

Vi Angelina estremecer escutando as últimas palavras de Teófilo; sua fronte anuviou-se de súbi-

to; mas logo depois tornou-se serena, seus olhos radiaram, e ela pareceu atender com avidez ao noivo, que prosseguia dizendo:

— O filho que não acode à mãe a quem ultrajam, é um infame: que será o cidadão que se conserva indiferente ou inerte, quando a pátria clama por desafronta ou socorro? O Imperador e os príncipes, esquecendo as comodidades e os gozos da capital, arrancando-se às espôsas, e indo afrontar privações e perigos, sublimaram êles, que por graves considerações políticas podiam deixar-se longe do campo da guerra sem desar nem ressentimento do dever, sublimaram, repito, a lição do patriotismo, fraternizando na defesa do país com os bravos que já se dedicaram, e dizendo àqueles que, indolentes ou fracos, se recusam à pugna mais honrosa, que não há laços de família, nem condições sociais, nem considerações de egoismo mais ou menos disfarçado, que dispensem o cidadão da glória de ser soldado, quando a nação chama seus filhos à peleja.

E concluindo, Teófilo exclamou:

— Honra, portanto, ao Imperador e aos príncipes!...

E Angelina repetiu:

— Honra!

— Êle fala de modo que convenceria a todos de que tem razão, disse Plácida.

— E tem, acrescentou Angelina.

Mas na sua voz o acento de firmeza foi levemente modificado por uma inflexão dolorosa.

Notei alteração sensível na fisionomia da noiva de Teófilo; seu belo espelho da alma, o rosto, indicava-me uma pena qualquer que começava a atormentar-lhe o espírito, ainda há pouco tão suavemente aditado pelo amor.

Ceguei-me a ela e perguntei-lhe:

— Que tem?

— Nada.

— Não: ainda agora me parecia contente; mas desde alguns momentos chego a acreditar que sofre.

— Que sofro?... mas se eu vivo!

— E então?

— Viver não é sofrer? não tenho de quem possa queixar-me; penso somente no que não pensava.

— Em que?

— No dever; o sentimento do dever não é sério e grave?

— Sem dúvida.

— Pois bem; a observância de um dever às vezes custa muito; e quando se vai cumprir um dever que custa muito, sofre-se.

— Sobre que falam? perguntou Teófilo aproximando-se.

— Sobre o horizonte da vida, onde ainda nos dias mais brilhantes há sempre alguma nuvem escura, respondeu Angelina.

Fomos interrompidos por Adeodata, que chegava com sua mãe.

XXIV

Angelina estimava muito sua prima.

Eu já o disse em outra ocasião: muitas vezes algum tanto estouvada e demasiadamente viva, Adeodata fazia esquecer êsses defeitos com a franqueza e lealdade do seu caráter, e com a pureza dos seus sentimentos. Havia em suas indiscrições não sei que privilégio e graça, que antes de a ouvirem pedir perdão, perdoavam-lhe.

Paula, a mãe de Adeodata, conversava com Plácida.

Angelina ficara sentada entre sua prima e Teófilo.

— Prima, observara Adeodata ao sentar-se: você está rica esta noite: de cada lado tem um tesouro, à direita a amizade, o amor, à esquerda; naturalmente há de inclinar-se mais vezes para o lado do coração.

— Sim, estou rica, respondera Angelina com intenção; mas a riqueza tem também o seu inconveniente; desassossega, enchendo a alma de cuidados.

— Tens receio de que te roubem os teus tesouros?

— Talvez.

— Isso não é comigo.

— Deve ser, disse Teófilo; a senhora é um tesouro que seria capaz de fazer aparecer o primeiro ladrão, se ladrões nunca tivesse havido no mundo.

— O Sr. Teófilo aproveitou na viagem, respondeu Adeodata; evidentemente voltou mais obsequioso e gracioso com as senhoras: e a propósito prima, lembra-se da noite de seus anos em 1864?

— Oh, muito!

— Oh! muito! repetiu Adeodata imitando as inflexões da voz de Angelina; quem perguntou fui eu; mas a resposta não foi para mim.

— Prima!

— Lembra-lhe uma aposta que lhe propus à mesa da ceia, e que você não quis aceitar?

— Lembra-me.

— Pois olhe... se tivesse aceitado, é provável que ganhasse a aposta...

— Como? que quer dizer?...

Adeodata pareceu ficar de repente um pouco confusa.

Paula cortou a conversação das duas primas.

— Angelina, disse ela; há três dias que eu hesitava entre o receio e o desejo de vir dar-te uma nova muito agradável para mim: penalizava-me a idéia de mostrar-nos felizes diante da tua justa mágoa.

— Minha tia, a sua felicidade seria em todo caso uma consolação para nós.

— Sabendo, há pouco, da chegada do Sr. Teófilo, logo me animei e vim participar-te o próximo casamento de Adeodata.

Angelina apertou a mão de sua prima e saudou-lhe a dita com um sorriso.

— Casa com um mancebo que merece a minha estima e que tua prima livremente escolheu.

Adeodata recebeu os nossos cumprimentos com uma mistura de enleio invencível, e de afetado desembaraço; ela se sorria à fôrça, e corava naturalmente; seus lábios e suas faces estavam em contra-dição; aquêles obedeciam a um capricho da vontade, estas ao alvorôço do pudor. A verdade do sentimento exprimia-se no enleio.

— Conheço o teu noivo? perguntou-lhe Angelina.

— Pode ser; você o encontrou uma vez em nossa casa o ano passado.

— Como se chama?

— Leopoldo.

— Ah! já sei.

— Deve necessariamente ser um belo e elegante mancebo, disse Teófilo.

— Porque? perguntou Adeodata.

— Porque conseguiu merecê-la.

— E' bem natural que eu o ache bonito; mas do que tenho a certeza é da sua excelente vista.

— Quer dizer que êle tem lindos olhos.

— Não; apenas quero dizer que êle não é suscetível de confundir cravinas brancas com amores-perfeitos.

— Minha senhora, eu abenço o ressentimento que me conservou na sua memória; respondeu Teófilo sorrindo-se.

— Quando se casa, prima?

— No dia dos anos de minha mãe, a 5 de agosto; faltam dezessete dias.

— Cálculo perfeito que atraíçoa o segrêdo da impaciência da noiva! observou Teófilo, que parecia disposto a provocar a vivacidade de Adeodata.

Mas dessa vez ela respondeu gravemente:

— Engana-se: eu queria respeitar até o fim o luto de Angelina, que também é meu; eu queria que a mais amada, a primeira de minhas amigas, vestida de branco sem sacrifício da sua mágoa, estivesse ao pé de mim na hora do meu casamento; mas veiu uma bem fundada apreensão apressar êsse ato, que só por um poderoso motivo vai efetuar-se tão depressa.

— E' verdade, disse Paula.

Adeodata continuou:

— E a você, prima, eu precisava dar contas de mim. Leopoldo está qualificado guarda nacional do serviço ativo, e corre que em breve serão designados guardas nacionais para a guerra contra o Paraguai...

— Ah!

— Leopoldo não tem infelizmente isenção alguma que o livre de entrar no número dos designados que se chamarem às armas, e receia ser obrigado a partir para o sul, e a entrar em campanha; nestas circunstâncias o casamento resolve todas as dúvidas e dissipa todos os receios. Não se designam para o serviço da guerra os homens casados.

— O Imperador e os príncipes são casados; disse Teófilo.

— Mas não foram, nem podiam ser designados, respondeu Adeodata.

— Tem tôda a razão! tornou Teófilo, curvando-se com um fingido ar de confusão que tresdobrava a ironia cruel de suas palavras.

Adeodata não compreendeu Teófilo, tinha-se explicado com um tom simples e ingênuo, como se enunciasse as idéias mais inocentes e mais comuns; não podia portanto acreditar que alguém recebesse com desagrado o que se lhe afigurava tão evidentemente justo.

— A não ser assim, tornou ela, eu não me casaria tão cedo.

— Eu lhe agradeço, prima, disse Angelina.

Temi que Teófilo de novo deixasse transpirar a censura que o proceder de Leopoldo merecia, e entrei na conversação arriscando um gracejo.

— O anhelos das noivas inventa pretextos, que o amor absolve, e que são realmente perdoáveis, porque só tem por fim apressar a felicidade aspirada.

— Duvída do que eu digo? perguntou-me Adeodata.

Era fôrça que eu respondesse.

— Não me atrevo a tanto; disse; adivinho, porém, que não foi o noivo, mas a noiva, quem, tendo ciúmes da pátria manifestou os primeiros temores de ver feito guerreiro aquêle que sòmente queria espôso.

— Eu nem pensava na guerra! que tem as senhoras com a guerra?

— Suponhamos que nada tenham, mas os homens?

— Os homens? então o senhor queria que Leopoldo se fizesse soldado?...

— Confesso que a pergunta de Adeodata estimulou-me.

— Eu não queria, nem quero coisa alguma, respondi; cada qual procede ou cumpre o seu dever, como entende, e como lho dita a consciência; se, porém, o seu noivo, sujeitando-se ao sacrifício de correr ao campo da batalha, adiasse um casamento que lhe oferece a maior dita, ganharia por isso mesmo ainda mais direitos ao seu amor.

— E se morresse na guerra?

— Teria pago com a vida o mais nobre e sagrado de todos os tributos.

— Prefiro Leopoldo vivo; disse Adeodata ingenuamente.

— Bem o dizia eu, ainda há pouco; a noiva teve ciúmes da pátria.

— Não foi a noiva, protesto: já disse que nem pensava na guerra, foi Leopoldo que veio acender em meu espírito os receios que me fizeram, esquecendo o luto, desejar que o meu casamento se realizasse imediatamente. Já se contam por muitos, mil os voluntários que têm marchado contra o Paraguai; há valentes soldados de mais; um de menos não pode fazer falta.

— Maldita seja a guerra! exclamou Plácida.

— Maldito quem a provocou! disse Angelina; agora é a guerra um dever de honra.

Teófilo contemplou Angelina com arrebatamento e orgulho logo depois levantou-se, e, durante breves minutos, passeou ao longo da sala refletindo.

Angelina, com o olhar cravado em seu noivo, acompanhava-lhe os passos, os movimentos, as expressões fisionômicas, como se lhe quisesse ler na muda eloquência dos olhos e dos gestos os pensamentos da alma.

Mas Teófilo viu bem depressa êsse olhar que o seguia e o encantava, e, abrasado com as suas flamas, radioso de alegria e felicidade, correu a sentar-se junto de sua noiva, e absorveu-se todo na adoração da sua beleza.

O silêncio tinha sucedido à conversação: silêncio de poucos momentos; mas frio e denunciador de que uma idéia mesquinha excitava reprovação que a delicadeza aperas podia abafar.

Adeodata conjecturou, enfim, que o procedimento do seu noivo não era tão simples e inocente como lhe parecia.

— Querem ver que eu não tenho razão?... disse ela.

— Minha senhora, a notícia do seu próximo casamento não pôde ser senão motivo de satisfação para os seus amigos, respondi-lhe.

— Mas porque Angelina não me escuta, e o Sr. Teófilo não me fala?

— E' fácil de explicar: imagine que Angelina é a senhroa, e que Teófilo é Leopoldo.

— Entretanto... êle é moço como Leopoldo, e ela noiva como eu...

— Que quer dizer?

— Que o Sr. Teófilo deve ser o melhor juiz para o meu noivo, e Angelina quem está mais no caso de apreciar a resolução que adotei.

— Pelo contrário! respondi sobressaltando-me: são também dois noivos e por isso juizes muitos suspeitos.

Foi nesse momento, ao ouvir as últimas palavras de Adeodata, que concebi as primeiras suspeitas da causa que viera alterar o espírito de Angelina tão deliciado pela chegada de Teófilo.

Previ o que era possível acontecer, e arrependi-me, tarde, do que pouco antes dissera a Adeodata; quis, acusando a suspeição dos dois juizes que ela escolhera para si e para Leopoldo, impedir a manifestação de sentimentos que criariam dúvidas e perigos que podiam ser nocivos ou fatais ao futuro de Angelina. Tudo foi inútil. Adeodata era viva, estouvada de mais para que alguém a pudesse conter.

Ela não me entendeu, nem me atendeu, voltou-se para Angelina, tomou-lhe uma das mãos, e perguntou:

— Você que pensa, prima? é noiva como eu, pode julgar-me: sentencie.

Angelina murmurou com voz branda e um pouco trêmula ao ouvido de Adeodata:

— Espere.

Percebi essa palavra que soou-me no coração como um gemido. Adeodata não soube interpretá-la, e insistiu, dizendo:

— A minha causa é a sua; fale.

Angelina reprimiu um movimento de impaciência e respondeu:

— Seja feliz, prima.

Era não responder, ou iludir a consulta.

— Quando lhe peço um juízo, manifesta-me um desejo!

Talvez de propósito Angelina sorriu-se.

— Já viram? exclamou Adeodata; Angelina tem pena de perder o seu tempo comigo! não posso enfadar-me com ela; mas protesto vingar-me. Eu lhe roubaria somente dez minutos; agora não; hei de roubar-lhe pelo menos uma hora.

— E de que modo?

— Digo-lhe, como me disse ainda há pouco — espere.

Não tardou muito que Paula se levantasse para retirar-se.

Acabando de abraçar sua prima, Adeodata voltou-se para Teófilo e disse-lhe:

— Sr. Teófilo quer ter a bondade de honrar-nos com a sua proteção acompanhando-nos até à nossa casa?

— Para que dar-lhe êsse incômodo, menina? observou Paula.

— Tenho medo de voltar só, minha mãe.

Teófilo imediatamente tomou o chapéu.

E Adeodata, abraçando outra vez Angelina, disse-lhe baixinho:

— Vinguei-me.

X X V

Eu devia esperar Teófilo que se prestara a ir hospedar-se por alguns dias em minha casa.

Achando-me só com Angelina e Plácida, senti-me aguilhoado pelo empenho de conhecer perfeitamente o sentimento que viera de súbito perturbar o ânimo da noiva de Teófilo; mas ao mesmo tempo peiava-me o temor de certificar-me do que eu já suspeitava.

Angelina ficara pensativa.

Plácida inundava-a com um olhar cheio de ternura e de contentamento; adivinhava-lhe a felicidade em um próximo futuro, e era por isso também feliz, ela que resumia na sobrinha todos os seus cuidados, e tôda a consolação de sua vida amofinada.

Depois de muito olhar Angelina, a tia Plácida perguntou-me:

— Que terá ela agora?

— Prepara-nos talvez um desencanto; respondi.

— Que idéia!

— Quer vêr?

Por única resposta Plácida inquieta empurrou-me de leve com a mão.

— Dir-se-ia que a visita de sua prima melan-
colizou-a; observei a Angelina.

— Adeodata é muito minha amiga.

— Ainda assim: podia inocentemente acordar-
lhe na alma algum triste pensamento.

— Não foi um pensamento, fui eu mesma que
acordei de um sono suavíssimo; mas, quando Adeo-
data chegou, já eu tinha despertado.

Fingi que não a compreendia.

— Perdôe-me; ousei acreditar que a notícia do
casamento de sua prima lhe avivara o desejo do
seu.

Angelina corou ligeiramente e respondeu-me:

— Era natural.

— Mas êsse justo desejo não devia causar-me
mágoa, porque temos a certeza de que o seu casa-
mento se efetuará também muito brevemente.

Angelina fitou em meu rosto um olhar firme
e penetrante, como se quisesse sondar a minha
alma; pouco depois replicou-me:

— Não é assim que pensa.

— Pôrque?

— Porque me conhece.

— Mas...

— E porque já suspeita que o meu casamento
vai ser outra vez adiado: há mais de uma hora que
me observa e me estuda.

— Como?... adiar-se ainda este casamento! e
a recomendação de seu pai?

— Hei de cumprí-la religiosamente.

— Em tal caso não esperará que acabe o prazo do seu luto.

— Esquece uma exceção que não esqueceu a meu pai.

— E qual é?

— O cumprimento de um dever que manda Teófilo ausentar-se de mim ainda por algum tempo.

— Que dever é êsse?

— O que o está chamando ao campo da guerra.

— Meu Deus! exclamou Plácida.

— Eis o desencanto que ela nos preparava! disse eu.

Angelina sorriu-se com uma expressão indizível de dôr e de resignação, e disse-nos:

— Custa-lhes?... e a mim?...

O tom com que ela perguntou — e a mim? patenteou-nos toda grandeza do sacrifício.

— A minha consciência já ditou irrevogavelmente o meu proceder, continuou ela; sou uma pobre mulher e a pátria uma realidade majestosa; não lhe disputarei Teófilo; sei que vou sofrer muito; sofreria, porém, ainda mais, se chegasse a desviar o meu noivo do caminho da honra.

— A noiva não tem o direito de impor o cumprimento dêsse dever ao noivo.

— Quem falou em impor? neste caso a simples idéia de imposição abateria o homem que há de ser meu marido; o que vou fazer é bem simples; compreendo que sou um obstáculo; afasto-me para que Teófilo passe, se quiser passar.

— Vai então aconselhar-lhe que siga para o exército. . .

— Nem conselho há de êle ouvir-me: em semelhante assunto o homem deve pensar melhor que a mulher; eu lhe direi unicamente: — “sou tua noiva: a situação em que me acho não é próspera; amas-me e prometeste casar comigo logo que voltasses de Portugal; estas considerações, a tua palavra, o teu amor, a tua generosidade, e se quiserem, a própria compaixão, te prendem a mim e anulam a tua liberdade; estás escravo de um dever para comigo, quando talvez queres cumprir outro dever que longe te chama: conheço-te, e porque te conheço emprego o único meio que pode restituir-te o livre arbítrio: partas ou não para a guerra, só me casarei contigo no fim da guerra.

E depois de um momento de silêncio, Angelina perguntou:

— Não é isto bem simples? haverá nisto conselho ou imposição?

— Teófilo não partirá! exclamou Plácida.

— Êle? não se lembra do que lhe ouvimos ainda há pouco? tenho guardadas no coração algumas palavras que o exaltaram muito a meus olhos, embora criassem um novo tormento para mim: êle disse: “Quem, pois, é brasileiro e capaz de levar ao ombro uma espingarda, deve ir bater-se pela honra da pátria, a menos que prefira receber a marca da cobardia”. Teófilo é brasileiro e capaz de levar ao ombro uma espingarda; portanto quer e deve ir bater-se pela honra da pátria.

Nem eu, nem Plácida respondemos a Angelina, que prosseguiu, dizendo:

— Noiva e egoísta, eu era como Adeodata, nem pensava na guerra! em minha imaginação, o que vou dizer é pueril, mas confesso-o, em minha imaginação cheguei a ver esta noite o meu véu, a minha grinalda, e o meu vestido de noiva; mas logo depois Teófilo falou, e o véu, e a grinalda, e o vestido sumiram-se, e só me ficou a convicção de que eu era uma barreira levantada diante de um dever sagrado que Teófilo desejara cumprir.

— Pobre menina! murmurou Plácida.

— Pobre... sim... atribulada; mas que hei de fazer? Teófilo tem razão, e um dia êle poderia, não dizer, mas somente pensar que não lhe coube uma parte na gloria dos vingadores do Brasil, porque teve de casar-se comigo. E quer saber? êle ainda não partiu para a campanha e eu já experimento a saudade, os sustos, as aflições da noiva do soldado exposto à morte... quando êle tiver partido... nem sei que diga? mas no meio destas torturas parece que me sinto exaltada e ufanosa de ser noiva do guerreiro.

Eu tinha deixado Angelina falar sem interrompê-la: porque o não direi? reconhecia, como ela, nas palavras de Teófilo a involuntária revelação de um nobre anelo, e no que resolvera a abnegada noiva a escrupulosa delicadeza de uma egrégia virtude; mas o cuidado do futuro da filha de Domiciano fazia-me estremecer; e já sem esperança de vê-la mudar de resolução, aventurei uma dúvida que,

com o concurso de Teófilo, eu poderia explorar de-
pois convenientemente.

— Talvez que interpretasse mal as palavras de
seu noivo, disse a Angelina.

— Fiz mais do que interpretar suas palavras:
li-lhe a alma.

— E se aconteceu enganar-se?

Subiam a escada nesse momento.

— Vou convencê-lo; respondeu-me Angelina.

— Poupe-o; disse-lhe eu; não lhe fale em sepa-
ração no dia da chegada.

Teófilo entrou.

Eram quase dez horas da noite; despedimo-nos.

Quando Teófilo lhe beijava a mão, Angelina
interrogou-o:

— Como qualifica o proceder do noivo de
Adeodata?...

— E' indigno, respondeu-lhe Teófilo.

Ela voltou-se para mim, e perguntou-me:

— Ouviu?

Era a convicção que acabava de prometer-me.

XXVI

Sáimos da casa de Angelina.

Caminhamos ao lado um do outro: nossos bra-
ços às vezes se tocavam; mas, há tanto tempo au-
sente, há tão poucas horas chegado, e sem que ain-
da houvéssemos conversado, Teófilo não me falava,
nem eu lhe dirigia a palavra.

Como de concerto, guardávamos ambos silêncio.

Eu pensava em Angelina.

Considerarei-a ferida pela morte de seu pai, com o coração imerso na amargura, e depois de vinte e um anos passados na abundância e no suave descuido de quem não tem que velar pelas precauções do dia de amanhã, atirada de repente na pobreza, com que nunca sonhara, e na necessidade do trabalho aturado e excessivo que nunca tinha experimentado.

Em tais circunstâncias, que mais pode desejar e pedir ao céu uma donzela, quando o céu lhe manda um noivo amado e cheio de amor, de nobreza, de virtudes para aditar-lhe a alma, e rico de generosidade e de ouro para encher-lhe a vida de flôres, de festas e de gozos inocentes?

Teófilo acabava de trazer tudo isso a Angelina, e curvo a seus pés oferecia-lhe consolação, amor, felicidade, proteção, riqueza.

E era Angelina quem lhe ia dizer: "Ainda não".

Às vêzes parecia-me impossível que Angelina houvesse tomado a resolução que há pouco me declarara.

Ela amava apaixonadamente Teófilo e ousava condenar o seu amor aos martírios da ausência, e às dúvidas e às mais cruéis incertezas do futuro.

Teófilo era a sua única esperança, a única luz que brilhava no horizonte da sua vida, e ela atrevia-se a arriscar essa esperança, que a espada de

um inimigo podia cortar para sempre, essa luz que era fácil de apagar-se nos horrores de uma batalha!

E capaz de sufocar assim êsse amor tão grande, e essa esperança tão risonha, nem lhe lembravam por um só instante as fadigas do trabalho e os sofrimentos da pobreza.

Mas Deus que fêz a mulher tão fraca, permitiu que na grandeza da abnegação a mulher pudesse tocar à sublimidade.

Eu admirava Angelina sem poder deixar de lamentá-la.

Quando mais dominado estava por estas reflexões, senti que instintivamente havia parado à porta da minha casa.

Teófilo parara também a meu lado; mas ainda silencioso, como até êsse momento eu estivera.

Entramos.

Sorri-me para Teófilo que se sentara defronte de mim, e disse-lhe:

— Viemos até aqui como dois homens que se aborrecem.

— Ou como dois amigos que dormiram, andando.

— Ao contrário: eu creio que nunca velamos tanto.

— Também é possível.

— Creio mais, que assim como nossos corpos andaram ao lado um do outro, nossas almas se acharam igualmente e sem o perceber combinadas, cogitando do mesmo objeto.

— Pode ser: eu pensava em Angelina.

— Foi nela que também pensei.

— Erramos então: deveríamos ter conversado.

— Quem sabe!

— Porque diz isso?

— Talvez lhe custasse o ter de ocultar-me algum dos seus pensamentos.

Teófilo não me respondeu, e pareceu-me que por breves momentos ficara embaraçado e perplexo.

— Já vê que não me enganei; mas os segredos das almas leais transpiram fàcilmente: túmulos dos segredos que lhes confiam, essas almas não sabem guardar os próprios.

— Que conseguiu então descobrir no meu espírito indiscreto? perguntou-me o meu jovem amigo, afetando um tom jovial.

— Não descobri: foi o seu próprio espírito que em um impulso de entusiasmo atraçou-se, deixando entreluzir um desejo que generoso nos esconde.

— Mas... que desejo?

— O de partir para a guerra.

Teófilo estremeceu.

— Não! disse êle com fogo: não é um desejo que eu sinto; era impossível que eu desejasse separar-me de Angelina e demorar por mais tempo o meu casamento. Oh! não pode compreender como eu amo êsse anjo que vai ser minha mulher! admirando sua formosura, adorando suas virtudes, eu pergunto a mim mesmo como pude merecer o seu amor, e tenho medo de ser castigado pelo orgulho que me inspira tão grande felicidade.

— E todavia . . .

— Não, meu amigo; ainda quando o amor, a paixão mais ardente não me estivesse encadeando aos pés de Angelina, e assegurando-me a maior dita na terra, como a fé assegura ao crente a benaventurança no céu, bastava a situação em que vim encontrar a minha bela noiva para não permitir-me outra ambição que não fôsse a de dedicar-lhe tôda minha vida, todos os meus desvelos no doce empenho de torná-la feliz.

— Mas no meio dessa paixão que eu reconheço e dêsse empenho tão digno, vem às vêzes, confesse-o, uma idéia, já não digo um desejo, uma idéia patriótica, que lembra-lhe a guerra em que se lançou o império para desagravar sua honra ofendida.

— Sou brasileiro, disse Teófilo.

— Sejamõs francos: tornei-lhe eu; essa idéia é um verdadeiro desejo que o patriotismo acende, e que só as circunstâncias em que encontrou sua noiva conseguem apagar.

— E o meu amor? esquece-o?

— Faria à pátria o sacrificio de alguns meses da mais desejada ventura.

Teófilo curvou a cabeça, refletiu e depois disse-me:

— Se faria êsse sacrificio, não sei: ainda bem que se não pode dar o caso de uma luta entre o amor de Angelina e o da pátria. Eu não tenho o direito de pensar em ir combater pelo meu país.

— Mas pensa.

Teófilo prorrompeu.

— Pois sim! e como não fazê-lo? não desejo, repito, correr para o campo da glória; porque não posso, e não devo ausentar-me de Angelina. A esperança de minha querida noiva está tôda dependente de mim só, a do Brasil se estende majestosa fundada na dedicação de milhões de filhos; mas é certo que se eu não tivesse visto, se não tivesse amado Angelina, nenhum poder humano me conteria longe do teatro da guerra; e ousou mesmo dizê-lo, se Domiciano fôsse vivo, eu saberia cumprir o mais santo dever, e antes de consagrar a vida à minha espôsa, eu iria primeiro arrostar a morte combatendo pelo Brasil.

— Portanto Angelina tem razão: disse eu subitamente.

— Angelina!

— Foi ela quem primeiro compreendeu que a pátria lhe estava disputando o noivo.

— Meu Deus! exclamou Teófilo apertando a cabeça com as mãos.

Logo depois veio sentar-se junto de mim, e ansioso perguntou-me:

— Que lhe disse Angelina? que pensa ela de mim?

Não me fiz rogar: referi tudo quanto ouvira e observara nessa noite, e concluindo, comuniquei ainda a Teófilo a resolução que a sua noiva tomara.

— Não há de ser assim! disse êle com veemência e paixão: eu falarei a Angelina, e conseguirei destruir êsses escrúpulos desabridos que vem se opôr à nossa felicidade.

— E não será tarde agora?

— Fui imprudente; não medi minhas palavras; tenho de tudo a culpa; mas a minha noiva há de ceder ao empenho ardente e enérgico do meu puro e estremeado amor.

— Conhece bem a filha de Domiciano?

— Porque o pergunta?

— Não há considerações, nem sentimento, nem influência que possam desviá-la do cumprimento do dever.

XXVII

Sucedeu o que eu tinha previsto.

Angelina mostrou-se inabalável no propósito que a consciência lhe suggerira.

Nem os conselhos da minha amizade, nem a intervenção de Plácida, nem as explicações, os protestos e as instâncias do seu noivo puderam dissuadi-la do que havia já resolvido.

A todos nós e a tudo respondia com a mais inflexível simplicidade:

— Não devo: dizia ela.

Quando Teófilo mais aflito se mostrava, Angelina tomava-lhe uma das mãos, apertava-a entre as suas, e olhando-o com ternura, falava-lhe assim:

— Sofres muito? sofrerás muito? e eu?... abençoemos porém êste sofrer dos nossos corações, já que não é possível evitá-lo: há nele, em todo caso, uma suave consolação que é o sorrir da consciência adoçando as lágrimas da sensibilidade: olha, Teófilo, o amor é como a planta odorífera que macera-

da muito mais recende; a tributação o acrisola: nós não sucumbiremos a estas novas provações, e no fim delas tu, ainda mais contente de mim, e eu, ainda mais digna de ti, seremos tão felizes, como Deus permite que mais se possa ser na terra.

Outras vêzes dizia-lhe:

— Compreendes bem o sacrificio a que me submeto? custa-te êle extremamente, eu sei; mas é o apuro do meu amor. Sabes o que te diz êste sacrificio? diz que eu me esqueço de mim, porque só cuida de ti. Teófilo, não me chames teimosa; chama-me o que sou, tua noiva apaixonada: as noivas são egoístas: no meu proceder há certamente egoísmo, porque o meu eu és tu.

Angelina parecia querer indenizar-se da própria abnegação, manifestando ao noivo tôda a fôrça e tôda a magia do seu amor.

E Teófilo, dominado por essa fôrça, possuido dessa magia, curvo aos pés da encantadora moça, rogava-lhe cada vez mais instante e fervorosamente que não lhe adiasse a glória de chamá-la espôsa.

Ela, porém, lhe respondia sempre:

— Não devo.

Perdidos três dias nesta luta infrutuosa, nós conspiramos contra a obstinação de Angelina.

Executando o nosso plano, Teófilo declarou à sua noiva que, pois ela o condenava a esperar pela terminação da guerra para efetuar o seu casamento no intuito de não impedir-lhe o cumprimento do seu dever de brasileiro e patriota, aguardaria a chegada de sua mãe, que regularia o seu proceder, dando-lhe

ou negando-lhe licença para ir reunir-se aos bravos guerreiros do império.

Angelina absteve-se de fazer a menor observação: ouviu atenta o que lhe dizia Teófilo; mas não deixou entrever o que pensava do seu alvitre.

O meu jovem amigo e Plácida julgaram de bom agouro o silêncio de Angelina; eu não aventurei juízo algum: também conspirava, é certo; quase, porém, sem esperança de resultado.

Cândida tinha escrito a seu filho anunciando-lhe o dia da sua partida para a côrte: podíamos, portanto, marcar a hora da sua chegada.

Devíamos tirar a Angelina o menor motivo de suspeita ou de desconfiança da nossa conspiração.

Penso que a exageração da prudência comprometeu-nos um pouco.

No dia em que Cândida tinha de chegar, eu fui recebê-la na estação da estrada de ferro de D. Pedro II, e Teófilo sujeitou-se a ir esperá-la na casa de Angelina, a quem esta precaução não deixaria conjecturar que a mãe e o filho se houvessem entendido no assunto que esta devia resolver.

Eu me encarregara de prevenir e preparar Cândida.

Entrando em casa de Angelina, Teófilo percebeu logo que fôramos prudentes de mais.

— E nossa mãe? perguntou-lhe Angelina.

— Vim esperá-la aqui: fiz mal?

— Ela contava sem dúvida que o filho corresse a recebê-la na estação.

— Desagradei-te, Angelina?

— Não me desagradas nunca, Teófilo; mas nossa mãe julgará que tua noiva começa muito cedo a roubar-lhe o filho.

— Quis poupá-la a uma forte e natural comoção aos olhos de muitos indiferentes.

— Precautela-te: hei de acusar-te sem piedade para que nossa mãe me absolva.

Cândida, Sílvia e Carlos chegaram enfim.

A natureza fruiu com avidez uma hora de encantamento e de celeste alegria.

Eu entrei quase desapercibidamente, aproveitando aquêlê alvorôço dos corações, em que mãe e irmãos pagavam ao filho e irmão, e dêle recebiam o mais doce dôs tributos, o desafôgo de uma longa e da mais viva saudade.

Alegre se adiantava o dia, quando fizemos romper a nossa pobre conspiração.

Cândida e Carlos tinham aderido a ela fácil e prontamente: Carlos, pensando como seu irmão, só nas circunstâncias excepcionais em que o achava, podia dar-lhe escusa de não ir combater pela pátria: Cândida, estremecendo por seu filho, mas zelosa dos seus brios e da sua honra, agradecia ao céu o justo motivo que o apartava da guerra, sem ressentimento e sem quebra do dever.

Sílvia, muito menina ainda, não teve conhecimento da nossa trama.

Era o momento de empregar nosso último recurso.

Teófilo expôs com precisão e sentimento o que sua noiva inesperadamente havia resolvido; quei-

xou-se da pertinácia com que ela insistia em espalhar o seu casamento até o fim da guerra, e concluiu declarando a sua mãe que em tal caso lhe pedia licença para seguir a incorporar-se aos valentes que já estavam em campanha.

Vi Angelina palpitante e ansiosa. Animei-me: abri minha alma à esperança.

Sílvia lançou-se nos braços de sua mãe, exclamando:

— Não o deixe ir, minha mãe! não o deixe ir!

Carlos disse gravemente:

— Meu irmão nossa mãe não pode permitir-te o que lhe pedes

Cândida ficara muda, triste e com os olhos rasos de lágrimas.

A extremosa mãe não fingia; estava realmente presentindo uma separação que devia angustiá-la.

— E' minha mãe que decide, respondeu Teófilo a seus irmãos.

Cândida, conseguindo dominar-se, disse simplesmente, mas com voz resoluta:

— Não consinto.

Angelina esremeceu.

Teófilo simulou empregar alguns esforços para persuadir sua mãe a dar-lhe a licença que pedira.

— Carlos é doente, replicou ela; eu estou velha, tua irmã é uma menina, e tu o chefe da nossa família, meu natural protetor e de Sílvia, quando mesmo não fosses noivo de Angelina, não tinhas o direito de ir arriscar uma vida que nos pertence. Não consinto.

Teófilo curvou a cabeça abatido e respeitoso: deixou passar alguns momentos, e voltando-se para sua noiva, perguntou-lhe com o acento o mais terno:

— Ouviste, Angelina? e agora? resistes ainda?

Com os nossos ouvidos nossas esperanças prenderam-se aos lábios da formosa moça.

Angelinaolveu lentamente os olhos pela sala, sondou todos os corações em todos os semblantes, sorriu-se depois agridocemente e respondeu:

— Teófilo, serei tua espôsa quando terminar a guerra.

— E' crueldade! murmurou Sílvia.

— Não é crueldade, minha irmã, é dever; observou Angelina.

Teófilo parecia sucumbido como o condenado a quem acabam de intimar uma terrível sentença.

O rosto de Angelina se contraía penosamente: era fácil imaginar quanto estava sofrendo aquela vítima da mais nobre abnegação.

Cândida beijou-lhe a fronte, não sei se sòmente com amor, ou se também com veneração: logo depois falou-lhe com doçura:

— És razoável e prudente, minha filha; peço-te que me ouças, eu te convencerei: vem comigo.

E levou a noiva de seu filho para o gabinete que dantes era ocupado por Domiciano.

— Escolheu desastradamente o pior lugar para procurar convencê-la; observei eu.

— Meu irmão, disse Carlos, nossa mãe beijou Angelina na fronte; tu devias ter corrido a beijar-lhe a mão de joelhos.

Teófilo tinha os olhos pregados na porta do gabinete, e não nos ouvia mais.

— Talvez que minha mãe consiga vencer a obstinação de Angelina; disse brandamente Sílvia.

— Sim, menina; acudiu Plácida: esperemos sempre em Deus.

— Tôda esperança é vã, respondi; Angelina será inflexível.

Absorvemo-nos todos naquele triste silêncio que anuncia a mágoa, o receio do mal, e a anulação da esperança.

Levantamos finalmente os olhos, ouvindo o leve ruído da porta do gabinete que se abria.

Cândida trazia Angelina pela mão.

— Meu filho, disse ela, tua noiva resistiu a tôdas as minhas solicitações, a todos os meus rogos, e persevera no que divisa seu dever: respeite-mo-la por isso mesmo; resigna-te.

Teófilo exaltou-se e falou com veemência.

— Pois bem! Angelina impôs-se e impõe-me um sacrifício doloroso; foi surda às minhas instâncias e aos conselhos dos seus amigos; triunfou de uma prova de um ardil que há pouco experimentamos, quando fizemos minha mãe dizer que não consentia na minha partida para o exército; ela pois nos domina, nos submete com a energia da sua vontade às regras da sua consciência, ainda não recuou um passo, uma linha sequer; ainda não nos fêz a mais pequena concessão; pois bem! uma vez ao menos seja condescendente conosco e complacente comigo. Angelina! sou teu noivo. noivo abençoado por teu

pai; tenho já o direito de ouvir-te; peço-te que fales, exijo que fales; quero-te por árbitro do meu destino; quero obedecer-te cegamente; que devo fazer? çize!

— Não! não! respondeu Angelina vivamente abalada.

— Oh! é muito! mas eu te estou pedindo que me dês a consolação, a glória de saber que te agrado, que me acompanhas com o aprazimento do teu coração na vida que me espera durante o prazo que marcaste; fala pois! eu te peço pelo nosso amor!... peço-te...

Comovida, agitada, convulsa e como acesa em súbita inspiração, Angelina interrompeu Teófilo, dizendo:

— Basta; vou ceder ao teu empenho; com uma condição porém...

— Em teu ânimo já uma resolução qualquer está tomada; não o negues...

— Pois sim... mas que tem isso?

— Se os nossos pensamentos forem diferentes, se os conselhos de nossas consciências não forem os mesmos, has de seguir de preferência o teu; juras fazê-lo?

Teófilo hesitou.

— A tua hesitação importa o meu silêncio.

— Juro, disse Teófilo.

— Entra, pois, neste gabinete; escreve a resolução que já tomaste, e traze-me dobrado o papel que contiver o penhor da tua palavra.

Em poucos instantes Teófilo executou o singular preceito da sua noiva.

Angelina depositou nas mãos de Cândida o papel cuidadosamente dobrado.

O fogo do entusiasmo encheu de raios seus olhos e abraçou suas faces :

— Agora sim, eu falo! exclamou ella.

E com voz sonora e firme, com os olhos em fogo e lágrimas, e com animado sorriso nos lábios, disse :

— Teófilo! deves partir para a guerra.

Cândida abriu o papel e leu:

— Angelina! eu parto para a guerra.

XXVIII

1.º de agosto de 1865. — Hoje, às 11 horas da manhã, largáram para a província do Rio Grande do Sul, os vapores **Santa Maria** e **Oyapock**.

No **Santa Maria** vai o príncipe conde d'Eu, que entusiasmado se apressa a reunir-se ao Imperador e ao príncipe duque de Saxe; também como estes, elle se ausenta da espôsa pelo serviço e defesa da pátria que adotou.

A dedicação cívica do Imperador e dos príncipes é uma glória do Brasil que ufano os contempla, os saúda e os apresenta ao mundo, radiando augustos com o amor sagrado e nobre de uma nação livre.

O conde d'Eu, o espôso da princesa imperial, é mais um guerreiro que parte; com elle vão mil

voluntários da pátria ajuntar-se a muitos mil que já foram, enquanto ainda muitos mil se preparam para seguí-los.

No meio dos horrores da guerra é grande consolação o majestoso pronunciamento dêste povo, que ao brado da nação ofendida ergueu-se como um só homem para punir o ofensor.

O patriotismo brasileiro realiza o milagre que a vaidade de Pompeu sonhou e que Roma não quis efetuar. A um aceno do patriotismo saiu da terra um exército.

Entre os **voluntários da pátria** embarcados às nove horas da manhã, no **Santa Maria**, notou-se logo um elegante moço a quem os companheiros tratavam com simpatia e distinção

E todavia era um simples soldado.

O príncipe chegou ao vapor pouco depois das dez horas, e apenas viu o jovem e belo voluntário, reconheceu-o, aproximou-se dêle sorrindo, e falou-lhe afavelmente

De volta da Europa, em sua viagem de Portugal para o Brasil o príncipe tinha encontrado êsse mancebo entre os passageiros do **Estramadure**.

O elegante e simpático voluntário, era Teófilo.

Apresentando-se no quartel de Niterói, a capital da sua província, para jurar bandeira, Teófilo, conhecido por seu caráter distinto, pela sua instrução, e pelo seu elevado merecimento, recebeu o justo oferecimento do posto de capitão, e do comando de uma companhia de voluntários.

— Não desejo comandar, disse êle; para pagar

o tributo
espingarda
E T
soldado

São
casa de
He

pois —
Angeli
dôr da

G
C

Teófilo
requ
mici

per
pob
per

di
or
t

o tributo que devo à minha pátria, basta-me uma espingarda.

E Teófilo parte para a guerra como simples soldado.

* * *

São duas horas da tarde; acabo de chegar da casa de Angelina.

Heróica ao despedir-se de seu noivo; logo depois — mulher sensível e apaixonada somente, Angelina ficou ainda em pranto e tôda entregue à dôr da mais violenta saudade.

Que abnegação e que altivez de donzela!

Os últimos dias que precederam à partida de Teófilo, patentearam-nos ainda uma vez todo o requinte do melindre e da virtude da filha de Domiciano.

Naturalmente preocupado da situação difícil e penosa em que ficava Angelina reduzida a tanta pobreza, Teófilo pediu-lhe quase de joelhos que lhe permitisse deixar-lhe uma sufficiente mesada.

— És apenas meu noivo; não tenho, pois, o direito de recebê-la de ti, respondeu ela; mas tranquiliza-te; eu e minha tia trabalhamos, e o nosso trabalho dá-nos quanto nos é necessário.

Cândida propôs que Angelina e Plácida aceitassem amiga hospedagem na sua fazenda durante a ausência de Teófilo.

Angelina agradeceu o delicado convite, e disse:

— Meu pai viveu tantos anos nesta casa, deixou-me nela tantas e tão suaves recordações que

só poderei abandoná-la, quando vier buscar-me um homem a quem amo como a meu pai amava. E aqui, pois, que Teófilo me encontrará.

E quando o seu noivo se entristecia por não poder triunfar dessa firmeza de princípios, ela lhe apertava as mãos, sorria docemente, e o encantava, dizendo :

— Ingrato, que te entristeces! não vês que é para ti que eu zelo esta pureza altiva que herdei de meu pai? volta; sê meu espôso, e têr-me-ás por escrava.

* * *

Talvez que haja excesso na virtude de Angelina; quando, porém, a descrença, o egoismo e a ambição corrompem os costumes e depravam a moral da sociedade, a virtude, ainda mesmo excessiva, é uma lição que pode aproveitar ao povo.

Angelina representa o **culto do dever**.

Tem-se falado; fala-se muito em direitos.

E é justo.

Mas é indispensável que também se fale no **dever**; que se compreenda, que se cumpra o **dever**.



L. DE MACEDO

ndo vier buscar-me um
a meu pai amava. E
ncontrará.

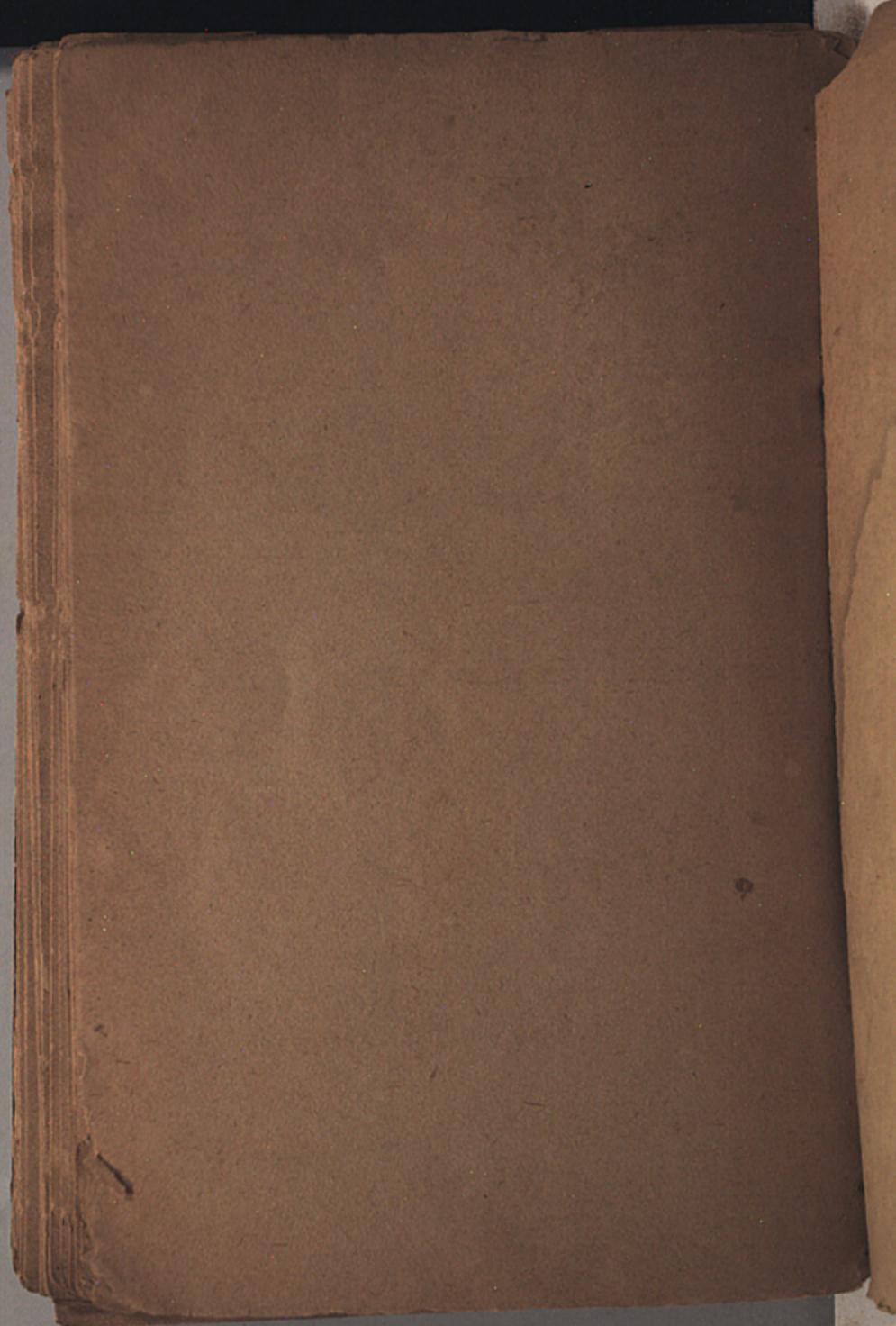
se entristecia por não
de princípios, ela lie
mente, e o encantava.

teces! não vês que é
za altiva que herdé
boso, e tér-me-ás por

a virtude de Ange-
o egoísmo e a am-
depravam a moral
esmo excessiva, é
provo.

lo dever.
em direitos.

bém se fale no
cumpra o dever.



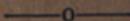


Dom M. esgr
50

"COLEÇÃO AZUL"

um empreendimento editorial destinado a colocar ao alcance do grande público, as mais famosas obras dos melhores autores universais, em volumes de formato portátil que custam

SEIS CRUZEIROS APENAS!
e cabem em qualquer bolso de homem e em qualquer bolsa de senhora

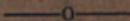


VOLUMES PUBLICADOS

J. Cazotte — AMORES DO DIABO

P. Zaccone — O CORREIO DE LIÃO

B. Guimarães — O INDIO AFONSO



OBRAS DE J. M. MACEDO

- 1 — As Mulheres de Mantilha Cr\$ 16,00
2 — O Rio do Quarto Cr\$ 10,00
3 — O Culto do Dever Cr\$ 10,00


Editora Aurora

RUA DO NUNCIÓ - 64
RIO